

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**GLADIS HOERLLE**

**ENVELHECER NA CIDADE: MEMÓRIAS DE MULHERES**  
**APOSENTADAS ORIUNDAS DO ESPAÇO RURAL (MARECHAL CÂNDIDO**  
**RONDON - PR)**

**Marechal Cândido Rondon**

**2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**GLADIS HOERLLE**

**ENVELHECER NA CIDADE: MEMÓRIAS DE MULHERES**  
**APOSENTADAS ORIUNDAS DO ESPAÇO RURAL (MARECHAL CÂNDIDO**  
**RONDON - PR)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Orientação: Prof. Doutora Méri Frotscher Kramer

**Marechal Cândido Rondon**

**2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

H694e Hoerlle, Gladis  
Envelhecer na cidade: memórias de mulheres aposentadas oriundas do espaço rural (Marechal Cândido Rondon) / Gladis Hoerlle. - Marechal Cândido Rondon, 2013.  
170 p.

Orientadora: Prof. Dr. Méri Frotscher Kramer

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2013.

1. Mulheres - Memórias. 2. Envelhecimento. 3. Migração campo-cidade. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 22.ed. 305.4

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

Àqueles que me deram a vida, Levida e Hugo  
(em memória) meus pais.  
Àqueles com cuja vida fui presenteada, Alana  
Sibeli e Alan Rodrigo, meus filhos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que fazem parte da minha vida e que de alguma forma contribuíram para meu crescimento e amadurecimento pessoal. Por isso, agradeço de coração a todos.

Agradeço aos professores do programa de Pós-Graduação em História: Prof. Dr. Robson Laverdi, Prof. Dra. Geni Rosa Duarte, Prof. Dra. Yonissa Marmitt Wadi, Prof. Dra. Méri Frotscher Kramer, e Prof. Dr. Rinaldo José Varussa, por contribuírem na minha formação ao compartilhar seus conhecimentos durante as aulas ministradas.

Aos professores da Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades pelas contribuições durante os encontros de estudo e pesquisa.

Em especial, à Prof. Dra. Méri Frotscher Kramer, amiga e orientadora desta pesquisa, pela seriedade, empenho, paciência e dedicação durante a elaboração deste trabalho. Muito obrigada.

Aos professores Dra. Gláucia de Oliveira Assis e Dr. Marcos Nestor Stein, pelos apontamentos, críticas e sugestões apresentados no exame de qualificação e, também por terem aceitado, mais uma vez, comporem a banca de defesa.

Aos colegas de mestrado, Abigail, Alexandre, Caroline, Marilda, Nichelli e Patrícia, amigades desenvolvidas durante os bate-papos nas aulas, almoços e cafezinhos, e, pelas suas contribuições nas incansáveis discussões de textos durante as aulas. Especialmente à Marilda, amiga e agradável companheira de viagens para apresentação de trabalhos em Nova Andradina e Buenos Aires.

Em especial às mulheres entrevistadas, Carmelita, Dora, Irmélia, Maria Adélia, Olinda Camila, Reni e Valéria, que gentilmente me receberam em suas casas e concordaram em narrar suas histórias de vida, que são a base deste trabalho.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe Levida, cuja história de vida serviu de inspiração para este trabalho.

Aos meus filhos, Alana Sibeli e Alan Rodrigo que eu amo de coração.

Ao Felisteus, pelo apoio e incentivo.

Aos meus irmãos, Nélio e Etio e seus familiares.

A todas minhas amigas, especialmente Dilair, Gerda e Maria Adelaide, que compartilham o gosto pela História.

### **Assim eu vejo a vida**

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

O passado foi duro

mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar

Minha condição de mulher,

Aceitar suas limitações

E me fazer pedra de segurança  
dos valores que vão desmoronando.

Nasci em tempos rudes

Aceitei contradições

lutas e pedras

como lições de vida

e delas me sirvo

Aprendi a viver.

**Cora Coralina.**

## RESUMO

O presente trabalho investiga narrativas de memória de mulheres idosas, que quando jovens trabalharam na agricultura e, depois de aposentadas, foram morar no espaço urbano de Marechal Cândido Rondon, Oeste do Paraná. A mecanização da agricultura, introduzida na década de 1970, e outras transformações no processo de produção no campo desde então, provocaram profundas mudanças nos modos de viver e trabalhar. Muitos dos colonos, ao adentrar a velhice e conquistar a aposentadoria, mudaram para o espaço urbano, deixando a propriedade ao cuidado dos filhos adultos ou, no caso dos proprietários de áreas de terra menores, as venderam para grandes produtores, investindo noutro tipo de atividade, ou, vivendo de sua aposentadoria. Nesse sentido, através de entrevistas de histórias de vida, analisamos a experiência da migração e as relações campo-cidade ainda existentes, os estranhamentos e a progressiva adaptação à cidade, bem como a construção de novas relações de pertencimento. Além disso, procuramos perceber as mudanças nos papéis sociais e nas sociabilidades destas mulheres, o empoderamento adquirido pela conquista da aposentadoria e significados que atribuem a este processo.

Palavras-chave: envelhecimento, mulheres, gênero, memórias, migração campo-cidade.

## **ABSTRACT**

### **AGING IN THE CITY: MEMORIES OF RETIRED WOMEN FROM THE COUNTRYSIDE (MARECHAL CÂNDIDO RONDON)**

This work researches elderly women memory narratives that when young worked in agriculture and after retirement went to live in urban areas of Marechal Cândido Rondon, western Paraná. The mechanization of agriculture introduced in the 1970's and other transformations in the production process in the field since then, led to deep changes in ways of living and working. Many of the settlers as aged and achieved the retirement, moved to urban areas, entrusting the property to the adult children's care, or in the case of owners of smaller lands, sold them to large producers to invest in another type of activity or living on their retirement. In this sense, through interviews of life stories, we analyze the experience of migration and rural-urban relationships that still exist, the strangeness and progressive adaptation to the city as well as the building of new relationships of belonging. Furthermore, we understand the changes in social roles and the sociability of these women, the empowerment acquired by retirement achievement and meanings they attribute to this process.

Keywords: aging, women, gender, memories, rural-urban migration.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Mapa 1 – Área colonial da MARIPÁ .....</b>	<b>27</b>
<b>Mapa 2 – Localização do município: Marechal Cândido Rondon - PR .....</b>	<b>65</b>
<b>Mapa 3 – Localização dos distritos do município: Marechal Cândido Rondon – PR – 1982 .....</b>	<b>67</b>
<b>Mapa 4 – Distritos desmembrados de Marechal Cândido Rondon – Pr -1993 .....</b>	<b>68</b>
<b>Tabela 1 – Evolução da população rural e urbana de Marechal Cândido Rondon – PR.....</b>	<b>70</b>
<b>Gráfico 1 – População de Pessoas de 65 anos e mais segundo Sexo – Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2010 a 2020 .....</b>	<b>113</b>
<b>Gráfico 2 – Proporção de Pessoas de 65 anos e mais no Total da População – Brasil, 1940 a 1996 e Projeções 2010 a 2020.....</b>	<b>113</b>
<b>Tabela 2 – População Censitária de Marechal Cândido Rondon segundo faixa etária e sexo - 2010.....</b>	<b>114</b>

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo I – Tempo de semear: Memórias da migração e da vida no espaço rural .....</b>	<b>25</b>
<b>1.1. Migração, trabalho na roça e cotidiano .....</b>	<b>30</b>
<b>1.2. “Por que na colônia, o que que a gente tinha?” .....</b>	<b>42</b>
<b>1.3. Cotidiano e sociabilidades .....</b>	<b>47</b>
<b>1.4. Posições de gênero na colônia .....</b>	<b>53</b>
<b>1.5. Memórias (e esquecimentos) da vida no espaço rural .....</b>	<b>58</b>
<b>Capítulo II – Tempo de colher: Da colônia para a cidade .....</b>	<b>65</b>
<b>2.1. Cidade, cotidiano e novas sociabilidades .....</b>	<b>73</b>
<b>2.2. Relações dinâmicas entre campo e cidade .....</b>	<b>95</b>
<b>2.3. A aposentadoria como uma conquista das mulheres.....</b>	<b>99</b>
<b>Capítulo III – Tempo de viver: Envelhecimento e sociabilidade na cidade .....</b>	<b>111</b>
<b>3.1. Práticas e espaços de sociabilidade na cidade .....</b>	<b>111</b>
<b>3.2. A velhice como a “Melhor Idade” .....</b>	<b>126</b>
<b>3.3. Tempo de lazer e do cuidado de si.....</b>	<b>134</b>
<b>3.4. Velhice: tempo de lembrar? Entre a memória e o esquecimento.....</b>	<b>139</b>
<b>3.5. Velhice e família .....</b>	<b>145</b>
<b>3.6. “Tanta vontade eu tenho de viver” .....</b>	<b>149</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>157</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>161</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>167</b>
<b>Orais.....</b>	<b>167</b>
<b>Escritas.....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como propósito a reflexão acerca das experiências e memórias de mulheres agricultoras aposentadas que vivem no espaço urbano do município de Marechal Cândido Rondon, extremo Oeste do estado do Paraná.<sup>1</sup> Estão em foco mulheres que, depois de uma vida de trabalho intenso na “colônia”, como se referem à propriedade rural, deixaram, acompanhadas de suas famílias, aquele espaço para vir morar na “cidade”, o espaço urbano do município, na busca de um envelhecimento “mais tranquilo” e de um ambiente no qual estivessem mais próximas de outras pessoas da mesma geração.

O conjunto de mulheres entrevistadas para este trabalho tem em comum a geração e as experiências vividas desde a migração a partir do Sul do país para a região, além do seu deslocamento do campo para o espaço urbano. Estas mulheres, todas oriundas de áreas rurais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, migraram para a região Oeste do Paraná nas décadas de 1950 e 1960, durante o processo de ocupação das terras promovido pela Companhia Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná Ltda (MARIPÁ), iniciado a partir de fins dos anos 1940. Todas nasceram e foram criadas no meio rural, trabalharam a maior parte de suas vidas junto com os maridos e filhos na agricultura, na condição de pequenas proprietárias, e mais tarde, se mudaram com parte da família para o espaço urbano do município.

Através de narrativas de História Oral, pretendemos analisar as experiências e as memórias destas mulheres, hoje aposentadas, considerando as transformações socioeconômicas e dos espaços ocorridas nas últimas décadas. Através de um enfoque que busca contemplar as relações de gênero, analisamos as experiências femininas nos processos migratórios para a região e os deslocamentos do campo para a cidade, como lidaram e lidam com as transformações ocorridas no cotidiano da região e em suas próprias vidas, e como significam a aposentadoria e o processo de envelhecimento vividos na cidade.

---

<sup>1</sup> O município possui uma área de 748.281 km<sup>2</sup> e uma população de 46.819 habitantes. É composto pela sede municipal e sete distritos: Bom Jardim, Iguaporã, Margarida, Novo Horizonte, Novo Três Passos, Porto Mendes e São Roque. O solo de terra roxa é fértil, adequado ao plantio de soja, milho e trigo, produtos agrícolas cultivados. A topografia é considerada plana, sendo que 71% do solo, ou seja, 40.500 hectares são mecanizáveis e altamente férteis. [www.ipardes.gov.br/index.php%3Fpg\\_conteudo%3D1%26cod\\_co...](http://www.ipardes.gov.br/index.php%3Fpg_conteudo%3D1%26cod_co...) . Acessado em 27/03/2013.

A ocupação do atual município, a partir de fins dos anos 1940, da qual muitas delas tomaram parte, havia sido baseada em pequenas propriedades rurais, nas quais mulheres e homens se dedicavam à produção agropecuária, inicialmente para a própria família, mais tarde para o mercado.<sup>2</sup>

A partir dos anos 1970, o processo de mecanização de agricultura resultou em drásticas alterações na região, como o êxodo rural. A agricultura, que era basicamente familiar, passou a sofrer com as consequências da produção em grande escala, principalmente de soja e milho. O mercado do agronegócio que estava despontando na década de 1970 exigia que os agricultores investissem na modernização das técnicas de cultivo para incrementar a produção. Esse tipo de agricultura veio acompanhado de consequências socioeconômicas, como a concentração de terras em áreas maiores nas mãos de um número menor de agricultores, enriquecendo alguns e empobrecendo outros. Com isso houve a constituição de uma nova paisagem agrícola, com o cultivo em larga escala de produtos destinados unicamente ao mercado de consumo. Para os que mantiveram suas atividades no campo, seu cotidiano sofreu drásticas alterações no modo de viver e trabalhar.<sup>3</sup>

A instalação da usina hidrelétrica de Itaipu<sup>4</sup>, no início dos anos 1980, e o conseqüente alagamento das terras que ladeavam o Rio Paraná, também provocou mudanças no cenário fundiário da região. Ela levou à desapropriação das terras que seriam alagadas e à saída de muitos agricultores do campo em direção à cidade. Alguns dos agricultores que receberam indenização da Itaipu pelas suas propriedades usaram o dinheiro que receberam como indenização de suas propriedades para comprar imóveis e viver na cidade, outros, muitos dos quais, expropriados, se mudaram da região.

As mulheres entrevistadas para essa dissertação se mudaram para o espaço urbano por diferentes razões, entre os quais a desapropriação das terras pela Itaipu,

---

<sup>2</sup> Sobre a ocupação do município vide GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002, p. 104.

<sup>3</sup> A esse respeito ver: FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados – MS, 2009.

<sup>4</sup> Os estudos para a viabilidade da construção da usina hidrelétrica Itaipu Binacional, uma parceria entre brasileiros e paraguaios, tiveram início em 1973. O ano da assinatura do Tratado de Itaipu, 1973, coincide com a eclosão da crise mundial provocada pelo aumento do preço do petróleo. Intensifica-se a exploração de fontes de energia renováveis como forma de assegurar um vigoroso desenvolvimento para Brasil e Paraguai. A construção da barragem teve início em 1974. O desvio do leito do Rio Paraná interferiu na vida de milhares de pessoas que habitavam nas suas margens, atingindo uma faixa de 170 quilômetros, entre Guairá e Foz do Iguaçu. Em torno de 8.519 propriedades rurais e urbanas foram alagadas na margem brasileira e seus donos tiveram que ser indenizados. A obra gigantesca foi inaugurada em 05 de novembro de 1982. <http://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>. Acessado em 27/03/2013.

problemas de saúde e facilidade de acesso a recursos médicos na cidade, maior oportunidade de estudo e trabalho para os filhos. A vinda para a cidade representa para os mais velhos o acesso a serviços e recursos médicos e hospitalares e a serviços de assistência. A cidade também facilita sua socialização com pessoas da mesma faixa etária e com grupos de interesse.

Estas mulheres se mudaram para o Paraná entre os anos 1955 e 1972, todas já casadas e com filhos pequenos. Mudaram para o espaço urbano entre os anos 1978 e 2010, junto com o marido e/ou filhos crescidos. Atualmente elas têm entre 70 e 84 anos de idade. Apenas duas continuam com a propriedade rural, que é cuidada pelo filho (dona Reni) e pelo neto (dona Dora). Entre elas, cinco são casadas e moram com o marido; duas são viúvas, sendo que uma mora com a filha solteira e, a outra mora sozinha. Hoje, a situação financeira dessas mulheres é relativamente boa, considerando que todas moram em casa própria e elas não vivem unicamente do dinheiro da aposentadoria, pois contam também com outra fonte de renda, como a venda da produção da terra ou do aluguel de algum outro imóvel. Apesar destes não serem de valor muito elevado, ajudam a complementar seus rendimentos.

A única exceção é dona Carmelita que não conseguiu se aposentar porque na época em que ela e o marido trabalhavam na colônia tinham empregados registrados. Por conta disso, não puderam se aposentar como agricultores. Após a venda da terra, construíram um prédio de apartamentos e quitinetes, que são alugados e garantem sua renda. Segundo ela: “Nós nunca vamo se aposentá. É que, eles alegam que nós temo, que nós tinha, anos atrás, empregados registrados. Daí, nós já entramo duas vezes na justiça. Já pegamos advogado, né, mas é muito difícil e acho que... Desistimo agora”<sup>5</sup>.

O deslocamento destas famílias em direção à cidade não indica que houve a substituição do espaço rural pelo urbano, pois a região vive das atividades agropecuárias e há uma interdependência entre os espaços urbano e rural na região. Em anos em que a safra de soja fica prejudicada em consequência de fatores climáticos, como falta de chuva, o movimento no comércio do município cai drasticamente. A economia da cidade está diretamente relacionada à produção agrícola, sobretudo a da soja. O uso de novas tecnologias gerou um aumento na sua produtividade, proporcionando um crescimento econômico na região com a implantação de diversas empresas comerciais, cooperativas e agroindústrias, diversificando os empregos.

---

<sup>5</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

Essas especificidades socioeconômicas da região, sobretudo as associadas às interrelações entre campo e cidade, trazem o desafio de pensar que “campo” é esse, e que “cidade” é essa. Em relação a essa interdependência entre campo e cidade, parte dos agricultores idosos que migraram para a cidade, inclusive, continua com sua propriedade rural, sendo que esta é cuidada por um dos filhos, como é o caso da realidade vivida pelas famílias de algumas das entrevistadas. Nesse caso, trata-se de deslocamentos de parte da família, pois a geração mais jovem continua o processo produtivo iniciado por seus pais, embora adotando mudanças no modo de trabalhar e de se relacionar com a terra.

O deslocamento da colônia para a cidade e a conquista da aposentadoria marcaram as vidas dessas mulheres. Apesar de Marechal Cândido Rondon ser um município de pequeno porte, essas mulheres, ao se deslocarem para o espaço urbano se depararam com práticas e ritmos diferentes daqueles a que estavam acostumadas.

Nesse contexto de mudanças, procuro analisar os significados do deslocamento para a cidade, as experiências, as permanências e transformações de suas vidas e de seus familiares, assim como os significados da conquista da aposentadoria e do próprio processo de envelhecimento.

Essas mulheres trouxeram com elas referenciais culturais dos locais de origem e do espaço rural onde viveram. Na cidade, alguns hábitos e costumes permanecem, devido à sua vinculação ao passado de vida no campo. A maior parte destas mulheres, entretanto, não sente falta nem saudade da vida que levava no passado na colônia.

Ao considerar as questões referentes às migrações, pretendemos neste trabalho também compreender como as mulheres tomaram parte nos processos migratórios e como os vivenciaram no interior das relações sociais. As mulheres eram consideradas fundamentais para as atividades vitais da família no espaço rural da região, devido ao modelo de agricultura familiar adotado.

Ao longo da dissertação, dialogo com alguns trabalhos que tratam sobre migração, deslocamentos intramunicipais, relações entre cidade e campo. Sobre isso me pautei principalmente nos trabalhos de diferentes historiadores, como Valdir Gregory<sup>6</sup>, Davi Félix Schreiner<sup>7</sup>, Robson Laverdi<sup>8</sup>, Raphael Pagliarini<sup>9</sup>, Judite Veranisa Schmitt<sup>10</sup>,

---

<sup>6</sup> GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

<sup>7</sup> SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. 2 ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

Jiani Fernando Langaro<sup>11</sup>, Gilson Backes<sup>12</sup> e também do geógrafo Walter Júnior Ferrari<sup>13</sup>, todos referentes à história do Oeste do Paraná. Nenhum deles trabalhou com a perspectiva de gênero. Minha proposta, ao focalizar experiências e memórias de mulheres, procura articular as migrações e deslocamentos campo/cidade àquela perspectiva e também a questões voltadas à geração, já que se trata de mulheres idosas.

Gláucia de Oliveira Assis, cientista social reconhecida por desenvolver estudos sobre migrações internacionais, gênero e redes sociais, argumenta que é preciso “lançar um outro olhar sobre os povos em movimento”<sup>14</sup>. Para a autora, é fundamental,

demonstrar a importância da inserção das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos e a necessidade de se lançar um olhar para as migrações que não apenas ressalte a sua participação, mas que contemple a perspectiva de gênero. Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado em uma rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração.<sup>15</sup>

Estas relações estão presentes nas experiências migratórias das mulheres cujas narrativas orais são objeto de análise deste trabalho. Com base nelas também procuramos perceber como as mulheres vão se constituindo como sujeitos num processo contínuo de mudanças e transformações em suas vidas, levando em conta a questão geracional. As novas sociabilidades construídas na cidade por estas mulheres permitem pensar algumas questões que dizem respeito a práticas e discursos veiculados na esfera pública que associam aos idosos o direito de aproveitar a vida e usufruir de momentos de lazer. A partir da análise das entrevistas realizadas, procuro relacionar as falas dessas

<sup>8</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: 2005.

<sup>9</sup> PAGLIARINI, Raphael. **O “colono” na Cidade: Memórias e Viveres Rural-Urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, 2009.

<sup>10</sup> SCHMITT, Judite Veranisa. **Os atingidos por Itaipu: História e Memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000**. Dissertação de Mestrado. PPGH Unioeste, 2008.

<sup>11</sup> LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de Pioneiros e Forasteiros. Outras histórias do Oeste do Paraná**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005.

<sup>12</sup> BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960 – 2009)**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon, 2009.

<sup>13</sup> FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados – MS, 2009.

<sup>14</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3), setembro-dezembro/2007, p.751.

<sup>15</sup> Idem. *Ibidem*.

mulheres em relação a essas formas de conceber o/as idoso/as na sociedade contemporânea, mas também refletir sobre como elas próprias se auto-representam.

Ao articular gênero e envelhecimento, Alda Britto da Motta entende que “a condição de idade afeta de forma diferenciada tanto homens e mulheres (teoricamente definidos em termos de gênero, construção cultural sobre a condição sexuada) quanto indivíduos das várias classes sexuais”.<sup>16</sup> A autora compreende que “há uma especificidade de gênero na situação de velhice”, considerando que as experiências de homens e mulheres tem pontos em comum, embora existem inúmeras situações distintas. Para esta pesquisadora:

Nesse grupo geracional, as mulheres têm alcançado destaque, mas não simplesmente porque são maioria populacional (55,8%). Além de mais longevas que os homens (esperança de vida de 77 anos, enquanto a masculina é de 69,4) elas têm se destacado socialmente como apresentadoras de uma nova imagem da velhice, mais dinâmica e mais alegre, participando de grupos geracionais, aprendendo a ser mais “leves” e gregárias. Podendo ter uma perspectiva mais distanciada das lides familiares e cuidando da própria vida, sentindo-se, enfim, mais livres.<sup>17</sup>

Levando em conta estes aspectos, este trabalho procura refletir sobre estes aspectos, buscando perceber como as mulheres em foco vivem a velhice na cidade e significam o processo de envelhecimento. Junto com a conquista da aposentadoria, vem o envelhecimento e, com ela, também doenças, solidão e problemas de deslocamento. Entre a liberdade e o cerceamento, como é envelhecer na cidade?

Este trabalho foi gestado durante curso de especialização em História, realizado entre 2008 e 2009, quando vislumbrei a possibilidade de trabalhar com memórias de mulheres idosas a partir de um artigo da historiadora Janine Gomes da Silva, intitulado *Lugares de memória, memórias de mulheres...*, o qual me inspirou a pensar sobre algumas questões ligadas à história local.<sup>18</sup> A partir de conversas com algumas mulheres, pude perceber significativas transformações nos modos de vida e de trabalho experimentados por elas desde sua fixação no município. É comum durante suas conversas, ouvi-las dizer que “nós nascemos muito cedo”; “agora tudo é mais

---

<sup>16</sup> BRITTO DA MOTTA, Alda. **Gênero e envelhecimento**. Artigo de 26/09/2011, disponível em: [http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1](http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1) p. 01.

<sup>17</sup> Idem. Ibidem.

<sup>18</sup> SILVA, Janine Gomes da. Lugares de memória, memórias de mulheres... **Espaço Plural**. Ano VIII, n.17, 2 semestre 2007, (17-24).

fácil”; “a vida tá bem mais divertida agora”. Ao ouvir minha mãe e suas amigas, todas de uma mesma geração, contar aspectos de suas vidas, desde o período de sua juventude, principalmente depois da migração destas do Rio Grande do Sul para o Paraná, sobre as dificuldades que enfrentaram após sua chegada, sempre comparando, neste processo de rememoração, o passado cheio de dificuldades com as facilidades existentes no tempo presente, me despertou o interesse em trabalhar com estas memórias. Isto principalmente porque eu mesma sou originária de uma família de agricultores que migrou de Ijuí, Rio Grande do Sul, rumo ao Paraná no início da década de 1970 e ter vivenciado algumas das experiências narradas por estas mulheres.

Assim, a partir de conversas e da orientação do projeto de pesquisa, algumas questões foram surgindo. Incomodava-me a invisibilidade das relações de gênero nos estudos de história da região ou mesmo a invisibilidade em relação às mulheres.

A historiadora americana Joan Scott<sup>19</sup>, reconhecida por seus estudos sobre questões de gênero, entende gênero como um indicador de relações sociais entre os sexos, não pautado pelas explicações biológicas, mas pelas relações culturais. Gênero seria uma forma de se referir às origens sociais e de identidades subjetivas de homens e mulheres.

Segundo a autora, o termo gênero também tem sido usado em muitos livros e artigos como sinônimo de mulheres, pois muitos autores têm trocado o termo “mulheres” por “gênero”. A autora entende que esse fato se explica porque em algumas circunstâncias “gênero” conotaria mais erudição e seriedade que “mulheres”. Sobre isso assinala Joan Scott:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente, informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino<sup>20</sup>.

Assim, muitos estudiosos acreditam que a idéia de “mulheres” ou de uma “história das mulheres” acrescenta um grande teor político às suas obras. Dessa forma,

---

<sup>19</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez 1995, p. 71- 99.

<sup>20</sup> Idem. p. 75.

quando se coloca a palavra gênero se neutraliza a problemática, pois este termo inclui não só as mulheres, mas também os homens. Sempre um em relação ao outro.

Para Joan Scott, trabalhar com gênero enquanto categoria analítica deve conectar duas proposições: i) "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; ii) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder"<sup>21</sup>.

A produção historiográfica, especialmente a partir da década de setenta do século passado, tem dado uma maior visibilidade aos temas e questões referentes ao feminino, ampliando o campo das possibilidades de pesquisa com a introdução de novos conceitos e novos sujeitos. As mulheres passaram a ter uma nova visão de si, construída por influência do movimento feminista. A perspectiva de gênero, para as feministas, não acrescenta apenas mais uma perspectiva de análise histórica, mas impõe um reexame crítico das premissas e dos critérios dos trabalhos científicos já existentes.

A historiadora Margareth Rago observa que:

As mulheres forçam a inclusão dos temas que falam delas, que contam sua própria história e de suas antepassadas, e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. De certo modo, o passado já não nos dizia e precisava ser re-interrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras categorias interpretativas, criadas fora da estrutura falocêntrica especular.<sup>22</sup>

Novas possibilidades de investigação passam a ser incorporadas a partir das experiências femininas, enriquecendo sobremaneira o campo dos estudos históricos privilegiando dessa forma, conforme Rago, “novas propostas de se falar *femininamente* das experiências do cotidiano, da micro-história, dos detalhes, do mundo privado, rompendo com as antigas oposições binárias e de dentro, buscando respaldo na Antropologia e na Psicanálise, incorporando a dimensão subjetiva do narrador”.<sup>23</sup>

Acredito que ao ouvir as histórias de vida das mulheres e focalizar suas memórias não estamos simplesmente contando a “história das mulheres”, mas buscando

---

<sup>21</sup> SCOTT, Joan. Op. Cit. p. 86

<sup>22</sup> RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar (Orgs.) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 34-35.

<sup>23</sup> Idem, p.39.

trazê-las enquanto sujeitos históricos e entender as relações sociais no interior das quais viveram.

Acredito ainda, que, ao ouvir as narrativas dessas mulheres, podemos, como observou a pesquisadora Luce Giard, escutar a voz de mulheres na sua própria linguagem, as quais falam de suas próprias experiências e lembranças pessoais:

Falar daquilo que, comumente, ninguém quer ouvi-las falar, ninguém lhes dá atenção. Assim se pode aprender delas e só delas como se representam seu papel e sua competência, se elas dão importância ao seu saber-fazer e que secreta lealdade elas investem para encontrar uma maneira pessoal de cumprir uma tarefa imposta.<sup>24</sup>

A forma de falar e a dificuldade de se expressar através de um português gramaticalmente correto denota a origem social humilde e a baixa escolaridade das mulheres que entrevistei. Elas, em geral, freqüentaram pouco a escola, de modo que mal sabem ler e escrever. Em alguns casos, a forma de se expressar denota também a socialização destas mulheres e o hábito ainda atual de falar a língua alemã, por serem descendentes de imigrantes.

Através da linguagem, nas entrevistas são narradas experiências vividas no passado, as quais são elaboradas por meio da narrativa no presente. Ao refletir sobre o significado da entrevista, em sua pesquisa sobre memórias de velhos, afirma a psicóloga social Ecléa Bosi: “o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”.<sup>25</sup> A autora também acredita que “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”.<sup>26</sup>

As entrevistadas se dispuseram a colaborar com a pesquisa por serem do círculo de amizade da minha mãe, e, dentre elas, algumas me conhecem desde a minha infância, ainda no Rio Grande do Sul. Para a realização de uma entrevista foi fundamental a existência de um contato prévio e uma relação de empatia entre

<sup>24</sup> GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre; CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 2.** Morar, cozinhar. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 222.

<sup>25</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.85.

<sup>26</sup> Idem. p.82

entrevistadora e entrevistada. Assim, as entrevistadas puderam narrar sua história de vida com mais tranquilidade.

Essa proximidade também se mostrou desafiadora. Embora esse conhecimento prévio tenha se mostrado positivo em questão da confiança depositada pelas entrevistadas em relação à entrevistadora, também estabeleceu alguns limites quanto a determinados assuntos que não foram abordados por elas ou por mim, para não ferir a sensibilidade das entrevistadas.

Foram ouvidas sete mulheres idosas, escolhidas de acordo com sua trajetória, primeiro como migrantes oriundas do Sul e agricultoras, depois como migrantes do campo rumo à cidade, além da questão de serem atualmente aposentadas.

As entrevistas foram todas realizadas nas residências das entrevistadas, conforme a disponibilidade e preferência delas. Fui muito bem recebida por todas, que se sentiram à vontade para falar de diferentes aspectos de suas vidas. Inicialmente, pedi para elas narrarem sua história de vida e, depois, à medida que continuavam a falar, algumas questões foram surgindo e perguntas foram feitas.

Com as entrevistas procurei perceber diferentes aspectos relacionados ao lugar e à família de origem; o que motivou a migração para o Paraná; como, quando e por quê vieram; cotidiano na roça; práticas de trabalho; relações familiares; sociabilidades; mudanças e permanências de hábitos; vida no espaço urbano; aposentadoria; envelhecimento; saudades; ressentimentos; momentos e espaços de lazer; grupos em que participam.

Pude perceber que elas, em geral, falam pouco sobre a infância e juventude, dando destaque a aspectos e fatos de suas vidas que ocorreram depois do casamento. As lembranças descritas por elas remontam, em grande parte, ao tempo posterior ao casamento. Ao narrar aspectos de suas vivências passadas, as mulheres entrevistadas foram se descobrindo, se posicionando, interpretando seu próprio passado.

Lembramos aqui das considerações da historiadora francesa Michelle Perrot<sup>27</sup> sobre memória e relações de gênero, a qual indaga a respeito da existência de uma memória feminina:

Existe, no fundo, uma especificidade? Não, sem dúvida, se se trata de ancorá-la numa inencontrável natureza e no biológico. Sim, provavelmente, na medida em que as práticas sócio-culturais presentes

---

<sup>27</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.9, n.18, ago/set 1989, p. 09-18.

na tripla operação que constitui a memória - acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa - está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história"<sup>28</sup>.

Se a memória é “imbricada nas relações masculinas/femininas” e se ela é produto de uma história, lidar com narrativas de mulheres presume pensar as posições destas mulheres na sociedade e as relações disso com a própria produção de suas narrativas. A historiadora entende que uma história das mulheres pode ser possível à medida que, com o desenvolvimento da História Oral, os pesquisadores souberem perceber através das narrativas do “vivido” a visão das próprias mulheres sobre aspectos de suas vidas.

A autora cita uma passagem em que o historiador Georges Duby, ao escrever sobre o casamento na França feudal conclui seu livro afirmando que “seria necessário, entretanto, não esquecer as mulheres em meio a todos esses homens que, sozinhos, vociferando, clamavam o que tinham feito ou o que sonhavam fazer. Fala-se muito delas. Mas o que sabemos sobre elas?”<sup>29</sup>.

Ao narrarem, a partir do presente, aspectos de vivências passadas, estas mulheres podem contribuir para a construção de uma historiografia sensível às questões de gênero.

A historiadora alemã Gisela Bock, reconhecida por seus trabalhos sobre a história das mulheres e de gênero acredita que “as mulheres têm de fato uma história e ela é diferente da dos homens”.<sup>30</sup> A autora, em sua análise, entende que “as mulheres permaneceram invisíveis fundamentalmente porque elas, as suas experiências, atividades e espaços não foram considerados merecedores da análise histórica”.<sup>31</sup> E, que merece ser examinada por ser “uma história que, embora não sendo independente da história dos homens, é, apesar de tudo, uma história específica das mulheres enquanto mulheres”.<sup>32</sup> Acredita, dessa forma, que “a história não é apenas a da experiência masculina, mas também a da feminina”.<sup>33</sup> Portanto, não pode ser escrita apenas na perspectiva do homem, ou, numa perspectiva alheia ao gênero.

---

<sup>28</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit. p 18.

<sup>29</sup> DUBY, Georges. Apud: PERROT, Michelle. Op. Cit. p. 11.

<sup>30</sup> BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. **Penélope. Fazer e desfazer história**, nº 4, nov. 1989. p. 160.

<sup>31</sup> Idem, p. 160.

<sup>32</sup> Idem, p. 160.

<sup>33</sup> Idem, p. 179.

Este trabalho se baseia nos fundamentos metodológicos da História Oral e em referencial bibliográfico sobre memória. Em tratando de memórias e mulheres idosas, referência importante para este trabalho foi a obra, já clássica, da psicóloga social Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*<sup>34</sup>. Além dele, nos aportamos aos trabalhos de Alessandro Portelli, para o qual a história oral nos possibilita conhecer o sujeito na sua singularidade. No dizer do próprio autor, a história oral nos revela “muito mais que documentos escritos, que frequentemente carregam a aura impessoal das instituições que os editam - mesmo se, naturalmente, composto por indivíduos, de quem sabemos pouco ou nada - as fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade”<sup>35</sup>. Assim, por mais que as mulheres por mim entrevistadas compartilhem de experiências relativamente semelhantes, seus relatos orais são sempre únicos, porque carregados de subjetividade. Mesmo que uma história seja contada diversas vezes pela mesma pessoa, ela sempre será contada de uma maneira diferente, de acordo com o momento de sua vida. Um acontecimento vivido é finito. O acontecimento lembrado abre muitas possibilidades de interpretação.

No dizer da historiadora italiana Sílvia Salvatici, que faz um paralelo entre a história oral e a história de mulheres, “a história oral de mulheres suscita novas questões na esfera da relação entre história e memória”<sup>36</sup> porque “desde os primórdios, a história oral e a história de mulheres têm mostrado significativas similitudes em seus propósitos e objetivos, bem como em seus campos de interesse”<sup>37</sup>.

Ao fazer uso da história oral, o historiador tem ampliado sobremaneira suas possibilidades de investigação e de interpretação. Uma delas é a própria questão da relação entre memória e esquecimento. As falas das mulheres entrevistadas são cheias de expressões de saudade e nostalgia, ao lembrarem de momentos passados que pareciam perdidos, mas que foram selecionados para serem lembrados no momento da entrevista, mas também de silêncios e ressentimentos.

Ao examinar a relação do historiador acerca do conhecimento sobre um passado vivido, o historiador francês Michel de Certeau acredita na possibilidade de, através de

---

<sup>34</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>35</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, 14, fev. 1997, p. 37.

<sup>36</sup> SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n 1, jan-jun 2005, p. 36.

<sup>37</sup> Idem. p. 29.

um discurso, “restaurar um esquecimento”<sup>38</sup>: “Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas.”<sup>39</sup>

A seguir, apresentamos a estrutura da dissertação, a qual fez uso, além das fontes orais, do *Jornal da Melhor Idade*, publicado como suplemento mensal do periódico local *O Jornal*, editado em Marechal Cândido Rondon, o Estatuto do Idoso, estatísticas e dados socioeconômicos.

O primeiro capítulo intitulado *Tempo de semear: memórias da migração e da vida no espaço rural* considera as memórias do vivido por essas mulheres no espaço rural, tanto em suas regiões de origem como após sua migração para o município. Analisamos referências quanto ao trabalho e o cotidiano na roça, a migração geralmente do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina para o Paraná, além dos atributos de gênero na “colônia”. Em suas memórias são tematizados o trabalho na terra, o cuidado da casa, da alimentação e do bem-estar da família, num contexto em que a maioria dos produtos consumidos era feito em casa, desde a produção e preparação dos alimentos até a confecção das roupas da família. Analisamos a forma como narram suas histórias de vida, sentimentos e emoções que surgem ao narrar, aquilo que lembram e o que preferem esquecer, diante das dificuldades enfrentadas.

No segundo capítulo, intitulado *Tempo de colher: da colônia para a cidade*, procuro analisar as experiências e vivências das mulheres no espaço urbano, as relações dinâmicas ainda existentes entre os espaços urbano e rural no município, as rupturas e também as permanências nos seus modos de viver, considerando que muitos habitantes vivem da agricultura, havendo, porém, a reconfiguração dos papéis sociais dos integrantes da família com a aposentadoria dos pais. Consideramos ainda os significados da aposentadoria para essas mulheres, em geral vista como uma conquista, pois se sentem mais autônomas financeiramente, inclusive em relação ao marido. Abordamos ainda neste capítulo as sociabilidades construídas e vividas por estas mulheres na cidade, como os clubes de idosos, grupos de bolãozinho, de baralho, procurando perceber o “espaço vivido” e o “espaço praticado” por elas. Assim como o município mudou, em muitos aspectos, a vida delas também sofreu mudanças, percebidas em suas práticas cotidianas e também em suas memórias.

---

<sup>38</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.46.

<sup>39</sup> Idem. *Ibidem*.

O terceiro capítulo, *Tempo de viver... Envelhecimento e sociabilidades na cidade*, aborda as práticas e espaços de lazer e de sociabilidades de mulheres idosas em Marechal Cândido Rondon, suas auto-representações em relação a essas práticas e ao processo de envelhecimento, em meio a discursos sobre a velhice presentes na esfera pública e à legislação e a políticas públicas voltadas aos idosos. Serão discutidos ainda as noções de tempo na velhice, assim como a dialética entre memória e esquecimento na produção das entrevistas com estas mulheres, feitas num presente em que muitas mulheres refizeram sociabilidades, mas também enfrentam limitações de deslocamento.

Além das entrevistas, legislação, estatísticas, utilizaremos como fonte o *Jornal da Melhor Idade*<sup>40</sup>, publicado no município desde 2010, com o objetivo de observar os espaços de sociabilidades e de lazer existentes, a ligação entre os clubes de idosos e uma política de memória pública de valorização dos “pioneiros”, a emergência de um mercado voltado para a “terceira idade” na cidade, assim como as representações dos idosos. Na discussão com as fontes, procurarei me basear em autores que tratam do envelhecimento, como Norbert Elias<sup>41</sup>, Simone de Beauvoir<sup>42</sup>, Myriam Moraes Lins de Barros<sup>43</sup>, Josimara Delgado<sup>44</sup> e Ecléa Bosi<sup>45</sup>.

Com base nas narrativas produzidas a partir das entrevistas de histórias de vida com essas mulheres, são discutidos os diferentes significados e as diversas formas de lidar com a idade e a velhice, assim como as formas como interagem com o mundo ao seu redor. Este trabalho, enfim, foca a análise nas próprias narrativas dessas mulheres e como se sentem em relação a todo o processo de vida do qual elas foram sujeitos, seja através do seu modo de trabalhar, viver e se socializar

---

<sup>40</sup> O *Jornal da Melhor Idade* é o suplemento mensal de **O Jornal**, editado em Marechal Cândido Rondon, que atende de forma especial os clubes de idosos dos municípios da região.

<sup>41</sup> ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

<sup>42</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1970.

<sup>43</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Organizado por). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

<sup>44</sup> DELGADO, Josimara. Velhice, corpo e narrativa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.189-212, jul/dez 2010.

<sup>45</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

## Capítulo I

### Tempo de semear...

#### Memórias da migração e da vida no espaço rural

Na época da chegada dos primeiros agricultores ao Oeste do Paraná, através da ação da MARIPÁ – Companhia Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná Ltda. - a região era praticamente coberta pela mata nativa, sofrendo um processo rápido de transformação da paisagem. A estrutura fundiária implantada na região foi baseada na pequena e média propriedade rural, utilizando a mão-de-obra familiar para plantar a terra e criar animais como porcos, galinhas e vacas, para o sustento da família, e vender alguns produtos excedentes.

Ao discorrer sobre a constituição de um “espaço colonial” no Oeste do Paraná, o historiador Valdir Gregory resalta que a MARIPÁ se tornou a mais importante empresa colonizadora que atuou no Oeste do Paraná. Segundo ele, “a partir de 1946, esta companhia colonizadora privada se empenhou em organizar o referido espaço e nele atuar para efetivar a ocupação de pequenas parcelas rurais destinadas à policultura familiar”<sup>46</sup>. Assim o autor define a constituição desse “espaço colonial”:

A projeção do espaço colonial da MARIPÁ pretendia fomentar a formação de uma área povoada por pequenos produtores familiares e de uma densidade populacional elevada, comparada com os padrões da maior parte do território rural brasileiro. Esta forma de organização do espaço rural repercutiu, diretamente, sobre a formação social posterior. Influenciou na organização da produção agrícola, na formação de núcleos populacionais, nas futuras cidades e vilas e na distribuição populacional.<sup>47</sup>

Assim, para o autor, “foi projetado um espaço no qual, a partir da dinâmica demográfica, econômica e social, foram constituídos os espaços físico, humano, social e econômico desta colônia”<sup>48</sup>. Conforme o autor, aquela empresa teria organizado uma

---

<sup>46</sup> GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002, p.109.

<sup>47</sup> Idem, p.121.

<sup>48</sup> Idem, p.104.

ocupação “exclusiva para colonos escolhidos”<sup>49</sup>. Para os administradores da Maripá, os colonos mais adequados ao modelo idealizado de ocupação territorial seriam os de ascendência alemã e italiana oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Partia-se do pressuposto de que estes teriam experiência na produção das pequenas propriedades rurais e sua base seria o trabalho familiar, condição necessária para o sucesso daquele empreendimento.

Esse processo de ocupação do Oeste do Paraná pode ser compreendido a partir das iniciativas levadas a cabo pela “Marcha para o Oeste”, durante o Estado Novo, a qual visava nacionalizar e colonizar o interior brasileiro. O Oeste do Paraná, por ser região de fronteira, fazia parte da área considerada de segurança nacional. Getúlio Vargas, ao assumir o seu primeiro governo, havia assinado em 12 de dezembro de 1930 o Decreto 19.842, que exigia que o quadro de funcionários das empresas fosse formado por no mínimo dois terços de brasileiros. Estas medidas estabeleciam, também, políticas de ocupação da área de fronteiras do Brasil com o Paraguai e a Argentina<sup>50</sup>.

Nesse contexto, mais precisamente em 1941, a colonizadora MARIPÁ comprou a área de terras pertencente à Companhia Madeireira del Alto Paraná, antiga Fazenda Britânia, com aproximadamente 275 mil hectares<sup>51</sup>. A empresa era formada por um grupo de acionistas oriundos do Rio Grande do Sul que se propôs a trazer colonos para ocupar as terras. Inicialmente, foram formados os núcleos regionais de Toledo e Marechal Cândido Rondon.

---

<sup>49</sup> GREGORY, Valdir. Op. Cit. p.175.

<sup>50</sup> Ver: GREGORY, Valdir. Op. Cit. p. 90-92.

<sup>51</sup> Idem, p.92.

Mapa 1 – Área colonial da Maripá<sup>52</sup>

O historiador Ruy Wachowicz observou que o diretor da empresa, Willy Barth, atribuído da responsabilidade de organizar e executar o projeto de colonização na região, aplicou a política dos acionistas da empresa, segundo a qual “as comunidades deviam aglutinar pessoas da mesma origem étnica e religiosa”<sup>53</sup>. Por isso, de acordo com Wachowicz, “Rondon deveria tornar-se um núcleo de origem alemã, com características da religião luterana”<sup>54</sup>. Em Toledo houve a predominância de colonos gaúchos de origem italiana. Está subentendida assim, uma idéia da supervalorização desses colonos, conforme percebemos na origem das entrevistadas que são todas de origem alemã, embora a religião delas seja tanto evangélica (três das entrevistadas), quanto católica (quatro das entrevistadas).

<sup>52</sup> MÜLLER, Keith Derald. Colonização pioneira no Sul do Brasil: o caso de Toledo, Paraná. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43, n.1, p. 83-139, jan/mar. 1986, p. 89. Apud: GREGORY, Valdir. Op. Cit. p.114.

<sup>53</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 2 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010, p. 290.

<sup>54</sup> Idem, ibidem.

A divisão dos lotes coloniais foi padronizada em torno de 25 hectares ou 10 alqueires paulistas (24.000 metros quadrados). Normalmente, o lote era longo e estreito com 250 metros de largura por 1000 metros de comprimento, o que era considerado um tamanho ideal para as condições financeiras dos pequenos agricultores e, assim, o sucesso do empreendimento da MARIPÁ. Dessa forma estaria facilitado também o acesso às estradas, à água e aos vizinhos. O historiador Davi Félix Schreiner entende que “esse critério foi estabelecido porque os possíveis compradores não teriam recursos para adquirir propriedades maiores. Esse modelo fundiário explicita que a colonização visava o pequeno produtor rural, com tradição policultural, e de base de trabalho familiar”.<sup>55</sup>

O maior fluxo migratório ocorreu entre o final da década de 1940 e 1960. A partir de então, os habitantes se dedicaram à produção agropecuária, principalmente a partir do trabalho em pequenas propriedades rurais. Davi Félix Schreiner, ao escrever sobre esse movimento migratório, destaca a importância da conquista da terra para os migrantes oriundos do Sul do Brasil, para quem o trabalho familiar na terra seria um “elemento central na ética camponesa”.<sup>56</sup> Baseado no antropólogo Klaas Woortmann, afirma que valores como terra, família e trabalho eram partilhados por aqueles agricultores que migraram para o Oeste do Paraná na busca de possibilidades de reprodução de seus modos de vida. Para esse antropólogo, terra, família e trabalho são valores que regem o cotidiano e a ética das famílias e das sociedades rurais: “nas culturas camponesas não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família”.<sup>57</sup>

Ao analisar o trabalho das famílias estabelecidas em áreas rurais no Extremo Oeste do Paraná, Davi Schreiner observa que “todos os membros da família, consideradas as diferenças de idade, sexo e força”<sup>58</sup>, participavam da produção. Isso pode ser percebido nas narrativas orais das mulheres que entrevistamos, quando se referem ao período de desmatamento e limpeza da terra para o posterior plantio.

---

<sup>55</sup> SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná. 2 ed. Toledo: Editora Toledo, 1997, p.66.

<sup>56</sup> SCHREINER, Davi Félix. Memórias da luta pela terra: de sem-terra migrantes às ocupações coletivas. **Espaço Plural**. Ano X, nº 20, 1º semestre 2009, p. 96.

<sup>57</sup> WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico 87**: 11-73. Brasília, 1990, p.23. Apud: CRUZ, Fabiana Thomé da.; MENASCHE, Renata. Das redes de sociabilidade às relações de mercado: agricultores, intensificação da comercialização da produção e modos de vida em mudança. Trabalho apresentado no IV Congresso Argentino e Latinoamericano de Antropologia Rural. Mar del Plata – 25 al 27 de marzo de 2009.

<sup>58</sup> SCHREINER, Davi Félix. Op. Cit. p.89.

Neste capítulo nos ateremos às memórias de mulheres sobre a migração para o Oeste do Paraná e suas experiências no espaço rural. Todas as mulheres entrevistadas para este trabalho viveram no campo, são filhas e esposas de pequenos e médios agricultores que casaram jovens e migraram dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Paraná nos anos 1950 e 1960 em busca de melhores condições de vida para sua família. Migraram, pois nas suas regiões de origem não havia mais terra em abundância para a reprodução de seu modo de vida camponês. As famílias recém-constituídas saíam em busca de novas áreas de terra. Assim, muitos casais jovens saíam de sua localidade de origem em busca de um futuro melhor.

Através de suas memórias, percebe-se também que estas mulheres não migraram sozinhas, mas em família, junto com o marido e geralmente com filhos pequenos. Embora elas tenham migrado com a família, isso não significa que tenham sido passivas nesse processo. No caso das mulheres por mim entrevistadas, a migração não foi uma decisão individual do homem, mas uma estratégia da família, na qual as mulheres estavam ativamente inseridas. Diferente do que foi descrito por Valdir Gregory que aponta o homem, como o chefe de família, aquele que tomava as decisões a respeito da mudança. Para o autor “a mulher acolhia as decisões e se submetia aos ditames masculinos”<sup>59</sup>, imputando assim às mulheres um papel de subordinação.

Através de um enfoque que contemple as experiências e memórias destas mulheres, é possível dar visibilidade às mulheres na história e questionar uma perspectiva que toma o trabalhador migrante como masculino. Além disso, é possível perceber através das narrativas das mulheres, como elas próprias descrevem suas trajetórias de vida. Quem eram essas mulheres migrantes? Que sentimentos e expectativas estavam presentes na experiência da migração? Como a migração e a inserção no novo meio afetaram suas vidas e suas relações?

Nos pautamos aqui nas considerações formuladas pela historiadora Nancy Green. Para ela, a perspectiva da história das relações de gênero pode permitir novas questões para a história das migrações contemporâneas. Segundo a autora, os estudos de gênero não são e não devem ser vistos como estudos que competiriam com a história das mulheres. O termo gênero pode significar uma multiplicidade de significados como as interações sociais entre homens e mulheres. Ao conectar migração e gênero, a autora enfatiza:

---

<sup>59</sup> GREGORY, Valdir. Op. Cit. p. 178.

Uma nova história de gênero e migração precisa levar em conta quem veio, quando e por quê. Isto é tanto história de mulheres quanto história de gênero. É uma questão de representações e relacionamentos, de história social e da vida de homens e mulheres ao longo do espaço e em movimento.<sup>60</sup>

Ao considerar as questões referentes à migração e gênero, podemos compreender os lugares e a posição ocupada pelas mulheres no novo contexto. As mulheres desenvolveram atividades vitais no cotidiano das famílias rurais, adotando estratégias de sobrevivência e reconstruindo laços de sociabilidades.

### 1.1. Migração, trabalho na roça e cotidiano

Daí resolvemo de vim para o Paraná, mas nós fomo para a cidade de Mercedes. Hoje é cidade, na época não era. [Em] 55. Dali trabalhemo muito tempo com lavoura de trigo, lavoura de milho. Nós tinha gado, nós tinha porco, galinha... E era meio pesado, porque era tudo mato, no pique, no meio do mato, mulher... não foi fácil.<sup>61</sup>

Relatos como esse, sobre a migração, a instalação e os primeiros tempos na colônia estão presentes nas memórias das mulheres ao contarem suas histórias de vida. Dona Dora rememora esta fase da sua vida ressaltando a dificuldade do trabalho pesado no meio do mato.

Dona Dora migrou para o Paraná, inicialmente para a localidade de Mercedes, junto com seu marido e três filhos pequenos. A família veio de Rio do Sul, Santa Catarina, depois de ter comprado uma área de terra ainda coberta de mato para trabalhar na agricultura. Segundo a entrevistada, em 1955, quando ali chegaram, havia apenas cinco ou seis casas na localidade, e o vizinho mais próximo morava cerca de um quilômetro e meio de distância.

Ao rememorar esse tempo, dona Dora utiliza pronome da primeira pessoa do plural: “[nós] resolvemo”, “nós fomo” e “[nós] trabalhemo”. Ela assim se inclui como parte ativa em todo o processo migratório, bem como do trabalho realizado na colônia.

---

<sup>60</sup> GREEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. In: AREND, Sílvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Sílvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Ed.Mulheres, 2011, p. 37.

<sup>61</sup> Dora Kolm, 77 anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

Ela narra também não somente sua trajetória, mas também a da família. Também outras mulheres que entrevistamos rememoram dessa forma a migração para o Oeste do Paraná e suas atividades na propriedade rural.

Dona Irmélia, por exemplo, migrou com o marido e três filhos pequenos para o Paraná bem mais tarde, em 1972. A família, oriunda do Rio Grande do Sul, antes de migrar para o Paraná havia morado por alguns anos em Guaraciaba, Santa Catarina. Com muita economia e a ajuda do sogro, que já morava no Paraná, conseguiram comprar “um pedacinho de chão pra cultivá”:

E quando a gente veio morar aqui pro Paraná em 1972, no meio do mato, no meio dos tocos, fazia as queimadas na roça e as crianças ajudavam. (...) A terra, graças a Deus que nós tinha um pedacinho de chão pra cultivá, né e também adquirir muitas vezes com dificuldade, né. Bem no começo, né, foi um pedaço que meu marido já adquiriu e de tropeiro ainda, né. Que ele trabalhava pro meu sogro e daí meu sogro ajudou ele a comprar a terra e daí ele adquiriu isso com o trabalho dele de casa, também foi um sacrifício porque ele não teve uma mão [ajuda].<sup>62</sup>

Para dona Irmélia, a chegada ao Paraná deu início a uma nova etapa na vida de sua família e a ajuda de todos, inclusive das crianças, foi importante para o bom andamento da propriedade. Em sua narrativa fica expressa a valorização da terra como meio de sustento da família. Muito embora mencione que todos os membros da família trabalhavam na propriedade, quando aborda a aquisição da terra se refere ao marido.

A migração significou o afastamento de outros familiares, provocando mudanças e novos arranjos nas relações familiares. Partir significava ir para longe do convívio dos pais e passar a administrar a sua própria família em suas necessidades. Assumir o comando de sua casa e propriedade, sem a ajuda dos pais, levou a um relacionamento mais intenso com os vizinhos próximos.

A cientista social Gláucia de Oliveira Assis ao analisar a inserção das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos demonstra que “a migração não é resultado apenas de uma escolha racional, mas também de estratégias familiares nas quais homens e mulheres estão inseridos, contribuindo para rearranjos das relações

---

<sup>62</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

familiares e de gênero”<sup>63</sup>. Isso pode ser percebido no relato de dona Olinda, outra entrevistada. No caso dela, ela julga importante falar disso:

Quando nós veio aqui, a mãe falou: “Não vai junto, tu ganha saudade”. Mas eu tinha que ir junto e não ganhei. (...) A mãe e o pai ficou. A mãe disse: “Leva uma colher junto e sempre come com isso, daí não ganha saudade”. [risos] Deu certo, mas a maioria nem se lembrava da colher.<sup>64</sup>

Dona Olinda, assim como muitas outras mulheres, ao migrar deixou para trás seus pais e familiares para acompanhar o marido. Em suas lembranças está presente a emoção sentida pela separação dos pais e a preocupação de sua mãe em relação à saudade que a filha porventura sentiria. A colher seria o símbolo do elo que as ligava e as aproximava, apesar da distância física. O novo cotidiano, entretanto, teria integrado os membros da família à dinâmica local, pois com o tempo, segundo ela, “na maioria nem se lembrava da colher”. Apesar de dizer “eu tinha que ir junto”, percebe-se que ela escolheu deixar para trás o espaço conhecido ao lado dos pais para acompanhar o marido e encarar um mundo desconhecido e cheio de desafios.

As mulheres entrevistadas, após sua chegada ao Paraná, contam que assumiram muitas responsabilidades, tanto no trabalho da propriedade rural, junto com o marido, quanto no espaço doméstico, na criação dos filhos e manutenção da ordem familiar. Elas, em geral, assumiram o lugar que cabia às mulheres entre famílias de pequenos produtores rurais no Sul do Brasil, ajudar no trabalho da roça e cuidar do serviço doméstico.

Dona Maria Adélia inicia sua narrativa descrevendo a viagem de caminhão que trouxe a mudança da família do Rio Grande do Sul para o Paraná, em 1960. Ela veio de Montenegro, Rio Grande do Sul, junto com o marido e cinco filhos, estando grávida de seis meses. Inicialmente se estabeleceram em Esquina Candeia, interior do município de Palotina, onde moraram com o irmão dela. Só depois compraram uma área de terra e mudaram para Marechal Cândido Rondon, no então distrito de Mercedes, localidade em que moraram durante 44 anos. Ela descreve assim a viagem:

---

<sup>63</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(3), setembro-dezembro/2007, p.745.

<sup>64</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

(...) na nossa cabine no caminhão, eu tava com os meus 5 filhos em cima do caminhão, no colchão e na coberta, porque tava gelado, de gelo na estrada, quando nós vieram, né. Era muito frio, mas eu não levei as crianças pra fora, eu tratei eles, eu fiz galinhada e com bastante lingüiça e charque e coisa, daí eu tratei eles lá em cima e eles tinham saco de pão e tudo junto, ninguém não passou fome.

Mas o nosso caminhão não puxou muito bem, nós tava quatro dia e quatro noite, três noite e quatro dia na viagem. Foi muito... A gente não pode esquecer, um frio desse. Mas tudo foi bem, ninguém não ganhou gripe, ninguém não ficou doente. Graças a Deus. Deus abençoava a mão em cima de nós, porque nós tava muito bem cuidado.<sup>65</sup>

Ao mencionar a demorada viagem de caminhão ela salienta o cuidado que teve com as crianças ao mantê-las alimentadas e aquecidas. A rememoração é marcada por essa preocupação de marcar o seu atributo de gênero, a mãe zelosa que cuida da família. Ao ressaltar que ninguém ficou doente, apesar do frio intenso, ela mostra a sua posição de cuidadora dos filhos, ressaltando ainda sua crença em Deus, que teria abençoado e cuidado de todos para que chegassem saudáveis e em segurança no seu destino. Ou seja, a fé religiosa também perpassa sua rememoração. Ela prossegue em suas lembranças ao dizer:

Ah, a nossa vida no primeiro tempo aqui no Paraná, isso foi duro, minha gente. Porque aquela vez não tinha estrada, nada, sabe, né. Era só no mato e, eu sei, minhas criança, quando eles tinha, quando era pequena, que idade, né, criança de aula, era pequeno e, muitas vez eles tinha que pegá a enxada e tinha que cavá os caminhão que tava parado lá na estrada. (...) Atolado, isso. Isso foi muito duro.<sup>66</sup>

Dona Maria Adélia lembra das dificuldades enfrentadas para se deslocarem pela falta de estradas pavimentadas no “primeiro tempo aqui no Paraná”. Quando chovia as estradas ficavam intransitáveis e até as crianças tinham que ajudar a desatolar os caminhões presos na estrada de terra.

A dificuldade de locomoção também está presente nas memórias de outras mulheres entrevistadas. Dona Carmelita, por exemplo, lembra da lama e dos atoleiros existentes na estrada que as crianças tinham que percorrer para ir à escola. Depois de uma tentativa frustrada de deixar o filho mais velho, então com 8 anos, na casa de uma amiga para ficar mais perto da escola, o marido passou a levar o filho e as crianças do vizinho a cavalo até a vila de Pato Bragado, distante cerca de dois quilômetros de sua casa. Depois, as crianças iam sozinhas, com medo de passar pelo mato:

<sup>65</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/ 2011.

<sup>66</sup> Idem.

Entrevistadora: E as crianças como iam pra escola?

Dona Carmelita: Depois mais tarde, ah, daí não foi fácil, nós queria por ele [filho] no jardim lá em Pato Bragado. O Rogério tinha recém 8 anos, nem 8 ele não tinha. Daí ele ficou na casa daquela amiga pra cuidá a criança e ir pra escola. Mas não deu certo, tu sabe, criança pequena eles... ganha saudade de casa né.

Daí foi e foi até que a gente no começo, no começo o Edvino [marido] levava o mais velho pra escola, levava os amiguinho dos vizinho também.

Entrevistadora: De carro?

Dona Carmelita: Não, nós não tinha carro. Era de cavalo. Levava a cavalo mesmo. Dia de chuva tinha barro e burraqueira, né.

Eles tinham muito medo, porque de cada lado tinha mato. Eles tinham muito medo de passá no meio do mato, né. Daí um dia eles foram, passô um carro e respingô eles tudo de barro. Eles, já tempo tinham saído e voltaram tudo respingado de barro. Tudo essas coisa a gente enfrentô, né. Não foi fácil, né. Mas o principal a gente sempre tinha, nunca uma criança ficô doente, nós também. Nós sempre tinha saúde.<sup>67</sup>

Dona Carmelita segue lembrando do período inicial na região e das estratégias utilizadas para a sobrevivência da família. Assim ela narra:

Ah, e carne nós comprava... A carne vinha lá de Entre Rios, era um açougueiro lá de Entre Rios, ele passava na frente da nossa terra e daí o Edvino ia sempre na cabeceira da nossa terra e esperava o açougueiro, já sempre, já vinha com a carne pronta, né. Os dias, sempre às sextas- feiras, né. Ele também às vezes ia caçar. Carne não faltava, alimentação não faltava pra nós...<sup>68</sup>

Temas significativos nas memórias das mulheres sobre o período de instalação são as dificuldades enfrentadas, o sacrifício e a idéia de superação. Em suas narrativas elas incorporam, portanto, elementos do discurso do pioneirismo presente na memória pública da região.<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> A este respeito ver: GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950 – 1990). In: **Tempos Históricos**. M. C. Rondon, v. 05/06, p.185 – 219, 2003/2004. O autor analisa um conjunto de trabalhos históricos e memorialísticos produzidos principalmente por professores e alunos da UNIOESTE, pautando-se em três eixos explicativos: Colonização, Mecanização do Campo e Modernização da Agricultura e Projeto de Germanidade. Entre os quais destacamos: COLODEL, José Augusto. **Obrages & Companhias Colonizadoras: Santa Helena na História da Costa Oeste Paranaense até 1960**. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988; GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**. Cascavel, EDUNIOESTE, 2000; SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e Conquistas: História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: Assoeste, 1985; SCOPEL, João Luiz. **Conhecendo o Município**. Marechal Cândido Rondon: Gráfica Universitária, 1998; WACHOWICZ, Ruy Christóvam. **Obrageros, mensus e colonos – Histórias do Oeste Paranaense**. Curitiba: Vicentina, 1982, entre outros.

Ao falar de suas experiências passadas, dona Carmelita lembra como foi a chegada de sua família a Pato Bragado, pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon, em 1964. Ela veio de Augusto Pestana, estado do Rio Grande do Sul, acompanhada do marido e de um filho pequeno. Ela rememora todo o processo de chegada à propriedade e da chuva inesperada com que foram surpreendidos durante a madrugada. Como tinham que aguardar a construção de uma casa, construíram uma barraca às pressas para abrigar a família e a mudança e, assim, protegê-los da chuva. Assim ficaram acampados durante seis semanas até a construção de uma casa que lhes servisse de moradia. Ela narra a migração e a instalação desta forma:

Foi em 64. Ali derrubamos mato, trabalhamos na terra, sofremo bastante. Era tudo mato. Fomo direto na colônia. Nem estrada direito não tinha, sabe. Não tinha nada, nada de casa. Descarregamo nossa mudança e nós tinha uma lona junto, nós ia cobri e dormi debaixo da lona né. Como nessa mesma noite começou de chove, de madrugada começo de chove. Metade da mudança tava ainda parada na chuva né. Aí os vizinho ajudaram. Foram pra Pato Bragado comprá mais lonas pra cobri a mudança, tudo. E lá o Edvino [marido] comprou tábuas prá construção né. Daí eles cavaram um palanque de cada lado e colocaram as tábuas, escoraram as tábuas de cada lado. Nós moramos seis semanas embaixo daquela... daquela barraquinha né. Porque eles tinham que começá de construí. Até fazê um telhadinho.<sup>70</sup>

Dona Carmelita se inclui no trabalho, inclusive no serviço pesado, no sacrifício, quando diz: “nós derrubamos”, “nós trabalhamos na terra”, “nós sofremo bastante”. Ao utilizar o pronome na segunda pessoa do plural, ela se insere naquele esforço coletivo, familiar, embora, ao se referir à construção da barraca e posteriormente da casa, diga que foi o marido que comprou as tábuas e que construiu a casa junto com os vizinhos. Coube aos homens então a tarefa de prover um teto para abrigar a família.

Segundo Valdir Gregory, era o homem, considerado “chefe” da família, o qual tinha comprado a terra, que deveria providenciar a mudança e as condições necessárias de instalação da família. Para ele, o homem “tinha que ser o condutor”<sup>71</sup>. Dona Carmelita incorpora essa compreensão acerca dos atributos de gênero até mesmo em sua fala, ao rememorar: “eles tinham que começá de construí. Até fazê um telhadinho”.

<sup>70</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>71</sup> GREGORY, Valdir. Op. Cit. p.178.

A descrição detalhada da mudança é um dos temas frequentes nas entrevistas. Dona Rení rememora a mudança, desde o dia da saída de Concórdia, Santa Catarina, até o dia da chegada em Iguaporã, no Paraná, em 1964, lembrando inclusive da hora da partida e da chegada à casa da irmã. Ela veio junto com o marido e três filhos pequenos. Embora pudessem ter ido morar em uma casa na vila, disponibilizada pela colonizadora, preferiram morar em condições precárias numa estrebaria na propriedade, até que pudessem construir uma casa. Assim manteriam as crianças por perto, porque, segundo sua auto-representação de mãe zelosa, “não podia deixar eles tão longe”.

Para iniciar as atividades na propriedade rural recém-adquirida, era necessário derrubar o mato e plantar o milho para alimentar os animais necessários para a subsistência da família, tais como porcos, vacas e galinhas. Segundo ela, “[ele] fez um pleitado” para derrubar dois alqueires do mato e, logo em seguida, plantar milho. A pressa em iniciar as atividades produtivas fez com que o marido contratasse um homem para ajudar, em forma de empreitada, para realizar as tarefas mais pesadas, como desmatar um pedaço de terra, fazer a queimada e plantar milho. Enfim, proporcionar à família as condições mínimas e necessárias de sobrevivência.

O historiador Jiani Langaro, em sua dissertação de mestrado, faz referência ao uso do serviço dos “paraguaios” pelos colonos da região Oeste do Paraná para realizar certas tarefas, geralmente as mais árduas, como o desmate das áreas de terra a ser cultivadas.<sup>72</sup> Os “paraguaios” não foram os únicos que auxiliaram os migrantes na derrubada da mata e na limpeza da área que seria destinada ao plantio. Gilson Backes,<sup>73</sup> em sua dissertação de mestrado em História, comenta que o serviço de outros migrantes não proprietários também foram contratados como mão-de-obra para auxiliar nos serviços mais pesados, ou seja, o trabalho “duro” de derrubada do mato.

Dona Dora em sua narrativa também lembra que contrataram “um companheiro”, chamado Salvador, para ajudá-los na derrubada do mato, sem especificar sua origem. Cabia a ele a tarefa de limpar a área próxima às árvores a serem derrubadas, para que depois ela e o marido fossem com a serra derrubá-las: “nós depois peguemo um companheiro para trabalhar com nós, um tal de Salvador. Para derrubá o mato. Ele fazia

---

<sup>72</sup> Os trabalhadores das *Obrages*, empresas argentinas que atuavam na região no período da colonização e exploravam madeira e erva-mate eram chamados de “trabalhadores das matas” ou “paraguaios”. A esse respeito ver: LANGARO, Jiani Fernando. **Para além dos pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006. p. 46- 50..

<sup>73</sup> BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009)**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Marechal Cândido Rondon, 2009, p.41.

a "boca" dos pau e eu e meu marido ia com o "vai-e-vem" (serra) né, atrás pra derrubar"<sup>74</sup>. Assim ela narra:

Nós tinha até 250 porco e quando caiu muito o preço dos porco e já a plantação não dava mais muito bem, dali nós fomo para hortelã, nós não plantemo, mas nós arrendemo nossa terra, mas era 3 colônias, quanto dá? 30,30... [Entrevistadora: 30 alqueires]. É, 30 alqueire. Com isso, quando terminou nossa colheita de hortelã, nós ficemo ainda 5 anos morando em Mercedes, mas sempre trabalhando na lavoura, nós tinha maquinário, nós plantava, né<sup>75</sup>.

Ao falar que arrendaram a terra para o plantio de hortelã,<sup>76</sup> dona Dora se refere a um produto que passou a ser cultivado na região nas décadas de 1960 e 1970 por um número considerável de trabalhadores vindos de outras regiões do país. O historiador Robson Laverdi classifica estes trabalhadores como os "outros", pois tiveram suas "trajetórias pouco contempladas pelas versões oficiais"<sup>77</sup>, por não se enquadrarem nos padrões da colonizadora MARIPÁ. Os chamados "nortistas" eram trabalhadores itinerantes que vinham para a região em busca de oportunidades de trabalho que possibilitassem o sustento de suas famílias. Estes não tiveram acesso a terra porque eram mais pobres que os pequenos agricultores do Sul. Embora se tenha constatado também a presença de trabalhadores sulinos que mesmo não sendo proprietários de terras vieram para a região em busca de trabalho como arrendatários ou empregados nas propriedades rurais. Assim, segundo Laverdi estas "minorias foram sempre lembradas de maneira tópica, limitadas à constatação do seu número reduzido e da classe social baixa a que pertenciam".<sup>78</sup>

O cultivo da hortelã ocorria nas terras recém-desmatadas, no meio de troncos e raízes. Era uma atividade exclusivamente manual e utilizava a mão-de-obra das famílias dos trabalhadores que viviam nas terras que eram cultivadas. Estes trabalhadores ficaram pouco tempo na região, pois esta atividade durou apenas alguns anos. Com a mecanização das lavouras as máquinas passaram a ser utilizadas para o cultivo de produtos como soja, milho e trigo. Com a extinção das lavouras de hortelã, estes trabalhadores migraram para outras regiões em busca de oportunidades de trabalho.

<sup>74</sup> Dora Kolm, 77anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> A este respeito ver: BACKES, Gilson. Op. Cit.

<sup>77</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: 2005, p.23.

<sup>78</sup> Idem, p.22.

Diferentemente destes trabalhadores, as famílias de dona Dora e dona Reni não eram despossuídas de propriedades. Apesar de não terem muito dinheiro, eram pequenos proprietários rurais que tinham condições de contratar os serviços de outras pessoas para ajudar na limpeza inicial e plantio da terra. Depois disso, a própria família conduzia os trabalhos na propriedade, como narra dona Reni:

Entremos lá em Iguaporã no mato. (...) E ele [marido] foi comprar a terra e daí ele logo assim, é... Fez um pleiteado pra derrubar 2 alqueires. E o dia, nós chegamos ali dia 13 de novembro, e mesmo naquele dia o homem fez fogo, queimou, tava tudo queimado e 2 dias depois deu uma chuva. Com a máquina, plantaram milho. E nós fizemos uma colheita de milho ainda. [Em] 64, nós saímos lá 11 de novembro, às 8 horas e 13 de novembro, às 1 hora, nós tava ali em Marechal Rondon, na minha irmã. Depois mais, saiu o caminhão e ela foi junto com nós. Entremos numa estrebaria, num chiqueiro. Porque podia uma casa na vila, mas nós tinha 3 crianças pequena, não podia deixar eles tão longe, então nós passemos pela chácara, num potrero, pra ir trabalhar e eles ficaram em casa daí. A mais velha tinha 7 anos. E daí de manhã eu coloquei já tudo pronto já: arroz, sal na panela; feijão e mandioca ela cuidou e quando chegamos em casa, eu fiz o resto. Meu Deus do céu... Era...<sup>79</sup>

A filha mais velha, que tinha apenas sete anos, tinha que ajudar a cuidar dos irmãos menores e a preparar o almoço da família. As crianças eram ensinadas desde cedo a colaborar nas tarefas cotidianas.

Dona Reni também lembra que nesse período tudo era feito com serrote porque não tinham dinheiro. Era necessário economizar para poder comprar uma moto-serra. Na entrevista mostrou-se orgulhosa por ter realizado trabalhos pesados junto com o marido, como cortar mato e serrar madeira. Apesar desse compartilhamento de atividades no preparo da área para plantio, percebe-se que havia uma divisão de atribuições e de papéis entre o casal. Era o marido que controlava as finanças da família e que decidia se e quando se podia gastar o dinheiro economizado. Quando havia necessidade de fazer contatos com a esfera pública, eles eram feitos pelo marido. Foi o marido de dona Reni quem comprou a terra e contratou um homem para derrubar o mato, fazer a queimada e plantar a roça de milho.

Quando perguntada sobre o período inicial, dona Reni respondeu:

Foi difícil. Muito difícil. Nossa! Nós começamos no mato, meu Deus, cortamos mato, eu e ele [marido] construímos tudo o que nós temos

<sup>79</sup> Reni Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

lá [na propriedade, em Iguaporã]. Tudo com o serrote assim, não tinha dinheiro pra comprar uma moto-serra. Depois mais, quando nós tinha as dívidas pago, daí ele comprou uma moto-serra. Porque ele não fez dívida, sempre com o dinheiro que nós fizemos ele comprou.<sup>80</sup>

Dona Rení destaca a falta de dinheiro e o intuito de economizar para primeiro pagar as dívidas e, só depois, comprar uma moto-serra que facilitasse o trabalho de derrubada do mato. Em sua fala podemos perceber a valorização de alguns valores e comportamentos, como a honestidade, o trabalho árduo e a parcimônia na hora de gastar. As qualidades éticas pessoais aliadas ao trabalho, entendido como dever, são entendidos como necessários à construção do patrimônio familiar. Estes valores são também transmitidos durante o processo de rememoração do passado.

Outro aspecto importante observado por Valdir Gregory a respeito da migração de agricultores sulistas para a região Oeste paranaense foi a tendência de “parentes buscarem migrar para perto de parentes”<sup>81</sup>. Os colonos que já tinham parentes morando no Paraná procuravam comprar suas terras próximas a dos familiares ou conhecidos. O fato de já possuírem algum tipo de afinidade como localidade de origem, língua e religião facilitaria a adaptação e o estabelecimento das novas famílias.

Nesse sentido, a antropóloga Eunice Durham<sup>82</sup> ao analisar os deslocamentos e as migrações de trabalhadores rurais da Zona da Mata, região Nordeste, para São Paulo durante o século XX, os representa como um fenômeno sociocultural, considerando que estes envolvem todo um “processo de integração” dos migrantes no novo espaço. A autora entende que “nenhuma migração pode ser compreendida exclusivamente como um deslocamento geográfico”<sup>83</sup>. Ela segue afirmando que:

A migração consiste em abandonar um conjunto de relações pessoais permanentes que passam a ser esporádicas e integrar-se num outro conjunto de relações, que eram esporádicas e passam a ser permanentes. Uma família que se muda não vai apenas morar em outro lugar – vai morar com outras pessoas. Desse modo, a movimentação é definida frequentemente antes pela alteração nas relações sociais que pela modificação do lugar geográfico de residência<sup>84</sup>.

<sup>80</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>81</sup> GREGORY, Valdir. Op. Cit. p.162.

<sup>82</sup> DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. A vida rural e a migração para São Paulo. 3ª edição. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1984, 245 p.

<sup>83</sup> Idem, p.136.

<sup>84</sup> Idem, p. 137.

O aspecto das relações sociais dos migrantes também é analisado por Gláucia de Oliveira Assis ao abordar o movimento de moradores de Criciúma, Santa Catarina, para os Estados Unidos. Ela destaca a importância das redes sociais no processo migratório e considera que “as relações em rede mais importantes são as baseadas em parentesco, amizade e origem comum”<sup>85</sup>, as quais reforçam a interação entre os indivíduos que migram. Segundo a autora, as relações de amizade e de solidariedade estabelecidas entre os migrantes os auxiliaram grandemente nos primeiros momentos da vida no novo lugar:

No caso das migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino. Dessa forma, as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois constituem o capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância.<sup>86</sup>

As relações de solidariedade estabelecidas entre os membros da família de dona Olinda a favoreceram no momento da instalação no Paraná, pois a ajuda dos familiares foi fundamental quando esta chegou com seus filhos pequenos. Em sua entrevista ela lembra com detalhes da viagem difícil e demorada desde Concórdia, Santa Catarina, até o Paraná, em 1960. No seu atributo de mãe e cuidadora do lar, está presente em seu relato oral a preocupação com a saúde e o bem-estar das crianças, devido a um surto de sarampo havido em Pato Branco, onde tiveram que pernoitar enquanto esperava o cunhado que iria buscá-los, ela e os filhos, para levá-los na casa da sogra. O marido teve que ficar para trás, junto com a mudança, devido a uma enchente que impediu a passagem do caminhão. Assim, ela contou com a ajuda do cunhado e dos sogros que já moravam em uma localidade próxima. Também o irmão, que morava próximo, em Marechal Cândido Rondon, já havia construído uma casa na propriedade, que embora fosse cheia de frestas, serviu para abrigar a família recém-chegada. Ao chegar a sua nova moradia, dona Olinda teve que improvisar, fechando as frestas da parede com panos velhos, pois as crianças ficaram doentes, tiveram varicela, e precisavam de cuidados dentro de casa.

---

<sup>85</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. Op. Cit. p. 752.

<sup>86</sup> Idem.

Naquele tempo as viagens do Rio Grande do Sul para o Paraná eram muito demoradas, pois não havia estradas pavimentadas. Em razão disso, as dificuldades até chegar ao destino e até se estabelecerem como colonos, e assim explorar novas terras para poder plantar, criar e construir um patrimônio, são constantemente lembradas pelas mulheres entrevistadas.

Nas memórias das mulheres, é comum lembrarem a mudança e diversos outros temas mencionando as crianças. No caso de dona Olinda, ela lembra a doença das filhas no momento da mudança. As memórias da migração e da instalação dão visibilidade aos outros membros da família, os filhos, maridos, parentes e pessoas mais próximas. Através das memórias da migração, estas mulheres configuram o seu grupo familiar. Assim ela diz:

E quando nós veio de caminhão, nós veio de caminhão até Xanxerê, com mudança, lá depois, nós fomos outro dia até Pato Branco e o rio tava lá, não podia passar. Daí nos passemos embaixo, onde a balsa, a balsa tava assim fora, em cima, o caminhão de reboque. Meu... 5 crianças, meu, era tão difícil.

Chegamos depois em Palmeirinhas, chegamos lá, tinha sarampo lá. “Ah, mas nós tem que ficar hoje aqui”. O cunhado queria vim buscar e não veio, não veio, não veio. E de noite, de repente, ele apareceu, ele falou: “Amanhã cedo, eu venho buscar vocês, bem cedo”. E daí fomos de Jipe, até outro dia, até Esquina Ipiranga, na minha sogra. (...) Ela já morava na Esquina Ipiranga. E 2 crianças só chorando, chorando, chorando, chorando. Uma não comeu, não dormiu, mas nada, nada, ficava só chorando. Mas passou... O Harto [filho mais velho] muitas vezes xingou pra eles, “Choradeiras!!!”, ele falou. Essa uma, quando nós chegamos, tinha um banco, ela tava deitada lá. Mas passou... E ele [marido] ficou um pouco pra trás, com a mudança, não podia passar no rio. Com 4 vaca em cima.

Eles precisava 6 dias pra vim e eu precisava com as crianças que era só 4. O meu sogro tava junto, ele me ajudou. Acho que... Tava difícil, mas tranquilo. E na casa, nós entremo lá em Iguaporã, fresta assim larga [gesto com os dedos], encheu de pano velho.

Entrevistadora: Já tinha casa?

Dona Olinda: Sim, meu irmão fez uma, meu irmão já morava aqui, ele fez a casinha.

E depois as crianças tinham assim, tipo assim, parece uma... Como se diz? Varicela. Não deixou eles sair da cama. Meu Deus, isso era uma coisa ruim. E de noite quando vamos tratar as vacas, eles tem que ficar dentro de casa. Isso era tão difícil, mas passou! Era perto da estrada, mas passou! Tranquilo. E depois melhorou, eles cresceu, já arranjaram namorada [risos]. Foi bem ainda, foi bem gostoso o tempo.<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

Ela lembra ainda: “E chuva, e chuva, quando nós veio. Aquele ano choveu, choveu, choveu... Daí ele [marido] colocar as vacas nesse lugar e depois no outro...”<sup>88</sup>. Devido ao excesso de chuva naquele ano eles tiveram alguns transtornos como a dificuldade de acomodar os animais no pasto, pois era necessário mudar as vacas de um lugar para outro, o que refletia na ordenha e na produção de leite.

Ela rememora a mudança para o Paraná e as dificuldades pelas quais a família passou, deixando transparecer um sentimento de superação. A mudança é relatada como um desafio, uma provação em sua vida. Como se depreende pelo relato oral, esse tempo de dificuldades teria ficado para trás: “isso era tão difícil, mas passou”. Dona Olinda não vê esse passado como algo que deva ser esquecido. Apesar de tudo, para ela, “foi bem gostoso o tempo”.

Esses relatos, embora evidenciem os espaços masculinos e femininos, ressaltam também a participação ativa das mulheres e das crianças. Ao contar suas experiências sempre junto com o marido e filhos, as mulheres entrevistadas trazem aspectos que desconstróem a idéia de pioneiro como sendo unicamente do sexo masculino.

## **1.2. “Por que na colônia, o que que a gente tinha?”**

Ao se referir ao cotidiano de trabalho dos agricultores na região Oeste do Paraná, o historiador Davi Félix Schreiner afirma que todos os membros da família estavam envolvidos no trabalho. Vida privada se confundia com vida produtiva, uma vez que “trabalho e família se confundem numa mesma identidade”<sup>89</sup>. O autor, baseado em Antoine Prost, descreve a família dos pequenos agricultores como “uma unidade de produção autônoma”<sup>90</sup>, em que os filhos iniciavam desde pequenos sua contribuição no trabalho necessário para a sobrevivência da família, ajudando inicialmente nos pequenos serviços domésticos quando meninas, e, no caso dos meninos, também progressivamente na lavoura. Isso fica claro nas narrativas das mulheres entrevistadas, as quais destacam o trabalho realizado por todos, incluindo a ajuda das crianças.

Sobre a organização das atividades dos primeiros colonos a se instalarem no espaço colonial do Oeste do Paraná, o historiador Valdir Gregory assim se refere:

---

<sup>88</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

<sup>89</sup> SCHREINER, Davi Félix. Op. Cit. p.89.

<sup>90</sup> Idem Ibidem.

De uma maneira geral, a unidade produtiva era o grupo familiar e houve uma noção muito clara de que a família, tendo o pai como o chefe, era a unidade fundamental. Desta forma, a família teria que estar presente nas atividades agrícolas. Os filhos estavam presentes e acompanhavam os trabalhos dos pais. Cuidar da criação era tarefa de todos. Todos aprendiam a fazer pasto, a dar trato aos porcos, às vacas, a tirar leite, a cuidar das galinhas, a recolher os ovos e assim por diante.<sup>91</sup>

Gregory destaca que “o ato de mudar implicava em rompimento e em comprometimento”<sup>92</sup>, pois era preciso romper com uma vida que estava estruturada, deixando para trás amigos, familiares, objetos e instrumentos de trabalho para iniciar uma nova vida com novas relações de trabalho e convivência.

O termo colono, muito utilizado pelos agricultores da região, serve para designar os habitantes da zona rural que se dedicam ao trabalho agrícola. A antropóloga Giralda Seyferth define que “concretamente, colono é a categoria designativa de camponês, mesmo quando este possui outra ocupação além da agricultura, e sua marca registrada é a posse de uma colônia (mesmo que de reduzido tamanho) – a pequena propriedade familiar”<sup>93</sup>.

A autora, ao analisar as representações sobre a identidade camponesa em uma comunidade rural do rio Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, explica que ali a colônia era usada como símbolo de um microcosmo auto-suficiente, onde a família produzia os alimentos necessários à sua subsistência. Portanto, deveria conter uma horta, um pomar, vacas para produzir leite, porcos para produzir carne e banha, aves para produzir ovos e carne, além de uma roça plantada com produtos básicos como milho, cana-de-açúcar, mandioca, batata e pasto para os animais, além de estábulo, galinheiro, chiqueiro e um galpão para guardar os equipamentos de trabalho e estocar a produção de grãos. A autora também observa que “a valorização do passado pioneiro – como um passado de luta – acentua o fator trabalho como elemento característico do colonizador”<sup>94</sup>.

Entre os trabalhadores migrantes também estavam suas esposas, as quais estavam inseridas nas atividades cotidianas da propriedade como força de trabalho. A presença das mulheres foi um fator importante para o estabelecimento dos agricultores na terra recém adquirida e também na formação e na manutenção da família e da

---

<sup>91</sup> GREGORY, Valdir. Op. Cit. p. 113.

<sup>92</sup> Idem. p. 177.

<sup>93</sup> SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº18, ano 7, fev. de 1992, p. 80.

<sup>94</sup> Idem. p. 81.

propriedade. As dificuldades encontradas para sobreviver à vida dura no meio do mato, ensinaram a mulher, ao homem e as crianças também a lidar com os desafios naquele novo ambiente.

Ainda que na colônia muitas vezes as mulheres só fossem reconhecidas através do marido, pela sua posição de esposa, elas não foram sujeitos passivos de um poder masculino. No seu dia a dia e nas decisões familiares as mulheres agricultoras também tinham alguns poderes. De acordo com elas, o marido as consultava quando da realização de negócios, especialmente quando envolvia a compra e venda de bens de maior valor, e a decisão em geral era tomada em conjunto. Embora fossem os homens que administrassem os recursos financeiros da família e tomassem as decisões referentes aos investimentos necessários para a produção, as mulheres entrevistadas afirmavam participar das decisões práticas necessárias ao bom andamento da propriedade.

Na colônia, o casal levantava cedo e trabalhava junto durante todo o dia na propriedade. As crianças iam junto com os pais, ficando sob seus cuidados enquanto trabalhavam, conforme lembra dona Carmelita “(...) eu levava as crianças, nós levava as criança junto, né. Não tinha como, assim, tinha que ajudá”<sup>95</sup>.

O historiador britânico Edward Thompson ao analisar o trabalho dos camponeses na Inglaterra do século XIX através das novas concepções de tempo trazidas pelo capitalismo industrial, afirma que também os trabalhadores rurais estavam sujeitos a uma intensa disciplina de trabalho. Mas ele difere o trabalho exercido pelas mulheres da seguinte maneira: “O trabalho mais árduo e prolongado de todos, era o da mulher do trabalhador na economia rural. Parte desse trabalho – especialmente o cuidado dos bebês – era o mais orientado pelas tarefas. Outra parte se dava nos campos, de onde ela retornava para novas tarefas domésticas”.<sup>96</sup> O autor entende que “o ritmo do trabalho feminino não se afina totalmente com a medição do relógio. A mãe de crianças pequenas tem uma percepção imperfeita do tempo e segue os ritmos humanos”.<sup>97</sup> Para dar conta do trabalho necessário e inevitável no cuidado com as crianças e com a casa, a mulher nas colônias do oeste do Paraná se desdobrava entre o trabalho na roça, a preparação das refeições, o cuidado dos filhos e a costura das roupas da família.

Dona Carmelita lembra que os ritmos na colônia não eram regulados pelo calendário, mas pelas lidas na roça. A percepção do tempo e os ritmos de trabalho eram

---

<sup>95</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>96</sup> THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 287.

<sup>97</sup> Idem, p. 288.

comandados pelas tarefas a serem executadas. Em geral, o dia era todo dedicado ao trabalho que precisava ser realizado pelo casal. Embora trabalhassem a semana toda, o domingo era considerado sagrado, dedicado ao descanso e às sociabilidades entre vizinhos e conhecidos. A dificuldade de locomoção fazia com que tivessem contato apenas com os vizinhos mais próximos. Isso fez com que, numa ocasião, o casal fosse lembrado por um dos vizinhos do dia de domingo:

Nós carneamo um porco, nós achava que era um dia de semana, né, achava que era sábado. Daí veio o vizinho domingo de manhã: “Ué vizinho, ele disse, vocês carneando porco no domingo?” Daí o Edvino [marido] falou assim: “Mas hoje não é domingo, hoje é sábado”. E ele falou que era domingo, daí era domingo mesmo. Nós não tinha rádio, nós não tinha. Naquela época não tinha TV, não tinha luz, nada, né. (...) E assim foi indo, né.<sup>98</sup>

No trecho citado, o passado é lido através da comparação entre o tempo presente e o pretérito no que se refere aos meios de comunicação. Hoje, dona Carmelita se situa no tempo, entre outras formas, pelos meios de comunicação existentes e pelos ritmos da vida urbana. Assim, quando ela fala da falta de informação, de energia elétrica, de acesso ao rádio e à televisão ela quer dizer que o sofrimento no passado não se limitava ao trabalho duro, mas também devido à falta de qualquer tipo de comodidade ou conforto em casa. Isso seria diferente de hoje em dia, depois das mudanças havidas com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte, tornando possível o acesso a produtos ou informações, mesmo na zona rural, facilitando a vida dos agricultores.

Dona Valéria lembra do cotidiano de trabalho na roça, quando morava em uma chácara nas proximidades da “cidade”, como um tempo de dificuldades. Ela mora na área urbana do município há 33 anos. Não é aposentada, mas recebe pensão por viuvez. Em suas memórias, o espaço rural do passado aparece como um lugar de muito trabalho. Por terem na época uma área pequena de terra, apenas três hectares, não podiam possibilitar aos filhos a perspectiva de uma vida melhor. Seu marido trabalhava como pedreiro na cidade para complementar a renda da família. Assim, depois que os filhos cresceram, eles acabaram trocando a chácara em que moravam por um terreno e uma casa na “cidade” para que os filhos pudessem estudar e trabalhar no comércio. Ela comenta sobre a situação financeira vivida pela família no período em que dependiam da agricultura para sobreviver:

---

<sup>98</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

Porque na colônia, o que que a gente tinha? Não tinha muita coisa, sabe? A gente trabalhava mais assim, pro gasto, né, corria pro gasto, vendia, tinha coisa, mas se virava, daí só mais assim pro gasto, porque ele [marido] trabalhava fora.(...) Sempre, não era pra dizer que nós passemos fome, mas também não tinha que sobrasse coisa, né. Tinha pra viver.<sup>99</sup>

De acordo com ela, apenas “tinha pra viver”. Apesar de não terem passado fome, não sobrava muita coisa. Aquilo que produziam dava apenas “pro gasto” da família. “Plantar para o gasto”<sup>100</sup> era uma característica também dos colonos analisados pela antropóloga Giralda Seyferth. Em sua propriedade, os colonos produziam os alimentos primordialmente para sua sobrevivência, e, depois, se houvesse excedente, vendiam para outros, gerando um ganho adicional para a família. É o que também fazia a família de dona Valéria.

Ao ressaltar que trabalhava apenas “pro gasto”, dona Valéria compara o tempo em que vivia na colônia, levando uma vida modesta, com o tempo atual, considerado por ela de maior fartura. Ao observar a vida dos agricultores que andam de carro e possuem máquinas agrícolas que facilitam seu trabalho, ela diz: “hoje em dia tudo assim na colônia já é melhor”. Ao ser perguntada sobre os produtos que cultivava e os animais criados e se ela vendia o excedente, respondeu:

Sim, vendia, mas, só tinha umas duas vaquinha pra vender leite, não dava muito, né. E hoje em dia, tudo assim na colônia já é melhor, eu que acho, eu não sei também... E ali na cidade também, hoje é mais fácil, porque tem mais serviço, sabe, naquela época não ganhava muito serviço. Porque quando nós viemos morar pra cá, quando nós morava na colônia, eu mandava, às vezes, os filhos levá uns ovos pra vender, uma dúzia de ovos, nem achava onde vender, pra comprar um pouquinho de coisa assim, como açúcar, farinha, uma coisa..., isso nem achava de vender, porque tinha muito, sabe, e poucos que compraram, né. Depois eu comecei de vender leite aqui, mas não pra leiteiro, porque não passava, daí os filhos fizeram assim, entregavam nas casas um pouquinho, sempre ajudava um pouco.<sup>101</sup>

Estratégias de sobrevivência entre o campo e a cidade ajudaram a família até os filhos crescerem e arrumarem emprego na cidade, para assim ajudar na renda familiar. Ela também compara a vida de antes e a vida de agora, tanto no campo quanto na cidade, dizendo que atualmente “é bem melhor”, “tá mais fácil”, “tem mais serviço” do que há

<sup>99</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>100</sup> SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p. 82.

<sup>101</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

alguns anos atrás. Para ela, a oferta de trabalho na cidade proporcionaria uma vida melhor, tanto para os habitantes urbanos, quanto para os agricultores. O comércio de produtos excedentes seria bem mais fácil no tempo presente do que no passado.

### 1.3. Cotidiano e sociabilidades

Através das memórias destas mulheres, podemos perceber parte do vivido e do praticado na colônia, o trabalho e também as sociabilidades. Na análise de seus relatos orais, percebe-se o gosto com que falam de uma época vivida junto com os maridos e os filhos e a saudade que sentem do tempo em que as crianças eram pequenas e estavam mais próximas do que na atualidade.

Considerando as condições em que se deu a ocupação territorial, a família tinha um importante papel na organização do trabalho e era também um importante grupo de socialização dos homens e mulheres.

Os espaços de convivência das mulheres, inicialmente, foram principalmente a casa e a vizinhança próxima. Seu trabalho era praticado no interior da propriedade. Os contatos externos como a compra e venda de produtos e insumos, atividades em bancos e cooperativas eram realizados pelos homens.

As comunidades constituídas por pequenos agricultores que moravam em propriedades relativamente próximas umas das outras possibilitavam o desenvolvimento de relações de vizinhança, incluindo a troca de favores e confraternizações. Depois que se estabeleciam na propriedade e conseguiam uma certa estabilidade financeira, as famílias podiam fazer “uma festinha”, como fala dona Carmelita. Para isso, “matavam um boizinho” e convidavam os vizinhos e conhecidos. Eram práticas socioculturais vistas hoje como singelas, mas valorizadas quando hoje falam sobre o passado:

Mas não era só, vamos dizer, sofrimento. A gente se divertia também, né. Depois a gente melhorava um pouquinho de vida, né. Daí a gente tinha umas vaquinha também... A gente matava um boizinho, daí tinha uma carninha e convidava os vizinho e conhecido, né. Fazia uma festinha, se reunia e... Fazia um festinha. Só com os amigo, assim, que a gente tinha arrumado naquela época.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

O modo como ela relata este passado, ao usar palavras no diminutivo, nos sugere como rememora com carinho aquele momento de sua vida. Através desta forma de falar, é possível também que dona Carmelita queira expressar a vida singela e simples que tinham tido “naquela época”.

No relato de dona Irmélia também se percebe a importância dada ao convívio entre os vizinhos, inclusive com certo saudosismo. Ela migrou junto com o marido e três filhos pequenos. Em suas lembranças está presente a importância da ajuda e da solidariedade prestados pelos vizinhos próximos em uma fase difícil depois da mudança, quando uma forte geada matou o pasto que servia para alimentar as vacas. Aqueles que tinham migrado antes sabiam das dificuldades dos recém chegados que ainda não tinham formado uma horta para produção de verduras, um pomar que produzisse frutas e pastagem para a produção de leite. Portanto, tudo que lhes era oferecido era muito bem vindo e de grande ajuda, inclusive o leite para alimentar os filhos, como no caso de dona Irmélia, que destaca a importância dos vizinhos naquele momento:

Mas, nós tinha vizinhos muito bons, sabe, nos primeiros anos que a gente entrou lá [na colônia, em Pato Bragado], a vizinhança era muito legal, sabe, tudo que eles achavam que a gente precisava e sabiam que a gente não tinha, eles traziam pra ajudar: fruta, leite, nata, requeijão... Sempre, sempre a vizinha, as crianças iam na aula, passavam lá no pátio, né, iam junto na aula as crianças e daí na volta traziam, ela sabia quando terminava, daí ela já... E ela desnatava leite, pra vender a nata, né. Daí ela mandava de balde, leite desnatado que ela jogava pros terneiros ou pros porco. Então ela mandava de balde, lá em casa pra nós, daí a gente fazia, fervia o leite pro café, nós não tinha ainda leite, porque as vacas quando vem de mudança, secou assim [não davam leite] e não tinha pasto. Caiu geada, o inverno matou tudo, daí as vacas ficou seca, não tem leite, daí ela mandava. E daquele leite eu fazia, requeijão, fazia sopa, fervia o leite pro café, Era o leite que a vizinha ia jogar pros terneiros, aproveitava.<sup>103</sup>

Dona Irmélia segue lembrando da relação com a vizinha e da criatividade que ambas usavam para mandar recados uma para a outra. Segundo ela, a vizinha, que tinha uma charrete, sempre avisava quando ia para a vila e oferecia carona:

Quando nós morava lá em Pato Bragado, né, na colônia, daí eu tinha uma vizinha, ela tinha uma charrete, uma carrocinha com dois cavalos, e daí quando ela vinha pra vila, daí ela me avisava: “Eu vou no moinho do arroz, você tem alguma coisa pra mandar junto?” E daí ela mandava recado com as crianças, quando passava na escola, daí ela mandava

<sup>103</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

recado pra mim, daí eu aproveitava, né. Daí quando trazia a notícia, já devolvia de volta com a criança que ia na aula, já levava a resposta. “Amanhã cedo nós vamos levar lá na...”, “Não, não precisa levar lá, eu vou lá pegar”. Daí ela vinha com a carrocinha e pegava, daí no final. “Ah, por que você não vai junto?”. Então eu ia junto com ela na carrocinha.<sup>104</sup>

A entrevistada, ao falar do cotidiano dos colonos, ressalta a relação de solidariedade entre vizinhos. Era comum entre as vizinhas a troca de alimentos produzidos na propriedade, bem como de sementes e mudas de flores e chás. Ao falar sobre isso, dona Irmélia tece uma diferença entre a vida daquela época e a de hoje na cidade, em que muitos vizinhos não se visitam. A sociedade atual é representada como uma sociedade da pressa e do consumo, na qual ninguém teria tempo para se visitar, ninguém mais consertaria roupa, diferente “daquela época”. Percebe-se assim em sua fala um sentimento de nostalgia e tristeza, quando ela acentua que “era bem legal” naquela época, pois “a gente tinha mais tempo pros amigos do que hoje”. Sua fala idealiza o tempo passado vivido na colônia, apesar de iniciar relatando as inúmeras tarefas que ela, enquanto trabalhadora, mãe e esposa deveria cumprir, talvez em função da situação vivida hoje em dia:

A gente tinha vaca pra cuidá, tinha galinha pra cuidá, tinha a roça pra cuidá, tinha a casa... Só um detalhe que era bem legal, que a gente tinha mais tempo pros amigos do que hoje. Por que hoje a gente não vai visitar ninguém, né. Ah, porque não dá tempo. Na época que a gente morava na roça, quando era dia de chuva, pegava uma trouxinha de roupa embaixo do braço e ia na casa da vizinha, enquanto remendava roupa, conversava, tomava chimarrão e era uma visita, né. E hoje, você nem remenda roupa e nem visita a vizinha.<sup>105</sup>

Apesar de afirmar que a vida não era fácil, ela recorda que as vizinhas “davam um jeito” de se encontrar para conversar e tomar chimarrão, mesmo que fosse enquanto costuravam e remendavam a roupa em um dia de chuva. Ela seleciona este fato para acentuar a sentida falta de sociabilidades vivida por ela no presente, apesar do tempo livre proporcionado pela aposentadoria. Mais do que outras mulheres entrevistadas, ela ressalta os compartilhamentos havidos entre as vizinhas no passado, conferindo positividade àquela época através desses realces.

---

<sup>104</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>105</sup> Idem.

Ao lembrar da vida na colônia, estão muito presentes nas narrativas das mulheres detalhes acerca das práticas alimentares. Como era função da mulher preparar as refeições da família, elas lembram com clareza de certas práticas culinárias comuns na época. Tradições culinárias são repassadas de uma geração à outra no seio familiar e as mulheres em geral eram as principais responsáveis por sua manutenção, alteração e transmissão. Elas descrevem, por exemplo, a forma pela qual conservavam a carne de porco no período em que não havia eletricidade nem congeladores para preservar os alimentos. Para o trabalhador rural, a carne é considerada um alimento fundamental na sua alimentação diária, por dar energia para o trabalho pesado na roça. Dona Carmelita lembra como carneavam o porco e preparavam sua carne:

Quando nós matava um porco, (...) porque nós picava a carne de porco, depois fritava no tacho e guardava nas lata, jogava banha em cima e guardava. Tirava todo dia uma quantia que a gente precisava, botava na panela e esquentava no fogão. Ficava muito gostoso.<sup>106</sup>

Esse processo também facilitava a preparação diária do almoço da família. Segundo dona Carmelita, “ficava muito gostoso”, revelando como o ato da entrevista as levou até mesmo a rememorar os gostos das comidas preparadas e os modos de cozinhá-las. Dona Rení também descreve todas as etapas de preparação dos alimentos consumidos diariamente pela família depois de uma jornada de trabalho na roça. Ela colocava o feijão e a mandioca nas panelas e deixava cozinhando no fogão à lenha, depois saía para trabalhar junto com o marido, e quando voltava da roça, colocava mais lenha para aumentar o fogo e cozinhava o arroz, esquentava a carne e preparava uma salada. Segundo ela, feijão tinha que cozinhar todo dia, porque não tinha como conservar de um dia para outro. Os “alimentos fortes”<sup>107</sup>, ou seja, que sustentam] para o trabalho pesado, como o feijão, arroz, mandioca e carne, nunca teriam faltado em sua mesa. De acordo com ela, era tudo colhido por eles em sua propriedade:

Nós carneamos um porco e daí nós fritamos a carne num tachinho e daí colocamos numa lata, com banha em cima, sempre tava pronto quando a gente veio pra casa, só esquentá. Não tinha luz, não tinha nada, nada, nada. E era gostoso a carne e daí cozinhava o feijão, sempre cada dia

<sup>106</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>107</sup> Comida forte é considerada comida de trabalho, ou seja, aquela que sustenta a pessoa, ou o colono, enquanto realiza o trabalho pesado na roça. A este respeito ver: WEDING, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Comida e classificações: homens e mulheres em famílias camponesas. **Caderno Espaço Feminino** v.20, n. 02, Ago/Dez 2008, p.57 – 74.

novo, porque não tinha nada pra guardar. Daí panela de feijão, mandioca. Isso foi sempre quando nós fomo na roça, quando cheguei em casa, fogão a lenha, não tinha outro, taquei mais lenha e botei o arroz, carne e salada e a comida tava pronto, mas a mandioca nunca faltô.

Entrevistadora: - Tudo o que vocês colhiam, né?

Dona Rení: - Tudo, arroz, tudo nós colhemos.

Entrevistadora: - E pão, bolacha, essas coisas faziam em casa?

Dona Rení: - Eu fiz mesmo tudo.<sup>108</sup>

Produzir os alimentos que a família consumia era motivo de orgulho para os agricultores. Assim, eles plantavam de tudo um pouco e a maior parte daquilo que comiam era fruto do seu trabalho na terra. A antropóloga anteriormente citada, Giralda Seyferth, afirma que essa prática conferia um valor simbólico à identidade dos colonos, “através da idealização do modelo de colônia auto-suficiente”<sup>109</sup>.

Nos aportamos aqui à pesquisa sobre as práticas presentes na vida cotidiana das mulheres francesas desde o século XIX sobre a rotina, os hábitos, as restrições e as estratégias nos trabalhos domésticos e na tarefa de organização e na preparação da comida no lar, feita pela historiadora francesa Luce Giard, Pierre Mayol e Michel De Certeau. Sobre as práticas do cotidiano, a autora compreende que “também naquele tempo era preciso ser econômico e organizado. A necessidade faz a lei.”<sup>110</sup> Ela ressalta que era preciso ser previdente e engenhosa para aproveitar os frutos da colheita e armazená-los adequadamente para consumir mais tarde. De acordo com a autora, a necessidade de conservar as frutas e legumes abundantes na época da colheita originou a invenção de inúmeras práticas culinárias. Todas essas práticas eram compartilhadas entre vizinhas, que embora atarefadas com seus afazeres diários, executavam esses trabalhos com alegria, fazendo o que sabiam fazer melhor, partilhando assim saberes e sabores.

Nestas “práticas ordinárias” estava presente a “inventividade precária”, tão significativas para o historiador do cotidiano, como ressalta Luce Giard:

(...) Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz

<sup>108</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>109</sup> SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p. 82.

<sup>110</sup> GIARD, Luce. Cozinhar. In: GIARD, Luce; MAYOL, Pierre; CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 276.

de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las.<sup>111</sup>

A respeito da necessidade de conservar os alimentos produzidos no período da colheita, dona Rení lembra da extrema pobreza em que vivia quando criança no Rio Grande do Sul e de como sua mãe se desdobrava para alimentar a família e garantir a subsistência dos filhos pequenos. Segundo ela, “hoje é sempre domingo”, pois em suas memórias, o pão de trigo só era consumido se fosse “um domingo especial”, diferente de hoje em dia, em que o pão de trigo pode ser consumido diariamente. Feito com farinha branca e refinada, o pão de trigo era considerado um artigo de luxo e consumido só em ocasiões especiais. Diariamente era consumido o pão de milho feito com farinha de maior valor nutritivo e baixo custo. O milho produzido na roça era colhido e levado a um moinho próximo para fazer a farinha.

Em suas lembranças, o período da infância pobre no Rio Grande do Sul se alterna com o período em que vivia na colônia, já no Paraná, junto com o marido e os filhos. Ela e o marido faziam melado com a cana de açúcar plantada para vender na cidade. Também faziam conservas de frutas e verduras colhidas na época, como o chuchu cozido na calda, para guardar e consumir mais tarde, aproveitando assim os produtos da propriedade:

E a mãe era pobre assim, não era que nem hoje. Hoje sempre é domingo. Antigamente não. E daí quando a mãe fez é... Pão de trigo, daí isso era um domingo especial.

Entrevistadora: - Só pão de milho?

Dona Rení: - Só pão de milho. Meu Deus do céu, era legal.

Entrevistadora: - Que nem bolacha, essas coisas não tinha todo dia, né?

Dona Rení: - Não. Volta e meia melado, nós fizemos muito, muito melado eu e ele [marido], pra vender assim lata, trazemo ali em Rondon, assim as latas cheia, melado. E depois a gente cozinhou o chuchu dentro da guarapa, isso ficou uma coisa boa.

Entrevistadora: - Daí guardava?

Dona Rení: - Aham.

Entrevistadora: - Guardavam nos vidros?

Dona Rení: - Sim.<sup>112</sup>

Percebe-se em seus relatos que estas mulheres tiveram uma infância pobre e viveram uma juventude também cheia de dificuldades. O trabalho árduo no campo é representado como o caminho possível para terem alcançado uma vida melhor. Ao

<sup>111</sup> GIARD, Luce. Op. Cit. p. 217.

<sup>112</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

rememorar o passado comparando com o momento presente, as entrevistadas narram as mudanças ocorridas nas suas vidas. Em geral, os relatos sobre a migração se misturam com a idéia de trabalho duro e sacrifício, conectando-se assim, na narrativa, migração, trabalho e família. Normalmente falam pouco sobre sua infância e o seu lugar de origem, dando ênfase à vida depois do casamento, já no Paraná.

#### **1.4. Posições de gênero na colônia**

As mulheres na colônia assumiam comportamentos ou posições próprias das mulheres da sua geração. Elas realizavam todo tipo de atividade considerada necessária à manutenção da família na propriedade. Associavam o trabalho diário na roça a uma série de outros afazeres considerados próprios das mulheres colonas, tais como lavar e passar as roupas da família, cozinhar, costurar, cuidar da horta e da criação. Além disso, faziam pão, queijo, lingüiça, sabão e cuidavam dos filhos. Ao descrever o dia-a-dia no meio rural, todas as entrevistadas dizem que levantavam muito cedo, trabalhavam na roça junto com o marido, preparavam os alimentos consumidos pela família, educavam os filhos e confeccionavam a roupa que vestiam. Boa parte do tempo era aproveitada e dedicada a alguma tarefa, inclusive à noite e nos finais de semana. Segundo as entrevistadas, nem mesmo durante a gravidez deixavam de trabalhar no pesado. Em suas memórias, muitas associam as atividades de trabalho ao amor e ao cuidado para com sua família.

Mesmo que muitas vezes não fosse reconhecida pelo Estado como trabalhadora rural, executava tarefas na roça hoje muitas vezes consideradas pesadas para uma mulher, ou como comenta dona Maria Adélia, “serviço de homem e de mulher”. Quando perguntada se sempre trabalhou na agricultura, ela foi enfática ao dizer:

Sempre, sempre, sempre trabalhou de dia e de noite até 10, 11 horas... E como... (...) Eu fui na roça, eu..., eu ajudou no arado, eu lavei batata e mandioca e levou a carroça cheia pra casa e, isso tudo eu fazia, o serviço de homem e de mulher.<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/ 2011.

Maria Adélia ressalta o trabalho duro que desempenhou na roça. Já outras mulheres falam de atividades mais voltadas para o serviço doméstico, como a costura das roupas e a produção de alimentos e outros produtos, como o sabão, feito na propriedade.

Dona Carmelita também lembra que todo o tempo do dia era dedicado ao trabalho na roça e de noite ela costurava as roupas da família. O que hoje em dia é para ela motivo de orgulho, naquela época era uma necessidade. Nas imagens guardadas nas fotografias estão perpetuadas algumas das lembranças daquele tempo em que costurava as roupas dos filhos. Ao rever as fotos que trazem à sua memória o trabalho de costura realizado, ela comenta:

De noite eu costurava. Porque na época não tinha, assim, roupa pronta pra comprá, né? Se tinha era tudo longe, né? Nem dinheiro nós não tinha. E daí a gente tinha tecido em metro, e eu costurava toda noite, né. E tinha os filhos. Até nesses dias nós olhamos as fotos ainda, calça, assim, vestidos pras meninas, tudo, tudo que eu fiz, camisa, né...<sup>114</sup>

O marido também a ajudava em algumas tarefas da casa como a lavar a louça, porém era ela quem cozinhava e lavava a roupa, enquanto ele trabalhava no chiqueiro, cuidando dos porcos. Assim ela explica como realizavam as tarefas:

Sim, ele me ajudava tudo. Lavá louça. Quando ia de manhã na roça daí eu voltava mais cedo pra fazer o almoço rapidinho, né. Depois na hora de meio-dia, a gente lavava a louça. Fazia a comida, lavava a louça, daí ele já trabalhava no chiqueiro, tinha uns porquinho, a gente se virava.<sup>115</sup>

Dona Irmélia e o marido também realizavam as tarefas em conjunto, tanto em casa quanto na roça. Quando perguntada se havia uma divisão das tarefas ou se o marido ajudava em casa, respondeu:

Sim, ele ajudava, ele fazia tudo e, quando nós casamos, nunca fizemos o serviço sozinhos. Assim como ele me ajudava em casa e eu ajudava ele na roça, então era sempre tudo dividido. Enquanto ele cuidava das crianças de noite, eu já lavava a louça, providenciava o almoço pro outro dia, arrumava as roupas, passava as roupas, sempre assim. Ele sempre me ajudou dentro de casa e eu sempre ajudei ele fora. Até hoje é assim, ninguém lava a louça sozinho. Agora, ele lava sozinho, porque eu tenho outras coisas pra fazer e daí de manhã eu deixo ele sozinho. Lava, enxuga e guarda. Meio dia, eu

---

<sup>114</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>115</sup> Idem.

lavo, ele enxuga, mas sempre junto, tudo, tudo. Às vezes, limpa alguma coisa sozinho, mas a ordem é a mesma de 51 anos. [risos]<sup>116</sup>

Ela também comenta que todas as decisões que tomavam eram em conjunto, algo que aprenderam com seus pais e procuraram transmitir aos filhos. Segundo seu dizer:

Era na hora de fazer negócios, na hora de cuidar da alimentação, cuidar das coisas, na hora que queria renovar alguma coisa dentro de casa, era sempre, sempre, sempre... A gente aprendeu isso de casa, que o óbvio é isso, né, então a gente viveu assim até hoje, né. E tentou passar também isso pros filhos, né, porque se criaram nesse ambiente assim<sup>117</sup>.

A falta de dinheiro, a distância em relação à cidade e a dificuldade de locomoção para adquirir produtos necessários para o consumo da família são frequentemente citados nas entrevistas. Dentre as alternativas encontradas pelas mulheres para suprir estas necessidades, destacam-se a fabricação doméstica de diferentes produtos, tais como sabão, queijo, manteiga, melado, doces, linguiça e roupas. Dona Irmélia lembra que quando morava no espaço rural, tudo o que era consumido pela família era produzido ou cultivado na propriedade. O sabão usado para lavar roupa e louça e para a limpeza era feito em casa. Apenas alguns poucos produtos como erva mate para tomar chimarrão, açúcar e sabonete eram comprados. Inclusive a roupa da família era confeccionada por ela, a qual comprava o tecido em metro e fazia em casa:

A gente só comprava erva e açúcar, não fazia erva, né, mas o resto você produzia as coisas em casa e daí açúcar e erva e coisas assim. Depois com o tempo, foi mudando, daí a gente comprava coisas assim que as crianças gostava mais, era bala, essas novidades que aparecia no comércio, essas coisas comprava. E roupa também comprava em metro, o tecido e fazia em casa.

Entrevistadora: A senhora fazia?

Dona Irmélia: É, nunca comprava roupa pronta assim, sempre economizar, né. Assim com o tempo, tudo foi mudando, né. Eu me lembro que a gente depois, quando tinha... Os primeiros anos foi muito difícil tudo, porque não tinha nada, tinha só a terra e o vô [sogro] tinha, que ele morava ali já, ele mandou construir um galpãozinho, que ia ser a casa de um empregado, que ia botar lá pra morar. E daí, quando a gente ia morar ali, ele reformou um pouco pra fazer uma casa daquilo lá. Daí a gente morava ali, daí tinha o gado ali e caiu geada aquele ano e daí ficou a plantação estragada, caiu geada em novembro, eu acho que foi, estragou a planta. E a gente não tinha coisa, então a gente tinha que comprar até

<sup>116</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>117</sup> Idem.

batatinha no começo. No primeiro ano que não colheu, que a geada matou e foi difícil. E até que deu a mandioca que foi plantada, até que tinha essas coisas e tudo.

Daí depois já tinha vaca e tudo e, criação de porco e galinha e tudo, né, daí a gente vendia a galinha e levava queijo essas coisas, a vó [vizinha] pegava na carrocinha, nós ia vender e comprava as coisas que precisava. Era assim, muitas coisas a gente comprava... É que nem assim, sabão a gente fazia em casa, você não comprava, esse negócio de comprar sabão em pó, lava-roupa, isso não existia na época. Existia na cidade, né, os colono não usava. A gente não usava sabão em pó pra lavar roupa. Você fazia o sabão, você comprava o sabonete, comprava... Detergente não existia pra nós, não existia, porque você lavava com sabão a louça, a roupa, o chão, porque derretia sabão assim e colocava na água pra limpar, esfregar. O chão da casa tinha que esfregar pra ficar branquinho, porque não tinha tinta, essas coisas.<sup>118</sup>

Dona Irmélia descreve aspectos que eram comuns na vida dos agricultores recém-chegados à sua propriedade. Tudo era feito em casa. A referência a produtos consumidos atualmente, como sabão em pó e detergente, ela a faz ressaltar a diferença entre a vida dos colonos e de quem morava na cidade. Mas, ainda que não tivesse os produtos possíveis de serem adquiridos na cidade, ela salienta que mantinha sua casa com capricho. A casa simples de madeira, com assoalho de tábuas, sem nenhum tipo de verniz ou proteção era esfregado com escova e sabão até ficar “branquinho”.

Nesse contexto de trabalho duro na roça em busca de um futuro melhor podemos compreender os sentidos da fala de dona Rení: “o que que nós temo lá em Iguaporã, eu e ele construimos, o que que tem lá nós dois fizemos”. A lembrança confere, assim, um crédito ao casal por ter construído o patrimônio da família.

Ela associa a boa lembrança à mobilização de todos e do trabalho em família. Ressalta que em suas vivências cotidianas havia um relacionamento de respeito e de companheirismo entre marido e mulher. Quando perguntada se o casal sempre fazia tudo junto, ela responde:

Tudo, tudo. Tudo sempre na roça, o que que nós temo lá em Iguaporã, eu e ele construimos, o que que tem lá nos dois fizemos. Meu Deus do céu! Daí nos construimos aquela casa que nós temos ali, mandou serrar muito a... Como que era? Era muito pesado. Daí ele pegou um vizinho, pra ajudar erguer aquilo. E daí eu tinha um filho mais novo, o caçula, o Pedro. Daí ele era tão pesado, tão gordo e daí, as meninas que tinha que cuidar ele, me trouxeram lá na escada e eu e ele em cima. Ajudar a segurar, a fazer tudo. Nossa! Nós se judiemos, mas foi bem legal.<sup>119</sup>

<sup>118</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>119</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

É visível em sua narrativa a valorização do sacrifício no passado envolvendo toda a família. Para dona Rení a representação que faz do passado não inclui nenhuma negatividade quanto ao papel desempenhado por ela na roça junto com o marido: “nós se judiemos, mas foi bem legal”. Provavelmente porque não são só lembranças do trabalho, mas também da vida em família e da proximidade dos filhos pequenos. As lembranças remetem à alegria gerada pelo convívio e pelas brincadeiras das crianças: “Sim, as crianças nasceram, mas ficavam mais na roça do que em casa. Os três primeiros filhos. Mas foi indo.”<sup>120</sup>

Foi comum, nas entrevistas, as mulheres as concluírem com a expressão “mas foi indo...”, dando a ideia de um processo contínuo, de um tempo que passa e que chega até ao presente, o tempo da rememoração.

O trabalho destas mulheres, na roça e em casa, embora árduo e imprescindível, era considerado “invisível” pelo fato de não ser produtivo, ou, como caracterizado pela historiadora Carla Bassanezi Pinsky, ao se referir ao trabalho doméstico, como “parte integrante das atribuições naturais da mulher”<sup>121</sup>. A autora segue descrevendo detalhadamente as tarefas cotidianas realizadas pelas mulheres, no serviço da casa, na virada do século XIX para o XX, ainda mais pesado do que atualmente porque as casas não contavam com eletricidade, gás e água encanada. Ela retrata o dia-a-dia de uma “boa dona de casa” ao realizar suas tarefas domésticas dessa forma:

Todas as tarefas cotidianas, mesmo as mais banais, tomavam muito tempo e energia: carregar lenha, acender o fogo, transportar água, processar alimentos, cozinhar, ajoelhar-se para esfregar o chão, esvaziar penicos, lavar toda a roupa (de lençóis a paninhos higiênicos) à mão, ferver, esfregar, bater, quarar, estender, passar a ferro quente com brasas, engomar... Também era preciso fazer sabão e confeccionar as vestimentas mais comuns. O pão, a manteiga, as geléias, as compotas e, frequentemente, os embutidos e os defumados eram produzidos em casa. Mesmo nas cidades, quando havia quintais, as famílias tinham galinhas, porcos e uma horta caseira – fontes importantes de alimento – sob os cuidados femininos<sup>122</sup>.

De modo semelhante, também as mulheres por mim entrevistadas, nas suas narrativas descreveram como desempenhavam suas tarefas na época em que moravam

---

<sup>120</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>121</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: **Nova História das Mulheres**. Organizadoras: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012, p.471.

<sup>122</sup> Idem. p. 495-496.

na colônia e não tinham luz elétrica nem água encanada. Elas deviam moldar-se às condições e aos meios que dispunham, sem muito dinheiro para gastar.

Assim, apesar da invisibilidade social que muitas vezes os trabalhos das mulheres tiveram ou ainda possam ter, percebe-se que estas agricultoras, ao lembrar sobre seu passado, ressaltam as diversas responsabilidades no cuidado da casa e da propriedade. Elas ajudaram a construir esse lugar, portanto, devem estar inseridas na história.

### **1.5. Memórias (e esquecimentos) da vida no espaço rural**

Oh meu Deus... A gente se lembrá do passado não é bom, né?<sup>123</sup>

Quando narraram suas histórias de vida, algumas das mulheres entrevistadas se emocionaram ao recordar as diferentes fases de suas existências. As lembranças remontam há outros tempos e outros lugares. Também a outras posições de gênero. São experiências vividas há muito tempo e que, ao virem à tona, despertam sentimentos e emoções. Elas lembram com carinho das diferentes fases de suas vidas, especialmente da época em que, casadas, viviam cercadas pelos filhos, ainda crianças pequenas.

Para dona Dora as lembranças do passado são dolorosas, pois trazem à memória sentimentos que a emocionam, conforme pode ser percebido quando ela diz “Oh meu Deus... a gente se lembrá do passado não é bom, né?” O momento passado do qual ela mais expressa emoções fortes é o que a faz lembrar do marido doente. Ele passou por uma cirurgia e ficou na UTI por dez dias e permaneceu internado por um longo período, sendo submetido a um tratamento difícil e doloroso que mesmo depois de receber alta, necessitava de cuidados constantes, pois ficou durante seis anos em uma cadeira de rodas e não falava mais, vindo a falecer em 2002. De acordo com ela “Foi minha época que mais sofri, mulher”.<sup>124</sup> Para ela, agora viúva e morando sozinha, o período mais feliz foi o que viveu cercada por seus familiares. Ela sente falta do marido e da convivência diária com os filhos. Por outro lado, quando perguntada sobre o que é bom lembrar, ela diz:

---

<sup>123</sup> Dora Kolm, 77anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

<sup>124</sup> Idem.

O que que era bom? Vamos dizer, os filhos bonitos que a gente tem, né e, o serviço que a gente conseguiu, né. Conseguimo ajudar tudo os filhos, né. A única coisa, né. Porque nós não saia quase, ia pra igreja e da igreja ia pra casa. Você pensa, com 8 filhos, né, não dava.<sup>125</sup>

Ela e outras entrevistadas ressaltam ter podido ajudar os filhos. Suas lembranças do passado estão relacionadas ao trabalho e à vivência familiar. No caso dela, com oito filhos, acentua mais o cuidado com a família. Percebe-se em sua fala que o espaço de maior possibilidade de sociabilidades era a igreja, onde encontrava vizinhos e conhecidos. A privação, entretanto, aparece recompensada, segundo sua narrativa, pelo futuro que pôde dar aos filhos.

O historiador Valdir Gregory analisa a importância do envolvimento comunitário com a igreja, considerando a religiosidade um elemento constitutivo do por ele chamado “espaço colonial”. Um dos aspectos observados pelos colonizadores era proporcionar atendimento religioso aos colonos migrantes e suas famílias. Ainda hoje, a crença religiosa faz parte da vida das mulheres entrevistadas.

Ainda que sinta prazer em sair para se divertir e jogar baralho com as amigas, dona Rení menciona que lê diariamente o seu livrinho de devoções:

Ah... eu tenho ali o meu livrinho. A primeira coisa de manhã, se eu sento aqui [na sala]. Ele [marido] ainda tá na cama, se a água tá pronta [pro chimarrão], eu ligo a TV e ele vem. Daí eu já tinha... tem tudo pronto ali, tem três leituras que eu faço. Agradecer a Deus, eu rezo, rezo muito, muito, muito. Se ando num lugar na estrada eu rezo. Sabe por quê? Eu passei muito medo no mato, puxar aqueles serrote, e as toras tava pra cair lá e eu de medo, daí ele [marido] falou pra mim “não corre embora, fica ali do lado, ela cai do outro lado”. Mas eu reza.<sup>126</sup>

Na narrativa de dona Rení, ao mesmo tempo de medo e de coragem, estão presentes as lembranças do tempo em que morava na roça e tinha que ajudar a derrubar mato a fim de limpar a terra para produzir. O medo de que algum membro da família fosse atingido por uma tora de madeira fez com que ela desenvolvesse o hábito de rezar muito. No passado, segundo ela, rezava pedindo proteção, atualmente reza para agradecer.

Dona Olinda Camila cita o trabalho pesado na época da derrubada do mato, ao refletir sobre o que considera difícil de lembrar sobre seu passado. Embora não tenha

<sup>125</sup> Dora Kolm, 77anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

<sup>126</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

ajudado a derrubar propriamente a mata, teve que ajudar o marido a serrar as toras de madeira e a tirar a lenha até o limite de suas forças:

Me admiro como nós não fiquemo manca das pernas, como nós passemos serrote nas toras assim, ele [marido] deixou muito pesado e eu já não... ele se judiava e eu não podia.

Entrevistadora: - A senhora ajudou a derrubar mato?

Dona Olinda: - Mato não, mas, sabe, depois quando derrubava e pra ajudar e pra tirar as lenha, sempre ajudava.<sup>127</sup>

Dona Olinda considera o tempo vivido na roça como “difícil”, de muito trabalho, embora para ela as conquistas alcançadas, como ter dado conta de todo trabalho e ter criado os filhos, tenham valido à pena. Para ela, as dificuldades devem se esquecidas e as boas lembranças devem prevalecer:

Como se diz, tem muitas coisas difíceis e tem muitas coisa que não é, é assim... Mas tem coisa difícil, como era de trabalhar, difícil quando já ta de idade, mas consegui. Como se diz... Antigamente, criança pequena, mas fiz todo o serviço. Como se diz, é difícil assim tu esquece também... Mas muitos não querem esquecer isso, mas tem que... o que passou, passou, não volta mais e muitas coisas tem que aceitar.<sup>128</sup>

Dona Irmélia também teve que pôr um fim ao sonho de seguir a carreira de professora. Diferentemente da maioria das mulheres da sua geração, ela teve oportunidade de estudar mais tempo que o usual entre as moças de sua região. Com o apoio dos pais, cursou a Escola Normal e chegou a lecionar por alguns anos enquanto morava no Rio Grande do Sul. Depois casou, mudou para uma localidade distante, onde teve que abrir mão do intuito de ser professora para ajudar o marido na colônia e cuidar dos filhos e da casa. Ela lamenta ao dizer: “acabou o sonho. Fiquei na roça mesmo”:

O que eu me lembro mais da infância, é que eu sempre queria ser professora e daí eu consegui com meu pai, que ele falava: “Estuda, que é a coisa que ninguém pode tirar de um filho”. É uma herança que um pai dá pra um filho que ninguém pode tirar, né.

E daí a gente conseguiu também, e daí a gente casou em 1960 e o sonho não ficou concretizado perfeitamente, porque lá eu não consegui a escola que ficava perto da minha casa, daí eu não ensinei no magistério, né, daí fui simplesmente uma agricultora pro resto da vida, né.

Ah, fiz o normal, em Ijuí (RS) e lecionei 4 anos, que eu trabalhei no magistério, né. Daí, quando nós casamos, fomos morar em Guaraciaba

<sup>127</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

<sup>128</sup> Idem.

(SC) e, a escola lá era bem pertinho de casa, eu não consegui essa escola, e daí eu não podia me deslocar pra um outro lugar, né, daí eu parei, né. E acabou ali. E acabou o sonho. Fiquei na roça mesmo e, daí as coisas não era assim fácil. Depois tinha os filhos e tinha que ajudar na lavoura, a casa e cuidar dos filhos tudo. Não é que nem hoje, hoje é tudo mais fácil, né.<sup>129</sup>

O fato de ter que “ficar na roça mesmo”, de que “ajudar na lavoura” e, assim, ter que largar o sonho de ser professora, a faz também marcar as diferenças entre os modos de trabalho e vida na agricultura no passado e na atualidade, em que “tudo é mais fácil”.

O campo aparece como um lugar de muito trabalho e pobreza para as mulheres entrevistadas, muito embora ali tenham construído um patrimônio que valorizam e criado seus filhos. Muitas foram as experiências vividas, muitas delas dolorosas que elas agora preferem esquecer.

A pobreza e as privações também estão presentes nas lembranças da infância de dona Rení, vivida na roça. Ela era uma dos 14 filhos da família. Assim ela narra:

Ih... Era muito pobre antigamente. A mãe tinha 14 filho e cada ano um filho. E daí antigamente era muito, muito pobre, e daí a gente não tinha nada, que nem hoje em dia, a gente comprava chocolate ou brinquedo, não tinha isso nessa época. Nós passamo “muito”, mas não passamo fome.<sup>130</sup>

Nas memórias da maioria das mulheres entrevistadas, elas demonstram não sentir saudade da vida que levavam como trabalhadoras rurais. Para elas, o contraste entre a vida que vivem hoje na cidade e a que viveram na roça é grande. O espaço rural, antes habitado por elas, aparece representado como um lugar de muito trabalho e sacrifício. É algo muito distinto do campo pensado e representado como um espaço bucólico e romântico pelos poetas e escritores ingleses do século XVI investigados pelo historiador inglês Raymond Williams. Aqueles representavam o campo como local de refúgio e descanso, pois “o campo fresco no qual o poeta se refugia não é o do agricultor, e sim do morador desocupado”<sup>131</sup>.

O autor, ao examinar os modos de vida rural e urbano na literatura inglesa a partir do século XVI, considera que as palavras “campo e cidade” sempre representaram uma importância muito grande na vivência humana. Para ele, “na longa história das

<sup>129</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>130</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>131</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 70.

comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana”<sup>132</sup>. Ele entende ainda que “os meios de produção agrícola – os campos, os bosques, as plantações, os animais – são atraentes para o observador e – sob muitos aspectos, nas estações propícias – para os homens que lá trabalham”<sup>133</sup>.

Nas memórias de nossas entrevistadas não está presente a “recorrente evocação nostálgica de um passado rural de abundância e felicidade”.<sup>134</sup> Ao contrário, nelas encontram-se elementos da dura realidade do trabalho braçal e constantes evocações do sacrifício.

Para dona Rení, a vida trouxe mudanças no seu modo de viver e de se relacionar com as pessoas. Atualmente como moradora da cidade, aposentada, ela considera que o tempo ruim já passou e agradece por todas as conquistas ao dizer “Meu Deus do céu... Era... Mas graças a Deus que nós chegemos nesse ponto. (...) E agora nós já temos 54 anos [de casados] e os filhos tudo...”<sup>135</sup> Para ela, resta agradecer e considerar este período de velhice como uma dádiva divina.

Assim, percebe-se que a vida rural tem significados diferentes para quem teve uma experiência direta e intensa no campo e para quem apenas observa a paisagem e o desenrolar da vida campestre. Como formulou Raymond Williams, ao analisar a vida no campo e na cidade, “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimento e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”<sup>136</sup>.

Para dona Maria Adélia, o período de velhice não é tão gratificante. Ela mudou para o espaço urbano há cerca de dois anos, por problemas de saúde que a impossibilitam de trabalhar e viver no campo. Para ela, lembrar do passado na colônia é lembrar do trabalho. Sua vida foi constituída em torno do trabalho. Mas sente falta dele, pois lamenta hoje necessitar de uma bengala para se locomover e, assim, “não poder” mais desenvolver trabalhos que antes fazia. Agora ela precisa de cuidados médicos e familiares. Embora ela diga que está “muito feliz agora”, percebe-se um certo conformismo com a realidade que a impede de voltar para o espaço rural. Quando perguntada se tem saudades da colônia ela diz:

---

<sup>132</sup> WILLIAMS, Raymond. Op. Cit. p. 11.

<sup>133</sup> Idem, p. 69.

<sup>134</sup> Idem. contracapa.

<sup>135</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>136</sup> WILLIAMS, Raymond. Op. Cit. p. 19.

Não, não, agora não. Sabe que a gente não pode mais, né. Se a gente podia tê tirado leite ainda, né, aí tudo bem, né. Ainda podia capiná, tudo bem, né. Então a gente não pode, eu vou ali na janela, vô olhá os ônibus que vai de noite, no..., na escola ali pra baixo, né, tantas e tantas que vai, né.<sup>137</sup>

Em certos momentos, a tristeza toma conta do tom da narrativa, por exemplo, ao falar que de noite fica na janela observando os ônibus escolares que passam na rua levando estudantes. Ela prefere partir para um novo assunto e encarar sua nova realidade de moradora da cidade.

O filósofo Paul Ricoeur que explora as ligações entre a experiência humana do tempo e a narrativa, entende que o “tempo do calendário” aproxima o tempo físico do tempo vivido. Portanto, a capacidade da memória pode ser determinada por uma vontade de re-significação das coisas e de si mesmo, sendo possível uma re-configuração de dados que após guardados na memória são despertados pela rememoração. Assim, na análise do autor “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”.<sup>138</sup>

Para Ricoeur duas abordagens dos fenômenos mnemômicos seriam possíveis, ou seja, o esquecimento por apagamento dos rastros, e a idéia de esquecimento reversível, o esquecimento de reserva. Então, os sentimentos em relação ao esquecimento seriam ambivalentes. De um lado estaria o esquecimento profundo, da interiorização; de outro, o da retrospecção a partir do reconhecimento da experiência. Segundo ele:

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento de passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida – com a permissão do cérebro.<sup>139</sup>

Ao lembrar de seu passado vivido na roça, fragmentos deste passado retornam à memória destas mulheres. Trabalhar na terra, cuidar dos interesses de sua casa, da alimentação e do bem-estar da família, era responsabilidade das mulheres no meio rural.

<sup>137</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/ 2011.

<sup>138</sup> RICOEUR, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007, p. 40.

<sup>139</sup> Idem. p. 427.

Cada uma delas, à sua maneira, contribui, com base em suas experiências e vivências no meio rural, e por meio de seus relatos, a compor a sua história de vida. Uma história única, mas, que traz elementos em comum com muitas mulheres. Cada uma com suas particularidades. E assim como Luce Giard afirma:

Cada mulher pode criar para si um estilo próprio, imprimir um toque especial, acentuando um determinado elemento de uma prática, aplicando-se a um outro, inventando uma maneira pessoal de caminhar através do recebido, do admitido e do já feito.<sup>140</sup>

Assim, a diversidade de vivências e experiências compartilhadas faz com que estas mulheres que levam uma vida comum se sintam agora, segundo a autora, “mais livres, vivas e felizes, libertadas do temor ‘de não ter nada de bom para dizer’, de ‘não parecer interessante’”<sup>141</sup>. E ter o “prazer de romper a lei do silêncio público, prazer de contar exatamente aquilo que faz a rotina dos dias e das horas que se sucedem, prazer de revelar-se, justificando-se assim de ser mulher, de ocupar-se no trabalho do lar e encontrar nele sentido, variação e criatividade”<sup>142</sup>.

A conquista de uma vida mais confortável agora na velhice, ao ter suas casas com energia elétrica, chuveiro, torneira e máquina de lavar roupas é, para estas mulheres, um motivo de satisfação. Estas aquisições que facilitam suas vidas atualmente provocam um contentamento, considerado por elas como uma recompensa por todas as dificuldades que viveram no passado. Elas estavam lançando a semente na terra para poder colher os frutos no futuro, pois como está escrito “no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos”<sup>143</sup>.

---

<sup>140</sup> GIARD, Luce. Op Cit. p. 218.

<sup>141</sup> Idem. p. 245.

<sup>142</sup> Idem. Ibidem.

<sup>143</sup> Gálatas 6:9. In: **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000, p.935.

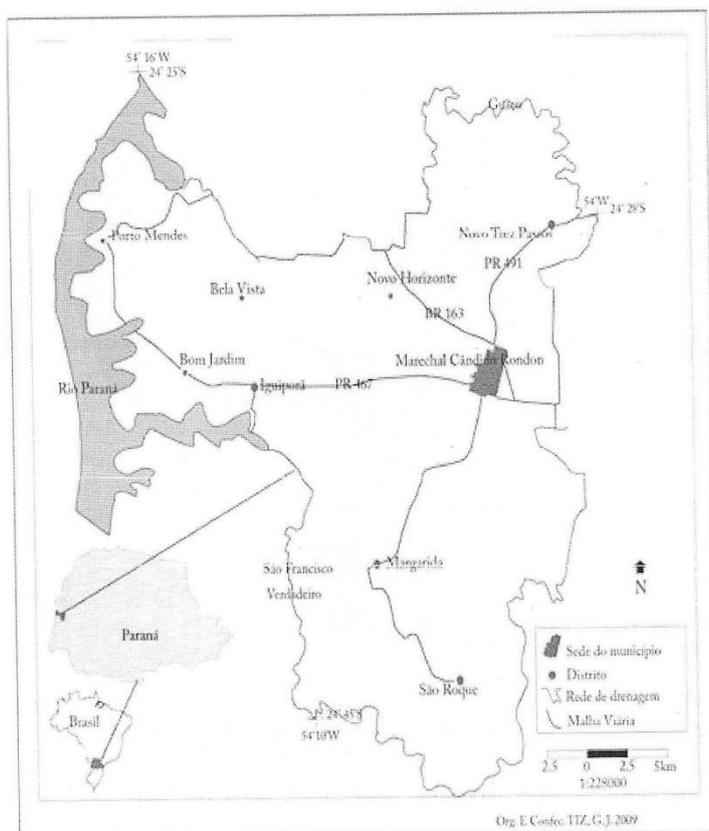
## Capítulo II

### Tempo de colher...

### Da colônia para a cidade

A localidade denominada inicialmente de Vila Flórida e depois de General Rondon recebeu seus primeiros moradores no início da década de 1950, e desde então sofreu inúmeras mudanças territoriais e na configuração dos seus espaços. Em 06 de julho de 1953, General Rondon foi promovido a distrito administrativo de Toledo. Em dia 25 de julho de 1960, foi emancipado o distrito, dando origem ao atual município de Marechal Cândido Rondon.

MAPA 2 – Município de Marechal Cândido Rondon – Pr <sup>144</sup>



<sup>144</sup> Extraído de: FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo**. Dissertação de Mestrado. Dourados – MS, 2009, p. 60.

Mudanças territoriais significativas ocorreram depois (ver Mapa 3), como a perda de parte de território por causa da construção da usina hidrelétrica de Itaipu em 1982. Segundo Ferrari:

A formação do reservatório ocorreu em setembro de 1982 e inundou um território de 1.350 Km<sup>2</sup>. Destes, 780 Km<sup>2</sup> em território brasileiro e 570 Km<sup>2</sup> em território paraguaio. Com esta desapropriação que atingiu os municípios que margeavam o reservatório, submergindo suas terras, entre eles o município de Marechal Cândido Rondon que teve desapropriado 150 Km<sup>2</sup> de sua área, o que correspondeu a 13% de sua área total.<sup>145</sup>

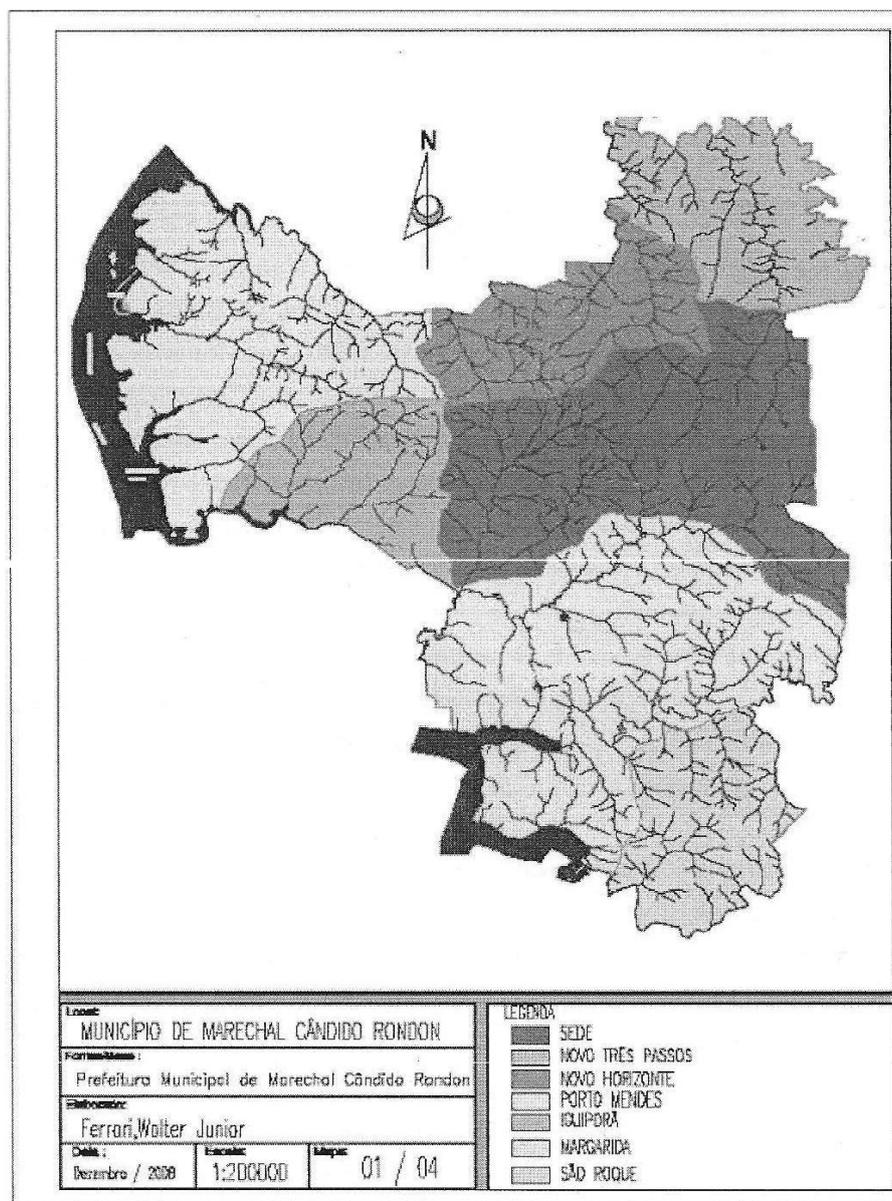
Aconteceu também, o desmembramento de quatro distritos, Entre Rios do Oeste, Mercedes, Pato Bragado e Quatro Pontes, emancipados em 1993<sup>146</sup>. Consequentemente ocorreu um decréscimo da população. (ver Mapa 4)

---

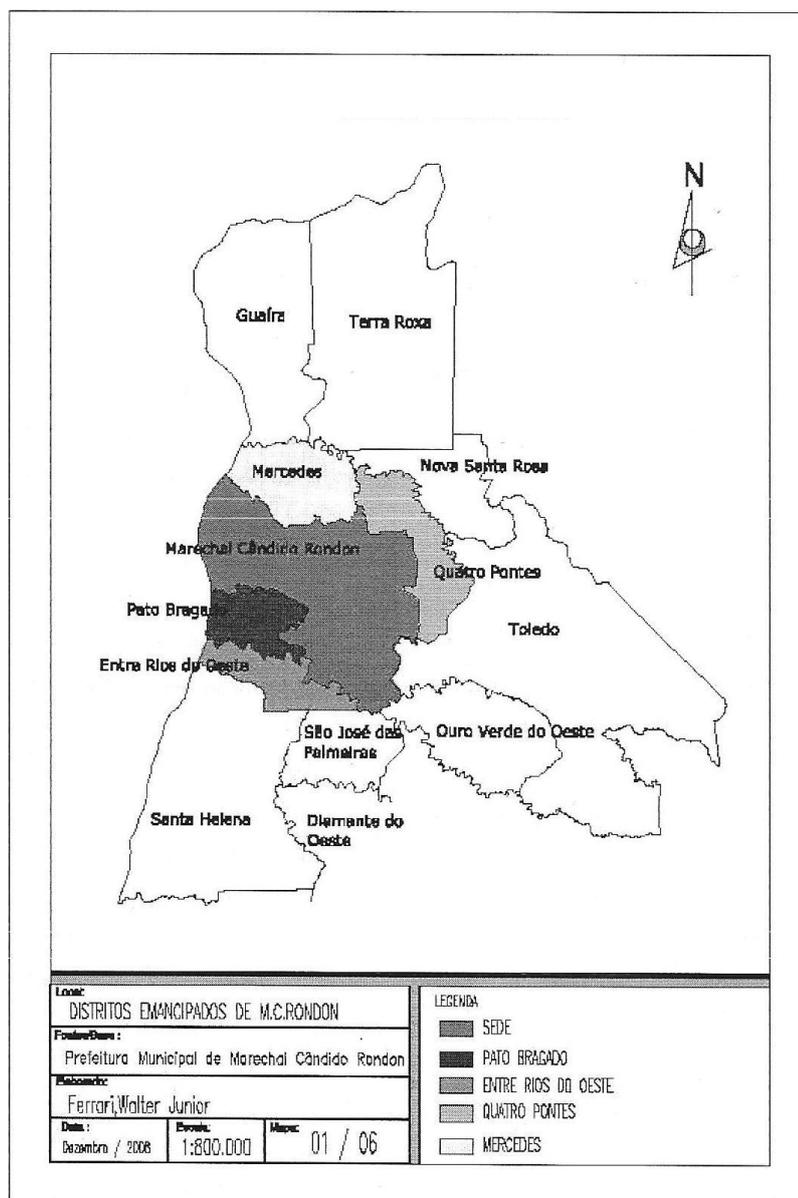
<sup>145</sup> FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo**. Dissertação de Mestrado. Dourados – MS, 2009. p. 100 e 101.

<sup>146</sup> A este respeito ver: PERIS, Alfredo Fonseca. (org.) **Estratégias de desenvolvimento regional: Região Oeste do Paraná**. Cascavel: Cascavel, 2003. A aprovação da lei de emancipação dos distritos de Entre Rios do Oeste, Mercedes, Pato Bragado e Quatro Pontes ocorreu em 1990, e a instalação dos novos municípios deu-se no dia 01 de janeiro de 1993.

MAPA 3 – Localização dos distritos do município de M. C. Rondon – Pr (1982) <sup>147</sup>



<sup>147</sup> Extraído de: FERRARI, Walter Junior. Op. Cit. p. 61.

MAPA 4 – Distritos desmembrados de Marechal Cândido Rondon – Pr (1993)<sup>148</sup>

Entre 1960 e 1980 ocorreu um aumento expressivo no número de habitantes do município, motivado pela expansão da produção agrícola regional. A população rural ainda era maior do que a urbana.

No município de Marechal Cândido Rondon, a partir de 1970 ocorreram sucessivas transformações no modo de produção agrícola. A mecanização agrícola levou à ampliação das áreas cultivadas com a produção principalmente de soja e milho,

<sup>148</sup> Extraído de: FERRARI, Walter Junior. Op. Cit. p. 75.

integrando a região ao mercado internacional e subordinando a agricultura às exigências da produção capitalista e do mercado consumidor. A região constitui importante área agrícola do estado do Paraná, absorvendo novas tecnologias. Em meio a este processo se percebe a implantação de diversas agroindústrias nos municípios da região.<sup>149</sup>

A mecanização, somada a outros fatores, intensificou as mobilidades provocando migrações do espaço rural para o urbano na região, como aponta o historiador Robson Laverdi:

No caso do Oeste, as políticas de modernização da agricultura, bem como as relações de trabalho e produção, somavam-se às desapropriações de terras dos pequenos agricultores para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu no limiar dos anos 1980, que agravou sobremaneira a situação daqueles que tinham migrado em passado tão recente. A fronteira agrícola que havia sido planejada como um modelo de agricultura minifundiária de produção familiar e por migrantes sulinos, selecionados entre aqueles de origem européia, começara assim a se esfacelar, antes de mostrar seus primeiros resultados.<sup>150</sup>

A partir da década de 1990, houve uma redução tanto da área do município quanto do número de habitantes, devido à implantação da usina hidrelétrica de Itaipu e a consequente formação do lago, em 1982, e à emancipação dos quatro distritos em 1993. Com a formação do lago e a inundação das terras, muitos agricultores mudaram para o espaço urbano e outros migraram em busca de novas terras para cultivar, principalmente para as regiões Norte e Nordeste do país. Estes fatores fizeram com que, nas estatísticas, a população urbana ultrapassasse a rural. A tabela 01 demonstra a evolução da população do município.

---

<sup>149</sup> Sobre isso ver SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, Trabalho e Poder**: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná. 2 ed. Toledo: Editora Toledo, 1997, p. 52.

<sup>150</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: 2005, p.58-59.

**Tabela 1. Evolução da população rural e urbana de Marechal Cândido Rondon.<sup>151</sup>**

Ano	Pop. Urbana	%	Pop. Rural	%	Total
1970	7.166	16,37	36.600	83,63	43.776
1980	25.039	44,55	31.171	55,45	56.210
1990	26.455	53,52	22.975	46,48	49.430
1996	22.616	60,29	14.894	39,71	37.510
2000	31.246	76,20	9.761	23,80	41.007
2007	35.451	79,55	9.111	20,45	44.562

Fonte IBGE (Dados dos Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e Contagem da População 1996 e 2007). Org. FAVA, Alan Rodrigo, 2012.

Assim, muitos dos colonos que contavam já com uma idade mais avançada e com os filhos adultos resolveram mudar-se para o espaço urbano e deixar a propriedade ao cuidado dos filhos, ou, então, no caso dos proprietários de áreas de terra menores, acabaram vendendo-as para grandes produtores e investindo em outro tipo de atividade ou simplesmente vivendo de sua aposentadoria.

Os que se mudaram para o espaço urbano, em que pese Marechal Cândido Rondon ser um município de pequeno porte, se depararam com práticas e ritmos diferentes daqueles a que estavam acostumados. Para os que permaneceram na área rural, a mecanização da agricultura causou alterações na vida e no cotidiano dos agricultores, promovendo mudanças no seu modo de viver e trabalhar.

Apesar das mudanças econômicas e demográficas, não ocorreu a substituição do espaço rural pelo urbano no município. Como em outras regiões do país, pode-se dizer que houve uma reconfiguração do espaço rural, pois a mecanização mudou o campo, transformando-o em lugar de intensa atividade agropecuária. A produção agrícola é a principal fonte de renda do município de Marechal Cândido Rondon. O principal produto cultivado no município atualmente é a soja. A economia da cidade está diretamente relacionada à produção agrícola. O uso de novas tecnologias gerou um aumento na sua produtividade, proporcionando um crescimento econômico na região com a implantação de diversas empresas comerciais, cooperativas e agroindústrias, gerando novos empregos e proporcionando uma melhoria na renda da população. Porém, em anos em que a safra de soja fica prejudicada, em consequência de fatores

<sup>151</sup> FERRARI, Walter Junior. Op. Cit. p. 73.

climáticos, como em caso de falta de chuva, o movimento no comércio do município cai drasticamente.

As transformações econômicas na região Oeste do Paraná mudaram não apenas a configuração do espaço urbano e do espaço rural, como também as relações entre eles. O escritor inglês Raymond Williams, o qual passou a infância num ambiente tipicamente rural e cresceu num período de crise econômica que levou os pais a migrarem para a cidade em busca de trabalho, nos aponta para a necessidade de apreender as mudanças dessas inter-relações. Ao confrontar a realidade histórica do processo migratório entre o campo e a cidade na Inglaterra nos anos 1920 e 1930, ele compreendeu que “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”<sup>152</sup>. As mudanças ocorridas no campo e na cidade provocaram também em Marechal Cândido Rondon alterações na dinâmica populacional, transformando suas realidades e as vidas dos seus habitantes.

No município se configuraram relações de produção em que se percebem estreitas relações entre campo e cidade. O geógrafo Walter Junior Ferrari, em estudo sobre Marechal Cândido Rondon, demonstra que ali ocorreu “uma ampla integração espacial entre o urbano e o rural”<sup>153</sup> na maioria dos municípios da região Oeste do Paraná, pois a maior parte das atividades urbanas está vinculada à agricultura, especialmente o comércio e a indústria, que visam atender à demanda de produtos como máquinas, equipamentos agrícolas e insumos destinados ao setor agropecuário. Para o autor, “o rural e o urbano não devem ser mais pensados como recortes territoriais isolados, como tradicionalmente o fôra, mas como espaços interdependentes e complementares”<sup>154</sup>.

Muitas das famílias que moram no espaço urbano de Marechal Cândido Rondon, provenientes de áreas rurais mantêm presentes algumas características relacionadas ao modo de vida rural, como a produção de alimentos para seu próprio consumo. Para esse propósito são utilizados inclusive terrenos vazios que se encontram no perímetro urbano, onde são cultivados milho, mandioca, amendoim, hortaliças e verduras. Através da manutenção destas práticas, estas pessoas procuram dar continuidade ao seu modo de vida, obter alguma renda ou economizar e, ao mesmo

---

<sup>152</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 387.

<sup>153</sup> FERRARI, Walter Junior. Op. Cit. p. 36

<sup>154</sup> Idem. Ibidem.

tempo, consumir produtos frescos, livres de agrotóxicos.<sup>155</sup> A permanência da ligação da vida urbana com a rural, para estes agricultores, se dá com a produção de parte dos seus alimentos. Isso representa a importância da manutenção da prática da atividade agrícola como forma de cultivar a terra para dela retirar seu sustento.

Assim, percebe-se que em Marechal Cândido Rondon, a vida no campo e na cidade estão interrelacionadas, não sofrendo as separações que Henry Lefebvre<sup>156</sup> aponta, considerando a cidade como um espaço em que há a realização de trabalho intelectual e o campo como lugar de realização de trabalho material. O autor analisa a oposição entre o valor de uso e o valor de troca existentes entre o campo e a cidade:

(...) a divisão social do trabalho entre a cidade e o campo corresponde à separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, e por conseguinte entre o natural e o espiritual. À cidade incumbe o trabalho intelectual: funções de organização e de direção, atividades políticas e militares, elaboração de conhecimento teórico (filosofia e ciências). (...) O campo, ao mesmo tempo realidade prática e representação, vai trazer as imagens da natureza, do ser, do original. A cidade vai trazer as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão, sem que essas representações se afastem das atividades reais.<sup>157</sup>

Lefebvre afirma que o cidadão pode ser o protagonista do processo de transformação do espaço urbano. Ele entende que é através do ritmo de vida das pessoas que se dá a apropriação do espaço e o desenvolvimento de novas possibilidades de uso dos lugares. As mulheres entrevistadas, depois que saíram da colônia para viver na cidade, por diferentes motivos e razões, e também em épocas distintas, trouxeram com elas referenciais culturais daquele espaço e dos locais de origem, mas também absorveram novos modos de vida.

Elas usam o espaço da cidade, sem se desvincular totalmente dos hábitos adquiridos no campo. Todas elas viviam no campo em propriedades rurais e, na cidade, alguns hábitos e costumes permanecem vinculados ao seu modo de vida rural. Ao mesmo tempo, tiveram que se adaptar ao espaço urbano, o qual foi sendo transformado, ao longo do tempo, num “lugar praticado”. Sobre isso, nos pautamos na distinção entre espaços e

---

<sup>155</sup> Sobre isso ver PAGLIARINI, Raphael. **O “colono” na Cidade: Memórias e Viveres Rural-Urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, 2009. 122p.

<sup>156</sup> LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Editora Moraes Ltda. São Paulo, SP. Primeira edição, 1991.

<sup>157</sup> Idem .p.28-29.

lugares elaborada por Michel de Certeau, ao analisar as práticas cotidianas de pessoas comuns:

Um lugar é uma ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. (...) Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.<sup>158</sup>

Ele segue afirmando que “o espaço é um lugar praticado”<sup>159</sup>, ou seja, um lugar em que as pessoas atuam diariamente. Assim, esses lugares unem as pessoas em uma relação de pertencimento, articula espaço e sociabilidade, é o que faz com que as vivências e as experiências individuais se tornem possíveis.

É através das narrativas das mulheres entrevistadas que pretendemos, nas próximas linhas, analisar como esses novos espaços em que elas se inseriram se transformaram em “lugares praticados”. O deslocamento da colônia para a cidade e a conquista da aposentadoria marcam novas etapas na vida de mulheres e homens que anteriormente haviam migrado de um estado para outro. Nesse contexto de mudanças, procuro analisar as experiências e transformações da sua vida cotidiana nos espaços da cidade. Ao narrarem suas memórias sobre a vida depois do deslocamento para a cidade, elas falam dos significados e das mudanças que esse viver na cidade trouxe para suas vidas e para a vida de seus familiares. São memórias de práticas e experiências sociais de mulheres comuns, que participaram das transformações dos espaços na região e que, agora aposentadas, vivem e se socializam no espaço urbano.

Analisamos seus modos de ver e de viver na cidade. Como o viver na cidade e a conquista da aposentadoria se constituem sobre a sua identidade pessoal? Como essas mulheres se orientam nos espaços da cidade? O que elas mais gostam nestes espaços? Como elas narram os processos de transformação que ocorreram na cidade e na configuração da produção no campo e os apreendem? Como percebem a forma como as novas gerações tem assumido, ou não, as atividades no campo?

## 2.1. Cidade, cotidiano e novas sociabilidades

---

<sup>158</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer: 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.p. 201 e 202.

<sup>159</sup> Idem. Ibidem.

Algumas das questões acima podem ser pensadas a partir da narrativa oral de dona Rení, quando ela fala a respeito de sentimentos, rompimentos, mudanças que estiveram presentes em sua vida a partir da migração da colônia para a cidade:

Nas primeiras semanas, meu Deus!! Pra ir lá no sítio, até nós queria ajudá a trabalhá. No primeiro ano às vez ainda fomo um pouquinho, depois o filho falou: “Não mãe, só vem passear, ninguém trabalha mais agora”.

Mas quando eu veio pra casa, as vez eu fui de ônibus [pra colônia]. Quando as vacas me viram: “Mééh...” [risos] Me conheceram ainda.  
160

Através dessa lembrança, dona Rení narra como se sentiu quando ela e o marido deixaram a colônia para viver na cidade, há mais de vinte anos, devido a problemas de saúde do marido que não podia mais trabalhar sob o sol. Na época, os dois tinham mais de cinquenta anos de idade. No início ela disse ter sido contra a idéia, mas com o apoio e incentivo dos filhos, eles compraram uma casa na cidade e se mudaram deixando a propriedade aos cuidados do único filho homem. Embora o filho trabalhe na terra, esta continua pertencendo aos pais. Houve, portanto, uma mudança nas relações de trabalho na família. Apenas o filho permaneceu exercendo a atividade agrícola e pecuária, embora este também trabalhe parte do tempo na cidade, no frigorífico de aves, para complementar a renda da família. As cinco filhas mulheres moram no espaço urbano de diferentes municípios da região e trabalham em atividades no comércio.

A família de dona Rení não rompeu completamente com a vida na colônia, pois o filho exerce atividade produtiva nas terras e entrega parte da renda aos pais. Na análise da entrevista de dona Rení, se percebe que teve dificuldade em mudar o seu modo de vida, pois ela sempre havia tido uma vida pautada no trabalho no campo. A vontade de “pegar junto” e ajudar nas tarefas, quando retornava à colônia, segundo ela, era muito grande, tanto que ela muitas vezes pegava o ônibus e voltava “pra casa”, como ela se referiu ao espaço antes habitado. No trecho citado ela também deixa transparecer a dificuldade de se desapegar dos animais da colônia. Somente depois que o filho a advertiu para não mais ir à colônia para trabalhar, mas só para passear, que ela começou a compreender que a sua vida devia seguir outro rumo.

Aos poucos, dona Rení foi se acostumando à nova vida na cidade, conhecendo novas pessoas, aprendendo a usufruir do tempo livre, participando de atividades na

---

<sup>160</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

igreja, do grupo de idosos e construindo novas relações de amizade. Agora, passados mais de vinte anos, ela afirma se sentir em casa na cidade e não querer mais voltar para a colônia: “Agora eu gosto de ir pra lá, mas eu não ia mais ficar no sítio. Eu falei pro filho, pra tudo eles: “Agora, vocês iam falar: - Fica aqui! – Eu não, eu vou pra casa. Olha...”<sup>161</sup>

Como dona Rení, a maior parte das mulheres entrevistadas migrou para a cidade devido ao avanço da idade e da saúde frágil, ou seja, por não poder mais trabalhar na agricultura. Isto é, permaneceram na terra enquanto tiveram disposição física para o trabalho. Algumas também saíram do campo por conta da desapropriação de suas terras, no todo ou em parte, em razão da construção da usina hidrelétrica de Itaipu. Outras também buscavam oportunidades de estudo para os filhos na cidade.

Assim como dona Rení, a maior parte delas continuou vinculada ao campo de alguma maneira. Dona Dora mora na cidade, mas também manteve a propriedade, que é cultivada por um dos netos. Dona Irmélia e o marido ainda mantém uma pequena área de terra, que foi arrendada. Dona Valéria, dona Olinda Camila, dona Maria Adélia e dona Carmelita venderam suas propriedades, mas, apesar de aposentadas, ainda se consideram agricultoras.

A construção da usina hidrelétrica de Itaipu em 1982 e o posterior alagamento das terras que ladeavam o Rio Paraná, foi um dos fatores que contribuiu para que ocorresse a saída de muitos agricultores do campo em direção à cidade. O processo de desapropriação das terras que seriam alagadas teve início já no final da década de 1970. Muitos dos agricultores, como já estavam com uma idade mais avançada, decidiram usar o dinheiro que receberam como indenização de suas propriedades para comprar imóveis e viver na cidade.

Este era o caso de dona Carmelita, que mudou para a cidade depois que uma parte da terra pertencente à família foi desapropriada pela Itaipu. Em suas memórias ela conta aspectos desta experiência:

Nós fomos indenizados pela Itaipú, né, e daí nós tinha que saí daquela moradia onde a gente morava. Nós perdemo uma boa parte [da terra]. Nós tinha uma casa mais ou menos lá, uma casa de madeira. Já que os filho queria estudá aqui. Depois nós tinha que arrumá empregado, né, pra cuidá da terra. Daí nós arrumamo pessoas que cuidavam da terra, dirigiam trator.<sup>162</sup>

<sup>161</sup> Reni Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>162</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

Como já tinham comprado um terreno na cidade anteriormente, pensando em investir, migraram para o espaço urbano para que os filhos pudessem estudar. A propriedade ficou aos cuidados de empregados contratados para cuidar da plantação. Era preciso alguém que soubesse manejar o trator, as máquinas e implementos agrícolas. Seu Edvino, o marido, supervisionava o trabalho dos empregados e se deslocava constantemente da propriedade para a cidade e vice-versa. Assim ela narra sobre a mudança para a cidade:

Depois... nós viemo em 82. Porque os filho estudavam em Pato Bragado e aqui em Rondon já tinha 2º grau. Depois que nós tinha arrumado um dinheirinho, nós já tinha comprado 2 terreno. Daí quando começô aqui em Rondon, já tinha faculdade, tinha 2º grau, a gente veio pra Rondon pra eles estudá, né. Daí a gente... nós sempre comentava, quando tiver um dinheirinho, vamo comprá um terreno, daí então, esse ano, vai sobrá um pouquinho daí nós vamos comprá um terreno em Rondon, porque é investimento tamém, né. Quando a gente tinha um dinheirinho, o Edvino tinha esse costume de sempre comprá uma área de terra.<sup>163</sup>

É comum entre os proprietários de terras da região, depois de cada safra bem sucedida comprar mais uma área de terra, ampliando dessa maneira sua propriedade rural, ou investir na compra de terrenos ou imóveis na cidade.<sup>164</sup> É uma maneira de aplicar o dinheiro ganho após a venda da produção, como também uma forma de investir pensando no futuro, tanto do casal quanto dos filhos. Também dona Carmelita e seu Edvino aplicaram a renda obtida com a venda dos produtos colhidos na propriedade na compra de algum bem móvel ou imóvel. Uma possível mudança para a cidade para proporcionar estudo aos filhos já era cogitada pelo casal.

Para dona Carmelita, o viver na cidade trouxe um certo alívio, assim como uma melhora em sua vida, pois a vida na colônia era de “sofrimento”. Ao ser perguntada se foi fácil acostumar na cidade, assim ela responde:

Foi... Foi... [risos] Imagina também, do sofrimento, vem aliviá um pouco, né. Daí muitas vizinha de Pato Bragado, ih... as vizinha vieram visitá a gente pra vê como a gente tava, né, queria ver onde é que nós

<sup>163</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>164</sup> A este respeito ver: FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo.** Dissertação de Mestrado. Dourados – MS, 2009. O autor faz uma análise do mercado imobiliário de Marechal Cândido Rondon como forma de investimento na cidade.

tava morando, e perguntavam “Mas Carmem, tu não tem saudade da colônia, das tuas vaquinha, não sei o que”. Eu dizia: “Eu não”. Bem mais fácil, a vida mudou um pouco. Me acostumei logo, entrei logo nos eixo [risos]. Daí, aqui em Rondon também a gente trabalhava.<sup>165</sup>

Ao dizer “entrei logo nos eixo”, afirma ter se adaptado à vida na cidade. Muito embora ali continuasse a trabalhar, era diferente. Provavelmente dona Carmelita esteja comparando o trabalho duro, “sofrido”, que realizava na colônia com o trabalho mais leve que realizava na cidade. A cidade não era apenas um lugar de descanso, mas também de trabalho para as mulheres. Como dona de casa, cabia a ela todas as tarefas relacionadas à limpeza da casa, das roupas e do preparo da alimentação e do cuidado dos três filhos adolescentes.

Percebe-se que o viver na cidade trouxe mudanças nas suas relações familiares. A cidade vivida, apreendida por ela, era diferente da cidade sonhada, com acesso a diferentes produtos e pensada como um lugar de tranquilidade e descanso. É o que pode ser percebido quando ela lembra do tempo em que morava em Pato Bragado, na colônia e vinha para a cidade de Marechal Cândido Rondon fazer compras no supermercado. Ela afirma que sentia prazer quando se deslocava para a cidade para comprar frutas e produtos industrializados no mercado. Esse prazer, só foi possível para dona Carmelita depois de muitos anos de trabalho, pois no primeiro tempo em que viviam na propriedade só tinham dinheiro para gastar com o básico como farinha, feijão, arroz, açúcar e carne, considerados essenciais para a sobrevivência. Ali só eram consumidas frutas e verduras produzidas por eles ou recebidas de algum vizinho. A este respeito ela narra:

Bom, os mercado... tu pediu antes dos mercado. E a gente vinha prá Rondon, daí aqui em Rondon a gente conseguia comprá fruta, porque em Pato Bragado nós não conseguia comprar frutas, né. Eu hoje até comento às vez, como que era bonito, a gente vinha... (...) E daí, pegá o carrinho e passá e enchê o carrinho de compra, né... Era maravilhoso. E daí, uma vez por semana ou a cada 15 dias a gente vinha, principalmente pra comprá frutas e comprá as coisas assim, de comprar farinha, pro mês inteiro, às vez. Arroz até nós colhia, nós plantava arroz naquela época. E depois, quando viemos morá pra cá, daí já melhorou né.<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>166</sup> Idem.

Dona Carmelita vivenciou uma realidade que também estava presente na vida de outras mulheres que deixaram a colônia para viver na cidade. Ainda que a família morasse na cidade, o marido continuava trabalhando na propriedade, tomando conta da lavoura e da granja de suínos construída depois da mudança da família. Ele passava a semana na colônia e voltava para a cidade nos finais de semana ou quando chovia e não podia trabalhar na lavoura. Essa dinâmica entre a vida no campo e na cidade fez com que a ausência do marido fosse bastante sentida. A solidão com que ela se deparou depois que os filhos cresceram e tomaram rumos distintos, fez com que entrasse em depressão:

Depois o Edvino [marido] resolveu construir uma granja de porco, voltou pra Pato Bragado de novo, daí ele ia em segundas e voltava em sextas, né. E eu toda a semana aqui em Rondon, né sozinha com as criança, eu me virava. Quando chovia ele ficava aqui, quando era tempo bom então ele... ele ia pra Pato Bragado.

Depois mais tarde, quando os filhos já tinham se formado, daí um casou, um foi pros Estados Unidos e outro foi estudar em Ponta Grossa e naquele ano o Edvino construiu a granja de porco em Pato Bragado, eu fiquei bem sozinha.

Isso foi um tempo muito difícil pra mim também. Eu ficava o dia inteiro... Se eu não ia no muro prá conversá com minha vizinha, eu ficava o dia inteiro sem abri a boca, né.<sup>167</sup>

Morar na cidade, sem a presença do marido, isolou-a. A cidade que aproxima também é a cidade que isola. O muro que a separava da vizinha, pode ser entendido como uma metáfora deste isolamento, uma barreira que a impedia de ver a vida que corria na cidade e participar dela. O contato com a vizinha era a única forma de sair de sua reclusão.

A respeito do deslocamento do campo em direção à cidade, o urbanista e geógrafo francês Marcel Roncayolo em suas reflexões sobre as questões urbanas diz que “o prolongamento da esperança de vida, a redução voluntária da fecundidade parecem estar logicamente ligadas à deslocação das massas populacionais para a cidade e à sua integração na civilização urbana.”<sup>168</sup> Tomando como exemplo a Europa e as sociedades europeias, o autor analisa as evoluções demográficas das cidades e pretende mostrar que a evolução e o desenvolvimento urbano dependem de múltiplos fatores, não só do econômico ou do político. Roncayolo caracteriza a cidade a partir de uma combinação de

<sup>167</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>168</sup> RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 8 (“Região”) Lisboa: Casa da Moeda, 1986. p. 410.

funções, ou seja, para ele, “a função é, na verdade ‘a razão de ser’ da cidade.”<sup>169</sup> Para o autor, é importante que se associe o estudo funcional de uma cidade às atividades de sua população. Para ele, a urbanização é essencialmente um fenômeno cultural. Segundo o autor, “estruturas internas e relações externas encontram-se assim ligadas a um mesmo conceito: por um lado, as funções parecem determinar o conteúdo social, o modo de vida da cidade; por outro, delimitam zonas de influência e explicam a localização da cidade na organização espacial.”<sup>170</sup> Embora para ele, “as funções são apenas categorias cujo conteúdo real se transforma no tempo e, mais do que a sua história fragmentada, é o posto relativo por elas ocupado, é a sua combinação específica, característica de uma sociedade, duma civilização ou duma formação histórica que conviria definir”.<sup>171</sup>

As funções da cidade se diferenciam para algumas das entrevistadas, como é o caso de dona Carmelita, que mudou para a cidade por opção e continuou com a terra. O marido continuou trabalhando na propriedade se deslocando continuamente entre um espaço e outro. Já para dona Irmélia, a função da cidade era diferente, pode-se dizer que foi um deslocamento forçado, em relação ao qual ficaram ressentimentos. Dona Irmélia e sua família migraram para a cidade, em 1981, depois que sua terra foi indenizada por causa da construção da usina hidrelétrica de Itaipú. Ela se ressentiu ao dizer que, se não tivesse que ter se retirado de sua propriedade, estaria melhor atualmente se estivesse vivendo na colônia. Segundo ela, a desapropriação sofrida desestabilizou a vida financeira da família. Assim ela narra a respeito desse processo:

Muito mal endividado a gente ficou, muito mal endividado e daí nós tinha comprado terra em Terra Roxa e daí pagava 60% e o resto na safra, né, daí a safra secou, não deu e daí a gente se apertou lá e em novembro. Podia plantar lá a terra da indenização, só que também secou, então assim não tinha dúvida nenhuma, daí foi muito difícil, essa mudança toda também, né, porque aqui em Marechal o povo se aproveitava, porque a Itaipu pagava à vista, né, então se a Itaipu pagava à vista, mas eles não pagava, mas eles aumentavam tanto o valor das terras, quando a Itaipu começou a pagar, eles aumentaram tanto o valor da terra, que o povo não conseguia comprar a mesma área e Marechal não tinha terra igual que era indenizada, que a nossa terra era plaina, 7 alqueire de terra plaina e nós não conseguia nunca comprar 7 alqueire de terra plaina aqui em Marechal, já pelo valor, o que tinha de terras assim, ninguém vendia, né e, as outras era ainda muito caro. Você não conseguia comprar, porque se fosse melhor, ele não dava e se fosse você conseguir comprar, ninguém sairia de Marechal.<sup>172</sup>

<sup>169</sup> RONCAYOLO, Marcel. Cidade. Op. Cit. p. 411.

<sup>170</sup> Idem. Ibidem.

<sup>171</sup> Idem, p. 414.

<sup>172</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

Dona Irmélia tem uma visão crítica do passado. Suas memórias contém ressentimento não somente em relação à Itaipu, mas também em relação a certos colonos e a determinadas pessoas na cidade que se aproveitaram do fato de haver ocorrido um aumento na procura por terras para aumentarem o valor de venda de suas terras por conta da escassez de oferta de terras férteis apropriadas para a agricultura. Na sua avaliação, o valor que foi pago estava muito aquém do preço real das terras da mesma categoria e em condições similares às suas, no município.

Diversos trabalhos acadêmicos sobre a construção da hidrelétrica de Itaipu se referem aos expropriados e aos movimentos sociais ligados ao acontecimento. Destaco o trabalho de Judite Veranisa Schmitt que em sua dissertação de Mestrado em História, analisa diferentes aspectos presentes na memória dos atingidos por Itaipu, entre os quais, os critérios estabelecidos pelos representantes da hidrelétrica para o pagamento das terras e das indenizações. De acordo com ela:

As categorias de terras que foram criadas pelos funcionários da Binacional respeitavam o seguinte: pagava-se a terra conforme e localização, o tipo de solo, se a terra era plana ou acidentada, assim, uma parte de uma mesma propriedade de um expropriado tinha preços diferenciados e também as propriedades dos desapropriados tinham preços diferentes, sendo estes critérios criticados pelos atingidos nas suas mobilizações.<sup>173</sup>

Os atingidos se articularam em movimentos de mobilização para expressar a indignação em relação às propostas de indenização feitas pelo governo e pelas concessionárias que administravam a Itaipu. Segundo a autora:

O movimento dos atingidos teve apoio de vários órgãos e instituições. Uma destas instituições, que esteve presente nas mobilizações, foi a Comissão Pastoral da Terra, que interferiu no movimento, através de inúmeros trabalhos coletivos de base, realizados junto aos expropriados, pelos membros que tinham uma caminhada, voltada às questões sociais e consideravam a forma de indenização, promovida pela Itaipu incoerente, impossibilitando aos atingidos a sobrevivência em outros lugares<sup>174</sup>.

---

<sup>173</sup> SCHMITT, Judite Veranisa. **Os atingidos por Itaipu: História e Memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000**. Dissertação de Mestrado. PPGH Unioeste, 2008, p.60.

<sup>174</sup> Idem. p. 05.

A CPT (Comissão Pastoral da Terra), através de suas lideranças, apoiou a organização do “Movimento Justiça e Terra” que atuou junto às negociações dos agricultores da região que estavam sendo desapropriados com Itaipu na época das indenizações para a construção da usina e tinha como objetivo a defesa dos direitos dos agricultores.

Percebe-se que assim como dona Irmélia, muitos dos pequenos agricultores da região tiveram experiências semelhantes ao ser atingidos pela construção da barragem, não recebendo uma compensação justa por suas terras. Assim, não puderam comprar outra área de terra na região, equivalente àquela que havia sido desapropriada.

Embora descontentes com o rumo tomado depois da indenização, a preocupação em proporcionar estudo aos filhos os levou a morar na cidade de Marechal Cândido Rondon, apesar de, com o dinheiro recebido pela indenização da Itaipu, eles terem comprado uma área de terra no município de Terra Roxa. Como eles tinham uma área de terra pequena, apenas sete alqueires, e parte desta área foi alvo da desapropriação, não conseguiram comprar uma terra com a mesma qualidade no município de Marechal. Compraram então em um município vizinho, e como era longe da escola, passaram a morar em uma chácara, próximo ao centro de Marechal Cândido Rondon para que os filhos pudessem estudar.

A preocupação com o estudo dos filhos está presente em sua narrativa, ao descrever toda esta etapa de sua vida. Assim ela responde, quando perguntada a respeito do que os levou a morar na cidade:

Por causa dos filho, porque quando nós morava bem no interior, no Pato Bragado, era com lotação que iam estudar, né e, eu não queria, nem o meu marido, ninguém, nós não queria que elas andassem de noite, a gente não confiava, naquela época a gente não confiava no mundo, né. E como nos ia ser indenizado da Itaipu, nós tinha que sair daqui pra morar num lugar, mas vocês podem ir pro colégio, né. Daí no final das coisas, depois de quando a Itaipu veio, nós não conseguimos comprar terra em Marechal, porque Marechal era tudo à vista, à vista a terra, daí a gente só comprou em Terra Roxa e lá era longe também pra ir na escola, daí a gente veio morar aqui em Marechal, numa chácara alugada, alugada não, nós morava de graça, só cuida a chácara, daí pras meninas ir na escola, por isso que nós viemos morar na cidade, né. Se fosse nossa intenção, a gente nem viria, ficaria na colônia, tava bem melhor do que... Hoje em dia sim, pra idade que a gente tá, a gente não pode mais cuidar na lavoura, né, mas a gente tá melhor aqui, mas na época que a gente veio

pra cá, se a gente tivesse ficado na colônia nós tava melhor, a gente só fez pros filhos estudar, né.<sup>175</sup>

Percebe-se na narrativa de dona Irmélia um sentimento de revolta e também de ressentimento, por conta de todas as mudanças e sacrifícios que a família teve que enfrentar, depois da desapropriação de sua terra pela concessionária que administrava a Itaipu.

O sociólogo francês Pierre Ansart ao escrever sobre história e memória dos ressentimentos, define ressentimento como “os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento”<sup>176</sup> O autor separa em quatro atitudes distintas, as reações provocadas por lembranças presentes na memória individual e coletiva: “a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e, enfim, a tentação da reiteração, da exasperação da memória dos ressentimentos”<sup>177</sup>. Algumas destas reações, como a tentação da repetição, da revisão e da reiteração, são manifestados por dona Irmélia ao lembrar de sua saída de Pato Bragado. Sua experiência é compartilhada com outras pessoas de seu tempo que também tiveram que sair de suas terras. Ela lembra do sofrimento provocado pelo constante deslocamento de todos para que pudessem trabalhar na terra, saindo de madrugada e retornando no meio da tarde, para que as filhas chegassem a tempo de ir para a aula, no período noturno. Com muito esforço, ela e o marido conseguiram formar os filhos, que trabalham em atividades no comércio. Assim ela fala deste período de sua vida:

Nós viemos morar aqui em 81, na chácara, né e daí em 85, nós viemos aqui [na casa atual] e daí as meninas iam no colégio e nós tinha aquela terra em Terra Roxa. O Gustavo [marido] ia pra lá, nós ficava sozinho na chácara e daí também não funcionava. Daí quando alguém tinha que ir junto, alguém precisava de ajuda, tinha que tirar da escola e levar junto, porque alguém tinha que ficar aqui por causa da criação, né, então isso também não funcionava. E daí, que, que acontecia, nós resolvia, ia tudo de manhã, de madrugada, pegava as duas meninas, mais um peão e, ia pra Terra Roxa para trabalhar. E daí quando era 4 horas da tarde no horário de verão, que começa em outubro e a aula termina em dezembro, quando era a hora bem fresquinho pra carpi, você tinha que catar tudo

<sup>175</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>176</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: **Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível.** Organizadoras: Stella Bresciani e Márcia Naxara. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 15.

<sup>177</sup> Idem. p. 30-31.

mundo e ir pra casa. Daí nós dois ficava ali na chácara sem fazer nada, porque elas 6 horas tinha que tá na escola.<sup>178</sup>

A preocupação com o estudo dos filhos também estava presente na vida de dona Valéria. Ela morava em uma chácara nas proximidades da cidade e desde 1979 mora no espaço urbano. A cidade era vista como uma possibilidade de ampliação das oportunidades para os filhos, pois o campo não era uma alternativa suficiente para garantir um melhor futuro profissional a eles. Sua família vendeu a pequena propriedade que possuíam e com o dinheiro obtido compraram uma casa na cidade para que os filhos pudessem estudar e trabalhar.

Eles não tiveram oportunidade de estudar, apenas sabiam o básico, como ler, escrever e fazer alguns cálculos. Queriam que os filhos estivessem preparados para buscar novos empregos na cidade, em atividades comerciais ou em escritórios, e, assim, poder ter uma vida melhor e menos sofrida.

A agricultura da região, que era basicamente familiar, passou a mudar para atender às exigências do mercado comercial, principalmente a produção em larga escala de soja e milho. O mercado do agronegócio que estava despontando, na década de 1970, exigia que os agricultores que quisessem se manter no ramo estivessem preparados para lidar com o novo rumo que a agricultura estava tomando a partir do desenvolvimento e da modernização das técnicas de cultivo. Era necessário o uso de novas tecnologias para incrementar a produção.

A instalação de novas empresas comerciais e prestadoras de serviço provocou a geração de novos empregos na cidade. O campo e a cidade estavam passando por um intenso processo de transformação e reestruturação. As mudanças exigiam dos agricultores uma preparação adequada para atender às demandas do novo mercado do agronegócio. O investimento na educação dos filhos tornou-se uma necessidade.

Dona Valéria ao afirmar que a cidade cresceu, “foi pra frente”, compara o desenvolvimento desta com outras cidades que teriam permanecido economicamente estagnadas,. Em sua fala, demonstra a sua preocupação com a geração futura quando ressalta a importância de ter boas escolas para as crianças poderem estudar:

Eu acho que a cidade foi pra frente muito, muito. Porque se a gente vai nos outros lugares, a gente vê como ainda os lugares são parados, né,

---

<sup>178</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

tudo. Porque, minha nossa! Eu acho muito bom aqui na cidade, também tem as crianças, podem estudar, tem estudo, né.<sup>179</sup>

Para ela, as maiores oportunidades de estudo para as crianças e os jovens estariam ligadas ao desenvolvimento do município. Mãe de cinco filhos, ela se preocupava com o futuro deles vendo nos estudos a oportunidade de melhorar suas condições de vida. Para dona Valéria e sua família, a cidade oferecia novas oportunidades de estudo e trabalho, ainda que viver na cidade, no primeiro tempo, não tenha sido fácil. Dona Valéria descreve esse período como uma época “bem brava”, com pouco serviço. O marido trabalhava como pedreiro e como havia menos demanda para tais profissões na cidade, ele continuava trabalhando na colônia para complementar a renda da família. Segundo ela:

Daí pra ele [marido] era melhor e pros filhos era melhor, e os filhos depois, daí já eram mais grandes, os dois mais velhos, daí eles começaram a trabalhar e daí o terceiro também começou e aqui era melhor pra nós. Só que nos primeiro tempo não era fácil, não tinha muito serviço na cidade, sabe, a cidade não era como hoje. Hoje, os pedreiros não ficam sem serviço, né, e naquela época não era assim, era umas época bem “braba”, sabe. Daí tinha pedreiros, tinha bastante pessoal, não era assim, porque ele [marido] não tinha firma, não tinha nada, daí ele trabalhava bastante na colônia<sup>180</sup>.

As mudanças que ocorreram na cidade são percebidas por dona Valéria através dos seus aspectos físicos e estruturais. Como seu marido era pedreiro e tinha pouco serviço naquele tempo, ela compara o crescimento da cidade com a quantidade de construções existentes hoje, e, conseqüentemente, de serviço disponível para quem trabalha no ramo da construção civil.

Em suas memórias, guarda lembranças do passado como um tempo em que tudo seria diferente na cidade. Quando perguntada sobre se a vida dela também mudou, ela é enfática ao dizer:

Minha nossa! E como. Sim, mudou bastante. Deus o livre! Quando nós viemos morar pra cá, não tinha asfalto, não tinha nada. Assim, quando nós morava ali numa chácara, né. Isso ali na cidade não tinha asfalto nem um pouquinho. E agora, desde que nós tamo morando aqui na cidade mesmo, nossa como mudou tudo, como mudou. Deus o livre!! Cresceu bastante a cidade.<sup>181</sup>

<sup>179</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>180</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>181</sup> Idem.

Ao dizer que naquele tempo não havia ruas asfaltadas, “não tinha nada”, compara com a cidade atual onde, segundo ela, “mudou tudo”, pois “cresceu bastante”. O crescimento e o desenvolvimento da cidade são vistos por ela como algo positivo, proporcionando novas possibilidades de trabalho para os membros de sua família.

Pode-se entender, como a historiadora Maria Stella Brescianni, que num primeiro momento, o que mais chama atenção no espaço urbano é aquilo que se vê ou “uma experiência visual”, tanto para quem nela vive como para quem nela transita. No entender daquela historiadora, cada cidade tem suas particularidades que são observadas através de “suas formas topográficas ou particularidades arquitetônicas”<sup>182</sup>. Mas quem realmente conhece a cidade é a pessoa que circula diariamente por suas ruas e vive dentro desse espaço físico. O cidadão usa deste espaço para trabalhar, estudar, se divertir e viver. A autora compreende a cidade como “um lugar saturado de significações”:

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.<sup>183</sup>

Os espaços urbanos nos quais as pessoas se movimentam e exercem suas atividades diárias são espaços de sociabilidades e de pertencimento em que os moradores constroem e elaboram suas vidas. Assim, a pessoa é parte do lugar em que vive. A partir de suas interações com o espaço que a cerca, ela constrói a sua subjetividade. O lugar onde vive, os espaços que frequenta, suas relações de amizade e os acontecimentos cotidianos que a cercam fazem parte do seu mundo particular. A cidade, o bairro, a rua e a vizinhança fazem parte do cotidiano vivido por cada pessoa, a qual ali desempenha diversos papéis.

A historiadora Célia Calvo, ao escrever sobre as experiências e vivências cotidianas presentes nas memórias de habitantes da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, assim interpreta: “suas memórias trabalhavam no sentido de recompor a paisagem desta

---

<sup>182</sup> BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos C. de. (org) **Historiografia brasileira em perspectiva**. SP: Contexto, 2000. p.237.

<sup>183</sup> Idem. Ibidem.

cidade, chamando atenção para os lugares ou territórios de sociabilidade, construídos no universo do trabalho, nas relações familiares e de lazer”.<sup>184</sup> A autora também percebe a presença de contrastes entre o “hoje e o antigamente” nos relatos orais dos velhos moradores da cidade entrevistados por ela.

Contrastes entre o vivido no tempo passado e o presente, entre o espaço rural e o urbano, também são percebidos nas narrativas das mulheres idosas por mim entrevistadas. O “sítio” ou a “colônia”, no passado, em geral são lembrados como um lugar de trabalho constante. É o que se apreende, por exemplo, através das memórias de dona Olinda, que mora na cidade há cerca de trinta anos. Ela recorda o tempo passado em que era preciso serrar lenha para fazer fogo, puxar água do poço para o consumo da família. Ela compara o esforço despendido naquele tempo e a praticidade das tarefas diárias no tempo presente, ao dizer:

No sítio, então de manhã, levantou as 4 hora, tomava chimarrão, ainda não ficou claro, pegou o serrote e cortou lenha. Antigamente não era fogão a gás, agora tem tudo, por isso acha tudo tão fácil agora.

Entrevistadora: Água também, né?

Dona Olinda: Aqueles tempo tudo carregar com balde. E quando era seca. Longe, longe... O que que é dois balde de água, assim é muito, mas daqueles tempo...

Entrevistadora: Tinha que puxar do poço?

Dona Olinda: Do poço. E pra limpar, nós tinha casa grande lá embaixo, tudo calçada. Eu sei que o Harto [filho] muitas vezes, quando ele tava em casa, ele ficou bravo, as meninas limpando a casa e ele tendo que levar água pra cima, com esses dois baldes e já tem que correr. [risos]<sup>185</sup>

Dona Olinda lembra das dificuldades enfrentadas no período em que era preciso fazer fogo no fogão à lenha, sendo necessário primeiro serrar a lenha que seria usada para o fogo, processo demorado e trabalhoso, muito diferente da praticidade do fogão a gás usado atualmente. Ainda, descreve a necessidade de puxar água do poço, para o consumo e a limpeza da casa, muito mais difícil do que simplesmente abrir a torneira. Os filhos participavam das tarefas, desempenhando-as conforme as posições de gênero ocupadas na família: a menina limpando a casa e o menino puxando água do poço e levando para casa.

Ela também lembra do incômodo provocado pelos mosquitos, que ao entardecer atrapalhavam a finalização do trabalho diário na roça:

<sup>184</sup> CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos (Uberlândia 1938 – 1990)**. Tese de doutorado. PUC – SP, 2001.p.264.

<sup>185</sup> Olinda Camila Witeck, 82 anos. Entrevista realizada em 26/08/2011.

Esses borrachudo, quando trabalhava na roça carpindo, quando era cinco e meia eles começavam, tu não podia quase carpi de tanto mosquito. Eu às vezes falei: “vamo pra casa, com esses mosquitos”. Isso... mais um pouquinho..., trabalhou até ficar escuro.<sup>186</sup>

A evocação de um passado de trabalho está presente em toda sua narrativa. Também a preocupação em acentuar o aproveitamento, ao máximo, do tempo no trabalho na roça. Assim, comparada com o campo, no passado, a cidade é considerada um lugar de tranquilidade e descanso. Ela ressalta que na cidade o ritmo é marcado pelo relógio, as pessoas também seguem o horário de verão, diferente dos ritmos da colônia, que eram estabelecidos pelas tarefas a serem cumpridas. A noção do tempo no contexto da agricultura era percebida e orientada pelas tarefas.

O historiador britânico Edward Thompson analisou o senso do tempo entre os habitantes de espaços rurais, e concluiu que “a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas”.<sup>187</sup> O autor entende que talvez esta seja a orientação mais eficaz e importante entre os agricultores, por ser mais humanizada e seguir os ritmos naturais ao invés dos ritmos do relógio. Hoje em dia, entretanto, a maior parte dos agricultores modernos já não seguem as formas de medir o tempo de seus antepassados. Apenas em época de preparo da terra, plantio e colheita, quando o trabalho se intensifica, os ritmos continuam sendo ditados pelas tarefas a serem cumpridas. Diferente das cidades, onde o valor do tempo deve ser medido e o pagamento calculado pelo número de horas trabalhadas. Thompson observou ainda, que nas comunidades camponesas as relações sociais e de trabalho se misturavam, pela razão de que nas propriedades o trabalho era realizado entre os membros da própria família.

Diferentemente dos empregados nas indústrias e no comércio, que seguem uma disciplina mais rígida em relação ao horário de trabalho, regido pelo tempo do relógio, para as mulheres aposentadas entrevistadas a vida na cidade proporciona a elas uma liberdade de ir e vir. Elas já estão aposentadas e não têm mais preocupação em relação aos cuidados com os filhos, agora adultos e independentes. Elas administram seu tempo sem seguir uma disciplina tão rígida em relação ao horário. Mas há, em geral,

---

<sup>186</sup> Olinda Camila Witeck, 82 anos. Entrevista realizada em 26/08/2011.

<sup>187</sup> THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 269.

uma preocupação em reservar para o período da manhã os afazeres da casa, para deixar para o período vespertino às atividades sociais.

Levando em conta o maior número de mulheres idosas associadas aos clubes de idosos do município, percebemos que as mulheres gostam mais de participar das atividades desenvolvidas por grupos que os homens<sup>188</sup>. Elas participam do Clube de Idosos, Apostolado e OASE na igreja, bolãozinho, dança e coral, grupos de baralho e bingo. Há, portanto, uma ampliação da participação delas no espaço público depois que migram para a cidade. Agora, elas são mais donas do seu próprio tempo. Ainda, algumas são viúvas e outras gostam mais de sair do que os maridos que preferem ficar em casa e descansar.

Dona Olinda fala a respeito das mudanças que ocorreram em sua vida desde que mora na cidade, embora ela se inclua entre “os da colônia”, referindo-se a “eles” como os outros da cidade. Isso evidencia que a simples mudança para a cidade não a fez abdicar de uma identificação para com o universo da “colônia”. Ela destaca algumas atividades e grupos em que atualmente participa:

Entrevistadora: E a vida da senhora na cidade? A senhora acha que é melhor do que na colônia?

Dona Olinda: [risos] Ihh... É muito tranquilo aqui, claro quando tu tá na colônia, tu acha um clima gostoso assim. Com o horário novo, eles fazem..., a gente na colônia não. [na cidade segue o horário do relógio e o horário de verão]

Entrevistadora: E a senhora assim, sai bastante na cidade?

Dona Olinda: Ah... Eu gosto... quando eu não tenho visita, eu vou jogar bingo terça, e quinta eu vou nos [clube dos] idosos, mas ontem eu não foi porque eu tava cansada. Não adianta ir, eu nem sei dançar. [estava muito cansada para dançar]

Entrevistadora: Os dois vão nos idosos?

Dona Olinda: Ele [marido] não vai muito, eu vou. E a gente vai nos “Pioneiros”.

Entrevistadora: O que é isso? É um grupo?

Dona Olinda: Aham, também como assim [clube] dos Idosos. (...) E no jogo de bolãozinho.

Entrevistadora: Onde que a senhora joga?

Dona Olinda: Também no clube [de idosos], e na igreja também, na católica.<sup>189</sup>

<sup>188</sup> Existem nos clubes cerca de 2.592 idosos associados, entre os quais, 1.058 são homens e 1.534 mulheres. O número de mulheres é 45% maior do que de homens. Informações fornecidas por escrito à autora por Loiva Maria Stein, coordenadora dos Clubes de Mães e Clubes de Idosos do município de Marechal Cândido Rondon em 20 de março de 2013.

<sup>189</sup> Olinda Camila Witeck, 82 anos. Entrevista realizada em 26/08/2011.

Apesar de estar com 82 anos, dona Olinda leva uma vida bastante ativa. Ela gosta de sair e de se divertir. Ela participa de diversos grupos de sociabilidade como de bolãozinho e de bingo, na igreja Católica e no Clube de Idosos, faz hidroginástica e, quando não recebe visitas, sai para visitar as amigas e vizinhas.

Também dona Rení aproveita os espaços da cidade para as sociabilidades. Ela também tem uma vida bem ativa, participa dos encontros no Clube de Idosos, do grupo de Apostolado na Igreja Católica e nas outras tardes da semana joga baralho com as amigas. Sobre suas atividades, ela comenta:

Entrevistadora: Vocês participam de clube de Idosos?

Dona Rení: Sim. E como...

Entrevistadora: É bom?

Dona Rení: Aham. Na igreja... Só pra sair de manhã bem cedo nós... É demorado, é o dia inteiro, a gente cansa. Daí nós não vamo mais, agora, longe como eles vão, as vez. Essa idade a gente se entrega. [risos] Ele [marido] quer descansar um pouco. Mas é bem legal agora a vida, meu favor!!

Entrevistadora: Mudou bastante?

Dona Rení: Mudou. Eu já falei pros filho, pros parente de Rio Grande, eu nunca achei que ia ganhar um tempo que nem que eu tenho agora. Livre. Pode sair quando tu quer. A gente na colônia, não tinha nem domingo. Em domingo remendei roupa, adiantei comida pra... Eu sempre, sempre tava na roça, de manhã até de noite. As crianças deitadas embaixo do pé de mandioca, com sombra.<sup>190</sup>

A expressão “mas é bem legal a vida agora”, inserida ao representar sua vida enquanto uma trajetória, denota que, para dona Rení, todo o esforço teria valido à pena. O trabalho na roça, inclusive nos domingos, remendendo roupa ou preparando comida para a semana teria assim possibilitado que agora, na velhice, ela pudesse se aposentar e ter uma vida mais confortável, para usufruir de um tempo só para si, livre das obrigações que não permitiam que ela saísse para se divertir quando mais jovem.

Entretanto, nem todas as entrevistadas levam uma vida tão ativa na cidade. As experiências narradas pelas entrevistadas são distintas. Existem diferenças de usufruto da cidade. Algumas não podem sair por doenças ou por problemas de mobilidade. Dona Irmélia, além de se queixar de que nem pode trabalhar mais, não sai muito por conta de problemas de saúde.

Ela compara a vida que levava na colônia com a vida na cidade buscando mostrar que também lá, agora, é possível o conforto. Na época em que morava na colônia

<sup>190</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

não havia luz elétrica nem eletrodomésticos. O clima mais fresco e tranquilo na colônia com árvores ao redor da casa é um dos aspectos que a fazem repensar a vida na cidade. Para ela, a cidade hoje seria melhor do que a colônia no passado, mas não do que a colônia hoje, por conta da segurança. Na cidade teria mais conforto, mas não mais segurança, revelando uma preocupação com a crescente criminalidade urbana. Em sua narrativa ela analisa esses aspectos:

Eu nem consigo trabalhar mais, não consigo nem fazer minhas coisas em casa, Ah, eu não sei, eu não sei o que dizer, se é melhor, porque em compensação ao antigo a cidade seria melhor, né, pensando no antigo. Que você não tinha luz elétrica, nós morava lá no sítio, não tinha luz, porque a Itaipu ia vir, então não construíram luz, construíram luz só pra quem ia ficar, né, então você não tinha geladeira, não tinha ar condicionado, não tinha ventilador, não tinha energia, cortava tudo. Então em relação a isso, seria, na época, melhor na cidade, mas como a vida, pra ganhar a vida era mais fácil, porque se você não tava preparado pra assumir um cargo de ganhar bem na cidade, então valia a pena vim morar na cidade, né. Então em relação a hoje, que todo mundo tem energia na colônia, tem água encanada, tem tudo. Então eu acho assim, hoje em dia não se fala mais, que a vida na cidade é melhor, eu trocaria a minha morada por uma morada na colônia e ficaria tranqüila, porque na colônia não tem tanta insegurança, não é total segurança, porque também, no nosso caso seria, porque a gente não possui coisas que eles querem, mas pra quem possui carro, ceifas, motores e casas boas, e coisas dentro de casa, sabe, então isso não tem segurança nenhuma. Mas no nosso caso, nós teria mais segurança na roça do que aqui, porque aqui a gente não sabe se em casa, de noite alguém pode entrar aqui e querer 5 reais, né. Isso, nós na colônia não teria isso, porque na colônia eles só entrariam na nossa casa pra fugir de alguma coisa, mas não pra querer pegar alguma coisa, né. Então nós teria mais segurança na colônia.<sup>191</sup>

A cidade hoje vive novas dinâmicas e problemas, como o da violência e da insegurança. Segundo ela, o risco de sofrer um assalto é maior na cidade do que na colônia. Principalmente os pequenos proprietários rurais que não tem carros, máquinas e equipamentos caros, estariam mais seguros. O que seria o caso dela, caso tivesse ficado na colônia. Por isso, ela diz que deixaria a vida na cidade e voltaria para a colônia tranquilamente. Já, segundo ela, os grandes proprietários de terra, que tem muitas máquinas e “casas boas” equipadas com modernos eletrodomésticos, correm um risco maior de sofrer um assalto em suas propriedades.

---

<sup>191</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

Já para dona Valéria a vida melhorou na cidade, porque na colônia poderia não faltar nada, mas também não sobrava. Segundo ela, “tudo tava mais ou menos”, diferente da colônia na atualidade, onde a vida seria melhor. Os colonos teriam seu trabalho facilitado com a introdução de modernos equipamentos que os auxiliam nas tarefas. Ela compara o tempo passado com o tempo presente, principalmente na forma de ordenha das vacas, em geral, à sua época, atividade manual e feita pelas mulheres. Isso seria uma vantagem, do ponto de vista econômico, porque com o aumento da produção teriam um aumento de renda. Assim ela expressa seu ponto de vista:

Mas assim, tudo tava mais ou menos. Agora eu acho, hoje em dia, como na colônia é melhor. (...) Porque naquela época, porque hoje é mais com maquinário, né, porque a gente vê os novo, comércio sabe, é tudo mais, com vaca, isso é mais vantagem, né. Ele falam que não, mas eu acho que sim, né. Porque sempre isso ajuda e no nosso tempo, tudo isso não era muita coisa.<sup>192</sup>

Dona Valéria segue em suas reflexões, avaliando as escolhas feitas por ela no decorrer da vida.

É... a vida é assim, tem que levar como ela é, né. Só que agora pra mim é tudo mais fácil, sabe, eu ganho a pensão. Não é muito, é um salário, mas isso já sempre me ajuda bastante, né. (...) Mas eu sempre gostei assim, da colônia, mas eu vi que não adiantava eu ficar sozinha na colônia, né, e os filhos então trabalhar. Se [os filhos] iam ficar ali na cidade pra comprar o almoço, pra comer, daí o lucro já ia, né e pra vim pra casa era muito longe. Daí ficava melhor, eu aqui na cidade, né. E daí nós tinha essa casinha pra alugar, né, ajudou um pouco e foi indo a nossa vida. (...) E como a casa aqui que tá alugada [no mesmo terreno], isso eu não conto muito, por causa que tem gente, às vez morava e não pagava, daí eu tinha que pagar, mas o que que adianta contá com esse dinheiro, porque esse é um dinheiro que não é sempre certo. Às vez a casa tá parado [vazia], tempo que não tem, tem quem tá morando, né. Mas assim, a pensão é diferente, isso é certo, né.<sup>193</sup>

Através das narrativas destas mulheres percebe-se que os espaços habitados por elas sofreram intensas transformações. Elas moram em uma região diferente e têm condições econômicas diferentes que ajudam a compreender como vivem na cidade. Em função delas e também das mudanças em suas vidas, se alteraram suas sociabilidades.

---

<sup>192</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>193</sup> Idem.

O espaço é historicamente produzido por homens, mulheres e crianças à medida em que estes se organizam política e economicamente em sociedade. O filósofo e sociólogo francês Henry Lefebvre procurou analisar a influência do sistema econômico capitalista no espaço urbano, sem excluir a influência de outros fatores sociais. Para ele, não devem apenas ser investigadas as sociedades de consumo, mas também reconhecidas as necessidades sociais do ser humano. Para ele, seria preciso redefinir “as formas, funções, estruturas da cidade (econômicas, políticas, culturais, etc.), bem como as necessidades sociais inerentes à sociedade urbana”.<sup>194</sup> O autor questiona as necessidades urbanas tomadas como valor de troca pelo comércio e pelo lucro, e propõe a criação de lugares para suprir necessidades específicas do ser humano, onde se deva perceber não somente a cidade a partir do capitalismo, mas também das necessidades sociais que os homens e mulheres têm, ou seja, “lugares de simultaneidade e de encontros”<sup>195</sup>, lugares, para promover encontros e trocas de experiências e de vivências no espaço urbano. Segundo ele, “trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas”.<sup>196</sup>

A cidade, não apenas enquanto lugar de consumo e produção, mas também enquanto portadora de “lugares de simultaneidade e de encontros” aparece com frequência nas narrativas das mulheres aposentadas. Os grupos de baralho, bolãozinho e os clubes de idosos seriam alguns desses espaços. Mas há exceções, sobretudo entre aquelas que têm sua mobilidade cerceada por razões de saúde. Ao se referir aos espaços de sociabilidade, dona Irmélia diz que praticamente não sai na cidade. Segundo ela, “a gente se acomoda” e acaba ficando em casa. Ela e o marido tem poucas atividades sociais, não participam de festas, não visitam quase ninguém e só vão para o centro da cidade quando necessário. O casal é sócio do Clube de Idosos, mas desde que ela ficou doente, não têm participado mais dos encontros, por esse motivo, já faltaram quatro vezes seguidas. Ela diz que participa do jogo de bolãozinho, que acontece uma vez por mês no Clube de Idosos, além disso, frequenta a igreja, quando a saúde permite. Sobre este aspecto ela diz:

---

<sup>194</sup> LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Editora Moraes Ltda. São Paulo, SP. Primeira edição, 1991.p.103.

<sup>195</sup> Idem, p.104.

<sup>196</sup> Idem, p.103-104.

E daí quando tem o jogo do bolãozinho, que é também no clube do “Paz e amor” ali, mas uma vez por mês, né, isso é sagrado também, né. Sagrado, tão sagrado que a gente já falhou 4 vezes [risos], que nem, se fica ruim, né, que a saúde não permite, a gente não vai, né, mas se não... E outros lugares assim, visitar alguém, né, uma vizinha aqui, uma vizinha lá e elas vem aqui, né, mas em festas assim também a gente não vai, uma porque a gente saía muito o tempo que a gente tinha o carro, saía muito pro interior, né. Ia pra Pato, ia pra Bom Jardim, de ficá assim, mas agora que não tem carro a gente quase não... Visitas assim é difícil sair.<sup>197</sup>

A falta de ter um carro para se deslocar de um lugar para outro, é colocada como uma das dificuldades que impedem o casal de sair para visitar amigos. Segundo dona Irmélia, quando eles tinham carro, saíam muito para visitar amigos no interior. Agora, sem carro e com problemas de saúde, pouco saem de casa. As visitas se restringem às vizinhas próximas.

Para dona Irmélia, assim como para outros habitantes foi se configurando, ao longo da história da região e de sua própria história de vida, a ideia de uma divisão dos espaços no município entre “interior” e “cidade”. Uma característica presente na região é a de denominar uma comunidade rural por “linha”. Em sua sede, geralmente, encontra-se uma escola, uma quadra esportiva, uma igreja, um cemitério e um clube social, onde se encontram e concentram as pessoas da comunidade para atividades sociais. A urbanização configurou um “interior”, de forma que a sede do município seja representada como “cidade”.

Embora estejam vivendo no espaço urbano de Marechal Cândido Rondon enquanto aposentadas já há alguns anos, todas as entrevistadas se consideram colonas ou agricultoras, além de donas de casa. Sua auto-identificação guarda relações com seu passado (ou ainda seu presente) na agricultura. Foi o trabalho no campo que configurou experiências e memórias. Percebe-se assim, que as novas experiências adquiridas na cidade e após a aposentadoria continuam relacionadas com seu passado rural apesar das novas atividades sociais, adquiridas através de suas vivências e práticas cotidianas. Apesar disso, a maior parte destas mulheres não sente falta nem saudade da vida que levava na colônia. A colônia não é lembrada como um espaço bucólico e romântico.<sup>198</sup>

<sup>197</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>198</sup> Esta imagem teriam, por exemplo, poetas e escritores ingleses do século XVI, estudados pelo historiador inglês Raymond Williams em seu conhecido livro. WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 70.

Ao rememorar o passado comparando com o momento presente, as entrevistadas narram sobre seu cotidiano no passado e no presente. Ao lidarmos com as memórias destas mulheres, tratamos, como aponta Maria Yedda Linhares, da “história de gente comum, que trabalha, come e dorme, gera filhos e saberes variados, e que na sua faina cotidiana transforma a natureza ao criar meios de subsistência e técnicas, custou a entrar nas preocupações do historiador como objeto de estudo”.<sup>199</sup>

O historiador Michel de Certeau assim relaciona, em sua reflexão, o cotidiano, a memória e a história:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase que retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não-história, como diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...<sup>200</sup>

Segundo o autor, é através da memória de diferentes aspectos do cotidiano vivido presentes no íntimo de cada um, que se encontram as características particulares, que levam a escolha de determinados caminhos, que nos conduzem para aquilo que somos no presente. Também para as mulheres entrevistadas, aquilo que elas expressam através das suas memórias é o que as marcou no transcurso de suas vidas. As memórias dos seus cotidianos trazem as marcas de mundos muitas vezes desconhecidos e invisíveis.

Em suas memórias valorizam o trabalho exercido e expressam a sensação de dever cumprido. Na velhice usufruem do tempo livre, só para si, mas, por outro lado, também existem as limitações, como as doenças. Enquanto moravam no espaço rural elas vinham para a cidade somente em caso de necessidade, como para procurar tratamento médico ou “assinar papéis” no banco. A cidade era mais distante de suas realidades.

<sup>199</sup> LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In: **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.), Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 - 21ª reimpressão. p. 165.

<sup>200</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar/ Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 31.

Agora, vivendo no espaço urbano, representam o tempo vivido como o tempo de colher os frutos plantados enquanto jovens. A cidade é o lugar de descanso e mais liberdade para se locomover, o que antes elas pouco tinham.

## 2.2. Relações dinâmicas entre campo e cidade

Apesar das dificuldades apontadas em relação aos modos de vida no campo no passado, muitas das mulheres por mim entrevistadas ainda mantêm alguns elementos que as vinculam aos modos de vida da colônia hoje. É perceptível na fala dessas mulheres o vínculo que ainda permanece com a vida no campo, seja pela propriedade rural que ainda possuem e que é cuidada por um dos filhos ou familiares, ou, simplesmente pelos hábitos que ainda mantêm no presente.

O historiador Raphael Pagliarini<sup>201</sup>, em sua dissertação de mestrado, analisa diferentes aspectos presentes nos espaços de sociabilidade e de pertencimento de trabalhadores rurais que passaram a habitar na cidade de Marechal Cândido Rondon a partir da década de 1970. Ele considera que foram necessárias muitas adaptações e reelaborações em seus modos de viver e de trabalhar no espaço urbano, sendo que muitas vezes as experiências culturais destes antigos moradores da colônia foram questionados por alguns dos moradores da cidade. Segundo o autor, “o cotidiano na cidade trouxe para eles muitos novos problemas, obrigando-os a construir maneiras diferentes para resolvê-los. Ainda que a cidade não fosse um universo totalmente desconhecido, habitá-la exigia novas posturas e enfrentamentos”.<sup>202</sup> Com base nas memórias destes antigos colonos e atuais moradores da cidade, Pagliarini entende que as novas práticas adquiridas a partir do viver no espaço urbano trouxeram alguns rompimentos e outras vezes algumas permanências em relação aos seus antigos hábitos.

Permanências e rupturas também são descritas nas narrativas das mulheres por nós entrevistadas. Alguns desafios enfrentados em algumas situações se assemelham aos descritos por Pagliarini, outros, se diferenciam. O autor entrevistou, além de pequenos proprietários, também ex-trabalhadores rurais que decidiram trocar a vida rural pela urbana em busca de um novo trabalho e de uma nova fonte de renda para a sua

---

<sup>201</sup> PAGLIARINI, Raphael. **O “colono” na Cidade: Memórias e Viveres Rural-Urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, 2009. 122p.

<sup>202</sup> Idem. p.82.

subsistência. A cidade torna-se para estes, um lugar de disputa por novas formas de vida e trabalho. Diferentemente dos entrevistados por Pagliarini, que eram jovens em busca de trabalho, a maior parte das mulheres por nós entrevistadas, mudou para a cidade em busca de estudo para os filhos e um envelhecer mais tranqüilo. Elas buscavam um tempo livre e oportunidades de descanso do trabalho árduo desenvolvido ao longo da vida na colônia. Elas trabalharam na terra e continuam se descrevendo como “colonas”, apesar da aposentadoria e do viver na cidade. Continuam, portanto, vinculadas à sua origem.

Alguns aspectos e práticas cotidianas apreendidas e desenvolvidas ao longo da vida acompanham o dia-a-dia atual de mulheres como dona Reni, que ainda conserva alguns hábitos. Assim ela descreve suas atividades diárias como moradora da cidade:

Eu gosto muito de ir de manhã cedo no lotezinho, eu planto feijão, planto mandioca, verdade... de tudo, pepino, cebola, de tudo...E a gente é acostumado e isso é um prazer pra eu ir olhar isso de manhã. Ver se já cresceu um pouco e as flor ali [no jardim]. Isso, eu nunca vou querer fica sem um pedacinho de terra. Acostumado.<sup>203</sup>

Dona Reni apesar de morar na cidade há cerca de 20 anos e ser aposentada, ainda conserva hábitos comuns aos agricultores, como acordar bem cedo, molhar as plantas e cultivar verduras para consumo próprio. Assim como ela, muitas outras mulheres também conservam hábitos semelhantes, que remetem ao passado vivido na colônia. São continuidades entre passado e presente. Ainda que elas relatem as transformações sofridas em suas vidas, as continuidades em relação a alguns aspectos da vida rural estão presentes no seu cotidiano.

A entrevistada também conserva o costume de cozinhar no fogão à lenha. Mas ela não faz uso dele todos os dias, só faz fogo quando tem muita coisa para cozinhar. Ela cozinha feijão, mandioca ou verduras cultivadas por ela, congelando os alimentos em “potezinhos” plásticos para consumir mais tarde. São práticas de cozinhar e conservar alimentos do passado, associadas a práticas da atualidade, como o uso do freezer. Quando perguntada se ainda tem e faz fogo no fogão à lenha, respondeu:

Aham, eu faço e aquele dia aproveita tudo, chuchu, o que que eu tenho de verdura pra cozinhar, feijão, mandioca. Tudo vai aquele dia. A gente guarda, nos potezinhos, no freezer. (...) Aham, que nem macarrão, antigamente, tinha que fazer todo o dia a mesma coisa. Agora a gente faz pra 2,3 semanas, coloca no freezer, cada dia [usa] um tanto.

---

<sup>203</sup> Reni Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

Entrevistadora: E facilita, né? São só os dois, daí é pouquinho. Antigamente a família era maior, né?

Dona Reni: Aham, meu Deus, antigamente a mãe, tinha essa família grande, daí ela falou: “Um ovo cada um ganha hoje”. Não é que nem hoje em dia, podem...

Entrevistadora: Comer a vontade?

Dona Reni: Aham. Tinha aquele “Käschmier” de manhã, nossa... era gostoso. Eu ainda me faço, compro nata...

Entrevistadora: Essa comida era boa, né?

Dona Reni: Aham, não tinha esse negócio de veneno. Antigamente, não se colocava veneno nas coisas, agora os bicharedo aparece e tem que pôr.<sup>204</sup>

Alguns aspectos podem ser percebidos na fala de dona Reni, quando ela se refere aos alimentos produzidos e consumidos no passado. Ela compara a alimentação que tinha quando era criança e vivia com muita simplicidade, com a alimentação em abundância que as pessoas têm hoje em dia. As continuidades de alguns hábitos, como o de consumir “Käschmier”<sup>205</sup> adquiridos na infância, trazem à memória da aposentada lembranças de como sua mãe preparava os alimentos servidos à família. A menção a aspectos relativos à alimentação, à saúde, ao corpo presentes em suas falas se articulam a discursos veiculados na mídia, como quando falam da necessidade de uma agricultura mais ecológica para melhor cuidar do corpo. Aqui percebemos a influência de um discurso acerca da ecologia na construção de uma narrativa sobre o passado e na crítica a práticas atuais de agricultura, também correntes na região, e que fizeram os agricultores e também pessoas como ela, que só plantam para si, dependentes dos agrotóxicos. Consumir uma comida mais saudável, livre de veneno, é importante para a entrevistada. Segundo ela, antigamente não precisava passar veneno nas verduras para evitar o aparecimento dos “bicharedo”, mas agora sem passar veneno não seria possível produzir nada na horta.

A compra de alimentos na atualidade também é um elemento que perpassa a construção de sua narrativa sobre a alimentação à época em que viveu na colônia. Alimentos que anteriormente eram produzidos por ela, como a nata e o requeijão, agora são comprados. A mudança para a cidade e a renda proveniente da aposentadoria também levaram à aquisição de produtos industrializados, provocando uma mudança também nas práticas alimentares das famílias.

<sup>204</sup> Reni Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>205</sup> Mistura de ricota amassada com nata e sal, consumida com pão e geralmente com geléia de frutas, mel ou melado, muito presente na culinária de descendentes de alemães no Brasil e também na região.

Ela assim prossegue em sua narrativa discorrendo sobre as suas atividades diárias:

Ah... De manhã, eu levanto bem cedo, bem cedo, às vez 5 horas, faço a limpeza, faço tudo, molho tudo [rega as plantas]. Às vez eu vou no mercado, as vez eu vou correr um pouco ali na vizinha [visitar]. E de tarde eu vou ir jogar, o meu dia, quando é o meu dia [de receber as amigas], se elas chegam ali, eu fico contente, mas se eu posso correr [sair para jogar], eu já falei antes pra ele [marido]: “Hoje a tarde, na hora do meio dia eu tem que ir renovar meu cartão [no banco] e depois de lá, eu vou ir [jogar baralho com as amigas].”<sup>206</sup>

A cidade vivida por dona Rení e outras mulheres de sua geração, em certos aspectos, nos remete aos espaços de sociabilidades e divertimentos. Assim como a cidade mudou em alguns aspectos, a vida delas também sofreu algumas mudanças, percebidas em suas práticas cotidianas.

Lembranças que unem o passado e o presente estão presentes nas memórias de mulheres idosas são discutidas pela historiadora Janine Gomes da Silva, em seu artigo “Lugares de memória, memórias de mulheres...”<sup>207</sup>, no qual analisa como as transformações ocorridas na cidade de Joinville, Santa Catarina, no decorrer do século XX, aparecem em suas narrativas orais. A autora escreve que, ao relatar aspectos de suas vidas, as mulheres “iam aos poucos, me descortinando uma outra cidade, outros agrupamentos, outras práticas sociais”<sup>208</sup> que faziam parte das lembranças também de outras mulheres da mesma geração. Ela acredita que “são memórias sobre a cidade, mas também memórias sobre a história destas mulheres e que também pertencem a uma mesma geração. Desta geração de mulheres, nascidas há mais de sessenta anos, a idéia de uma cidade que não existe mais está muito presente”<sup>209</sup>. A autora acredita que as narrativas sobre como a cidade era no passado contém “marcas individuais e sensibilidades únicas”<sup>210</sup>, pois ao falarem da cidade elas falam também de sua vida pessoal.

Também nas entrevistas realizadas por mim é perceptível que nas memórias dessas mulheres estão presentes as marcas que cada uma das entrevistadas traz de outros tempos e de outras práticas, comuns ao meio e à época em que viviam, que ficam

<sup>206</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>207</sup> SILVA, Janine Gomes da. Lugares de memória, memórias de mulheres... In: **Espaço Plural**, Ano VIII, nº 17, 2º semestre 2007, p.17 – 24.

<sup>208</sup> Idem, p.19.

<sup>209</sup> Idem. Ibidem.

<sup>210</sup> Idem. p.17.

evidentes na maneira de falar, de narrar a forma de preparar seus alimentos e de recordar aspectos vivenciados individualmente. Portanto, apesar de muitos aspectos serem comuns às entrevistadas, cada narrativa é única, pois está carregada da subjetividade da mulher que narra suas próprias vivências e experiências.

### 2.3. A aposentadoria como uma conquista das mulheres

Agora não precisa mais pedir pra ele. Eu tenho agora meu dinheiro<sup>211</sup>.

A frase acima, dita por dona Rení, expressa o significado da aposentadoria para ela e também para as demais mulheres entrevistadas. O benefício recebido da Previdência Social, representado muitas vezes como uma conquista, simboliza um período de maior independência financeira para estas mulheres, inclusive em relação ao marido. Embora elas tenham trabalhado ao lado do marido na propriedade, era ele quem, em geral, controlava as finanças da família. A aposentadoria significa para elas, portanto, não apenas o usufruto de um direito das trabalhadoras rurais. Os significados dados à aposentadoria presentes nas narrativas remetem também às relações de gênero estabelecidas no interior destas famílias e às suas eventuais mudanças.

A promulgação da Constituição de 1988<sup>212</sup> garantiu alguns benefícios para as mulheres trabalhadoras rurais, entre as quais, a aposentadoria por idade, aos 55 anos, independentemente de o cônjuge já ser beneficiário ou não, ou o recebimento de pensão por falecimento do cônjuge, para aquelas que em “idade ativa trabalharam ou residiram no meio rural, independente de, ao receberem o benefício terem domicílio rural ou urbano”<sup>213</sup>. Os homens tiveram uma redução da idade para concessão da aposentadoria por velhice, de 65 anos, para 60 anos, e passaram também a ter direito à pensão em caso da morte da esposa segurada.<sup>214</sup>

<sup>211</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>212</sup> A Constituição de 1988, complementada pelas Leis 8.212 (Plano de Custeio) e 8.213 (Planos de Benefícios), de 1991, passou a prever o acesso universal de idosos e inválidos de ambos os sexos do setor rural à previdência social, em regime especial, no valor de 1 (hum) salário mínimo nacional, desde que comprovem a situação de produtor, parceiro, meeiro e os arrendatários rurais, o garimpeiro e o pescador artesanal, bem como respectivos cônjuges que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, sem empregados permanentes. (Constituição Federal, 1988, art.195, § 8º). Apud. BRUMER, Anita. Previdência social rural e gênero. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002, p. 57.

<sup>213</sup> DELGADO, Guilherme. Apud. BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis 12(1); janeiro-abril 2004, p.222.

<sup>214</sup> A este respeito ver: BRUMER, Anita. Op. Cit. p.50 – 81.

O economista do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), Guilherme Delgado, explica que “desde a implantação do Prorural/Funrural (1971/1992), implanta-se o regime de universalização de atendimento aos idosos e inválidos do meio rural, previsto na Constituição de 1988.”<sup>215</sup> Ele aponta as principais mudanças normativas que ocorreram a partir da Constituição de 1988, e que tiveram aplicação administrativa efetiva a partir de 1992:

- a) equiparação de condições de acesso para homens e mulheres (o antigo regime era específico para o cabeça do casal);
- b) redução do limite de idade para aposentadoria por idade (60 anos para homens e 55 para mulheres);
- c) estabelecimento de um piso de aposentadoria e pensões em um salário mínimo (o regime anterior estabelecia teto em meio salário mínimo para o público do Funrural e pensões limitadas a 30% do benefício principal).<sup>216</sup>

Para terem direito aos benefícios previdenciários, as mulheres deveriam ser reconhecidas como trabalhadoras rurais, tanto pelos órgãos governamentais como pelos sindicatos de trabalhadores rurais. A forma de contribuição do produtor rural é feita através do recolhimento de uma porcentagem (2,2%) sobre o valor da produção comercializada. Para comprovar sua condição de trabalhadoras rurais as mulheres deveriam ter seu nome incluído nas notas de venda dos produtos comercializados. Como as notas eram emitidas somente no nome do marido, as mulheres, para se aposentar, precisavam provar sua condição de trabalhadora rural. Para isso, necessitavam, muitas vezes, contratar um advogado, que as orientava no sentido de apresentar documentos que comprovassem sua profissão, como declaração do sindicato rural, entrevistas com testemunhas, documentação da terra, etc.

Dona Dora descreve a dificuldade que teve de obter sua aposentadoria. Nessa descrição, fala da importância da inserção do nome da esposa no bloco do produtor rural. Como só constava o nome do marido ela teve que contratar um advogado para comprovar a sua condição de agricultora e poder se aposentar. Ao ser perguntada se teve alguma dificuldade para conseguir a aposentadoria, ela responde:

---

<sup>215</sup> DELGADO, Guilherme. O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. Texto para discussão nº688. IPEA. Rio de Janeiro, 1999. p.01.

<sup>216</sup> Idem. Ibidem.

Dona Dora: A minha sim, porque eu não tinha esse bloco de produtor rural. Ia tudo no nome dele, ele que fez o bloco [marido] É. Ele não, pra ele foi fácil, para mim custou, nós fomos obrigados a pegar um advogado. Eu tinha idade e dali peguemos um advogado do sindicato rural. E dali foi pra frente. E hoje eu ganho duas. E a pensão. E não dá para viver. Isso que é o ruim, né. Eu ainda tomo 14 comprimidos por dia...

Entrevistadora: E é tudo a senhora que compra e paga, não ganha?

Dona Dora: Não, não ganho. Eu tenho casa. É difícil, né. E se eles sabem que eu tenho essa terra. É difícil, né.

Entrevistadora: Mas a senhora acha que teria o direito de ganhar?

Dona Dora: Devia, mulher, pois a nossa vida inteira era da roça, né, o que nós vendia era descontado 3%, né, nós pagava tudo certinho, né.<sup>217</sup>

A aposentada relata não apenas a dificuldade de ganhar a aposentadoria pelo trabalho no campo, como também a dificuldade de sobreviver hoje apenas com o dinheiro da aposentadoria e da pensão por viuvez: “não dá pra viver”. Como tem a saúde frágil, o seu gasto com medicamentos é muito alto. Ela comenta que foi submetida a uma cirurgia para retirar um tumor na cabeça e que teve que pagar a cirurgia e todo o tratamento. Também o longo tratamento a que seu marido foi submetido antes de falecer foi todo custeado com dinheiro próprio. Assim ela narra:

Entrevistadora: E a senhora teve que pagar a cirurgia?

Dona Dora: Tudo, tudo pago, tudo particular. Só no hospital, nós paguemos 25 mil, fora os exames. Eu calculei assim... Uns 30 mil. O meu marido, a mesma coisa eu acho, ele foi um pouco mais, porque ele teve uma cirurgia junto, né.

Entrevistadora: Também pagou tudo?

Dona Dora: Tudo. Nós tava nesse hospital, dizem que é do governo. Como é?

Entrevistadora: Hospital regional?

Dona Dora: É. Regional, e esse médico soube cobrar bem. Quando foi internado, foi deixado 10 mil lá, né. E dali, quando acabou a semana, era toda a semana 5 mil. Tu vê como eles são... Eu me admiro que ele [marido] não... Ele também ficou 10 dias na UTI, ele ganhava todo dia um frasco de remédio, de comida, era vitamina pro corpo todo e, era milonga.(mil reais)

Entrevistadora: Tudo pago?

Dona Dora: Tudo pago.<sup>218</sup>

A tristeza e uma certa revolta são perceptíveis na narrativa de dona Dora, quando ela lembra que, apesar de ter trabalhado tanto e contribuído com suas obrigações fiscais durante toda sua vida, agora, na velhice, quando precisa de tratamento médico,

<sup>217</sup> Dora Kolm, 77 anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

<sup>218</sup> Idem.

não tem direito a exigir tratamento gratuito. Tudo o que ela levou uma vida inteira para construir agora serve apenas para garantir a manutenção de sua saúde e bem-estar.

O historiador Losandro Antônio Tedeschi,<sup>219</sup> o qual realizou estudos com mulheres da região nordeste do Rio Grande do Sul, buscou entender a história da mobilização social das mulheres agricultoras daquela região através do Movimento de Mulheres trabalhadoras Rurais (MMTR). Ele descreve a luta dessas mulheres pelo reconhecimento da profissão e o acesso aos benefícios sociais obtidos pelas trabalhadoras rurais na Constituição de 1988, considerando este “o passo mais importante para a consolidação do MMTR, através da consagração do termo jurídico ‘trabalhadoras rurais’, que então passava a designar uma categoria profissional”.<sup>220</sup>

A respeito do MMTR, a socióloga Anita Brumer, que desenvolveu estudo sobre mulheres agricultoras no Rio Grande do Sul e o seu acesso à Previdência Rural e seus efeitos, destaca também a importância deste movimento ao afirmar que “após a promulgação da nova legislação, as mulheres rurais passaram a ser representadas por um ‘movimento’, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), baseado em uma forte representação regional e que defende a autonomia do movimento diante de outros movimentos sociais e organizações”.<sup>221</sup>

Dona Irmélia, oriunda desta mesma região do Rio Grande do Sul, destaca a importância para as mulheres de ter o nome incluído nas notas de produtor rural. Em uma viagem ao Rio Grande do Sul, provavelmente alertada pela luta das mulheres gaúchas em favor dos seus direitos, ficou sabendo da lei que exigia que o nome da esposa também constasse no bloco de produtor rural e nas notas de venda de produtos agropecuários. A partir de então, exigiu que seu nome constasse no bloco apesar de, segundo ela, ter sido chamada de “louca” pelos funcionários da cooperativa e da prefeitura. Mesmo assim, sua aposentadoria demorou alguns meses para ser aprovada. Dona Irmélia, através de suas reivindicações frente ao marido, aos funcionários da cooperativa e da prefeitura, desencadeou todo um processo de luta pelo reconhecimento dos seus direitos. Assim ela narra toda esta etapa da luta pelo direito de aposentadoria:

Essa notas do agricultor, uma vez eu fui pro Rio Grande passear, daí lá tudo mundo sabia que era lei federal, que o nome da esposa tinha que constá na nota, no bloco rural, né. Daí eu voltei pra casa e falei pro meu

---

<sup>219</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. **Revista História Oral** n.12, 2009, p.177 – 206.

<sup>220</sup> Idem, p.182.

<sup>221</sup> BRUMER, Anita. Op. Cit. p.221.

marido: “Vai lá e arruma isso na cooperativa, eu quero o meu nome em cima do bloco.” Eles falaram pra ele que eu era louca, que de onde eu tinha essa idéia. Daí eu falei: “Eu quero o meu nome, que se o Rio Grande pertence ao Brasil e é lei federal, então Marechal pertence ao Brasil é lei federal, então ta aqui também, eu quero o meu nome em cima do meu bloco.” Daí eles botaram, daí eu fui na prefeitura carimbar isso. “Ai, que a senhora é doida, de onde a senhora tirou essa idéia que tem que fazer isso?”, daí eu falei a mesma coisa: “Se Marechal e Rio Grande pertence ao Brasil e isso é lei federal, então é a mesma coisa, tem que ser e eu quero.” Daí fizeram, mesmo com meu nome em cima do bloco que eu tinha, que eu tinha conseguido isso, ainda depois encheram o saco por causa da aposentadoria, tu tinha que entregar os papel lá tudo certinho, as documentação tinha que sair logo na hora.<sup>222</sup>

Dona Irmélia segue narrando a sua luta pelos seus direitos de aposentadoria junto aos órgãos encarregados para efetuar a documentação dos agricultores. Atualmente moradora da cidade, procura através dos seus contatos e círculo de amizades esclarecer as mulheres que ainda vivem no “interior” para irem em busca dos seus direitos. Segundo ela, os do “interior” precisariam de maior acesso à informação, coisa que se teria em cidades onde a população seria mais esclarecida.

Aqui podemos relacionar narrativa e construção de subjetividade, pautados nas considerações de Alessandro Portelli. A respeito da narração, interpretação e significado nas memórias e fontes orais, o autor entende que a subjetividade da pessoa é atribuída à interpretação dada ao significado da própria experiência. No texto *A filosofia e os fatos*, entende que as pessoas ao narrarem suas vidas, constroem e atribuem significados à experiência e constroem sua identidade. Para ele,

o principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua autobiografia (como é o caso de Frederick Douglas), quer concorde em responder à uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse).<sup>223</sup>

Também dona Irmélia, ao narrar, vai construindo sua subjetividade. Ela se mostra uma mulher esclarecida e combativa em prol dos direitos das mulheres agricultoras. No caso, procura construir uma imagem de mulher consciente dos seus direitos. E informa isso a outras mulheres suas amigas. A historiadora Lucila de

<sup>222</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>223</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol.1, n° 2, 996, p. 02.

Almeida Neves<sup>224</sup>, em artigo sobre a memória e construção de identidades, entende que o lembrar de cada indivíduo está relacionado à maneira como este está inserido socialmente e à sua própria história. Para ela, “na busca de construção da identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias”.<sup>225</sup>

Em sua fala, dona Irmélia estabelece uma hierarquia entre os espaços da cidade, afirmando que no interior não haveriam tantas possibilidades das mulheres se esclarecerem de seus direitos, daí ela pedir à funcionária do sindicato rural para orientar as mulheres a melhor definir sua profissão em seus documentos:

Se fosse no caso agora, muitas pessoas tem dificuldade, porque tá escrito em cima da... dos documentos, das coisas, que exigem, né, do lar, que eu fiz muitas coisas, quando eu sabia dessa história. A moça do sindicato ela, fez reuniões com as senhoras, assim nas igrejas, nas escolas e daí um dia eu participei de uma reunião dessas, daí eu falei pra Norma [a moça do sindicato], eu falei: “Você me faz um favor, pedi pra você agora, não pedi? Era pra colocar agricultor e não do lar”, daí eu pedi pra Norma: “Oh, vocês faz favor e orienta as pessoas, do interior que não pode botar do lar em cima dos documentos, tem que botar sempre, porque você, pra você fazer serve, uma ficha, numa loja, tudo, na aposentadoria pra você encaminhar papel, até de... Como é que eles falam? Que faz pesquisa pra ver se é verdade... Orientação, não.. Informação... Pede informações, então numa loja você não tem que, se tu quer fazer um crediário, você tem que pedir prazo pra loja, tem que dar informações, né.

Daí tem que constar lá, agricultor e não do lar. Então eu pedi pra Norma aquela vez: “Oh, faça o favor e orienta as pessoas do interior que elas tem que ser agricultores e não do lar. Porque não é que eu perdi uns 3 meses da minha aposentadoria, mulheres da colônia perderam a [licença] maternidade, porque não conseguiram a documentação, botar agricultor porque, botavam lá do lar. E certo que eles não querem pagar, eles não querem aposentar, não querem orientar nada, daí eles ficam camuflando essa coisas assim.”<sup>226</sup>

Além dela construir uma subjetividade de mulher que não aceita não ter direitos, que tem conhecimento sobre eles e os exige, o seu relato permite perceber como ela relaciona colônia e cidade com os direitos das mulheres. Para ela, seria dever dos funcionários do sindicato rural esclarecer as mulheres da colônia. As mulheres deveriam estar cientes dos seus direitos e das conquistas em favor do reconhecimento do seu trabalho e de sua profissão. Assim como dona Irmélia foi em busca dos seus

<sup>224</sup> NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. *História Oral*, 3, 2000, p. 109 -116.

<sup>225</sup> NEVES, Lucila de Almeida. Op. Cit. p. 109 .

<sup>226</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

direitos, também as outras mulheres deveriam ser esclarecidas de seus direitos e exercer sua cidadania.

Dona Irmélia menciona “as pessoas do interior” ao se referir aos agricultores que habitam o espaço rural. Ela, mesmo sendo uma mulher que veio do campo para a cidade não se vê mais como “do interior”, mas se preocupa com as “mulheres da colônia”. Ela estabelece uma hierarquia entre estes dois espaços. Como já comentado, ao longo da história da urbanização da região, foi se configurando a idéia de interior para designar a área rural do município. Na fala de Dona Irmélia, os responsáveis da “cidade” deveriam auxiliar as mulheres trabalhadoras do “interior” na luta pela conquista dos seus direitos.

A já citada socióloga Anita Brumer, entende que a inclusão do nome da mulher no bloco de venda de produtor rural confere à mulher agricultora um valor material e simbólico:

Ao mesmo tempo, a inclusão do nome das mulheres nos blocos de venda tem, para elas, um valor material e simbólico inquestionável. Valor material porque concretiza a comprovação de sua situação de trabalhadora rural, viabilizando assim seu acesso aos benefícios da Previdência Social. Valor simbólico porque torna visível e valoriza seu trabalho, representando, para elas, a conquista de uma dignidade que não tinham anteriormente.<sup>227</sup>

Segundo a socióloga, o ingresso regular e mensal de recursos financeiros oriundos da Previdência Social possibilita aos agricultores idosos o direito de diminuir suas atividades produtivas na propriedade rural, transferindo a administração para um dos filhos ou mesmo vendendo a propriedade. Com os recursos obtidos, geralmente o casal “compra uma casa e transfere-se para a cidade mais próxima, passando a viver dos benefícios das duas aposentadorias”<sup>228</sup>.

Brumer também analisa positivamente o direito à obtenção de uma renda pessoal pelas mulheres. Segundo ela,

Um outro efeito é o acesso das mulheres a uma renda própria, a ser por elas administrada, bastante diferente de sua situação anterior como ‘membro não remunerado da família’, em que os recursos disponíveis eram administrados pelos homens.<sup>229</sup>

---

<sup>227</sup> BRUMER, Anita. Op. Cit. p.223.

<sup>228</sup> Idem, p. 224.

<sup>229</sup> Idem. Ibidem

Morar na cidade depois que não pudessem mais trabalhar na agricultura fazia parte dos planos de alguns dos agricultores da região, como podemos perceber nas narrativas das entrevistadas. A vinda para a cidade representa para os mais velhos o acesso facilitado a recursos médicos e facilita sua socialização com pessoas da mesma faixa etária e grupos de interesse. Seria a cidade então, considerada como um lugar de assistência aos idosos? Teria a cidade a função de proporcionar uma melhor qualidade de vida aos mais velhos?

A aposentadoria é vista como algo muito bom para as nossas entrevistadas, que agora tem uma existência mais autônoma e não dependem unicamente do dinheiro do marido para as suas despesas particulares. Isso lhes proporcionou uma sensação de conquista, como pode ser percebido nas falas de dona Rení e de dona Olinda. Dona Rení responde alegremente ao ser perguntada se a aposentadoria foi algo bom na sua vida:

Ih... Foi bom... Isso é um dinheirinho pra... Porque antigamente a gente sempre tinha que..., eu precisava comprar isso, eu quero comprar isso... agora não precisa mais pedir pra ele [pro marido]. Eu tenho agora meu dinheiro, quando quer comprar uma coisinha. [risos] e comprar as vez um presentinho, né. Ele deu dinheiro mas ele era assim, muito seguro. Eu também cuida, a gente era criado assim.<sup>230</sup>

Ela responde que “foi bom” porque antigamente ela sempre tinha que pedir dinheiro pro marido quando precisava comprar alguma coisa. Ele segurava o dinheiro, o qual era usado apenas para os gastos necessários. Ela ficava constrangida em pedir dinheiro para comprar algo que não fosse necessário, como de vez em quando “um presentinho”. Agora ela não precisaria mais pedir para ele. Ainda que gaste seu dinheiro com cuidado, sem esbanjar, ela fica feliz ao dizer “eu tenho agora meu dinheiro”. Ao ser perguntada se foi fácil para se aposentar, ela diz:

Sim, bem fácil. Bem, bem no começo não, porque eu tinha encaminhado antes do que ele [marido]. E daí os mesmos documento, daí o correio mudou dali, ali embaixo. Daí eles perderam o meu papel. Eu já tinha o protocolo na mão, pronto pra tirar aposentadoria. Daí eu tinha que encaminhar tudo novamente. Foi na prefeitura, me mandaram pegar um advogado e ele encaminhou, não precisava pagar nada. Daqui 1 mês tinha, mas depois tinha aquele atrasado, eu não recebi nada, meio ano foi

<sup>230</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

perdido tudo. Porque em dezembro perdeu aquele o prazo pra pegar aquele atrasado dos aposentados e daí. Mas graças a Deus, eu recebo.<sup>231</sup>

Dona Reni descreve todo o processo de encaminhamento da aposentadoria. Ela tinha toda a documentação necessária, mas como o correio mudou de local, seus papéis acabaram se perdendo na mudança e ela teve que encaminhar tudo de novo. Embora não tenha recebido o atrasado, ela está agradecida por receber mensalmente o dinheiro a que tem direito. Na construção das narrativas de vida das mulheres entrevistadas, elas têm como característica descrever detalhadamente o processo de encaminhamento até o recebimento da aposentadoria, o que demonstra o quanto essa conquista é importante para elas.

Dona Olinda teve um pouco mais de dificuldade pelo fato de estar morando na cidade já há algum tempo, embora tivesse toda a documentação necessária. Em sua narrativa, percebe-se todo o ressentimento que de não ter sido tratada como alguém que tinha aquele direito. A luta em prol da aposentadoria fez com que ela apelasse para a intervenção do marido junto aos funcionários do INSS, ou seja, aproveitando-se de velhos atributos de gênero ainda compartilhados socialmente que associam o homem trabalhador rural ao espaço público. O marido foi acionado para que ela pudesse conquistar o seu direito de mulher trabalhadora rural. Ela conta que uma das funcionárias do INSS falou que ela nunca ia conseguir se aposentar e se recusou a providenciar a documentação. Assim ela descreve essa etapa:

Custou, uma mulher falou pra mim: “Direto, tu nunca vai ganhar”. Não sei o pai sempre fala, essa que trabalha ali dos [omitido] ela trabalhou esses anos na SS [INSS], na prefeitura velha, ele foi lá na prefeitura fazer xérox, eu falou: “Eu vai lá, fala com ela”. Ela falou: “Você não vai nunca ganhar”. Não sei porque, eu morava na cidade, mas e a gente que morava sempre, sempre na cidade e ganhava? Eu falei: “Ta bom, deixa ele [marido] vim”. Daí ele veio, mas ele pegou ela, falo tanto, tanto, tanto... Atrás dela trabalhava 2 rapaz, daí de repente eles falaram: “Vó, vem aqui. Nós vamos fazer pra você. Se ela não faz, nós vamos fazer pra você.” Daí eles fizeram, daí ela queria. “Não, o pai falou, agora não. O que que tu prometeu pra mim?”. “Ah, mas não pode!!”. “Não, não, não...”, o pai falou.<sup>232</sup>

Ela lembra que tinha todos os documentos necessários, mas passou a receber seu benefício apenas aos sessenta e três anos, sem direito ao período de atraso. A idéia

<sup>231</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>232</sup> Olinda Camila Witeck, 82 anos. Entrevista realizada em 26/08/2011.

de superação pode ser percebida quando ela diz, “mas tá contente”, porque tudo isso já passou. Ela considera esse “um dinheirinho” muito bem vindo, não só para ela, mas para todas as mulheres aposentadas. Assim ela narra:

Dona Olinda: Tudo, tudo, tudo nós tinha, não faltou nada. Quando nós ganhemo, não ganhava atrasado, eu tava com 63 anos quando eu ganhei. Custou, tem os que ganham o atrasado... Mas ta contente, isso tudo passou.

Entrevistadora: Foi bom pra senhora?

Dona Olinda: Aham, agora as mulher tem um dinheirinho.

Entrevistadora: Pode gastar um pouquinho, né?

Dona Olinda: [risos] Isso sim.

Entrevistadora: O que a senhora faz com o dinheirinho?

Dona Olinda: As compra de cozinha..., quando falta roupa... Tudo eu me compro... Pago a faxineira..., nem precisa pagar 13º pra ela, mas eu pago, ela trabalha duas vezes por semana, meio dia. É muito boa essa, eu tenho, acho que vai pra 8 anos já.<sup>233</sup>

Apesar das dificuldades enfrentadas para conseguir se aposentar e de não terem recebido o atrasado, elas se conformam e estão contentes com o fato de disporem de um dinheirinho próprio para os seus gastos particulares, proporcionando a elas uma sensação de maior liberdade e de mais cuidados de si, como para comprar roupa e alguns presentes sem precisar pedir para o marido. No caso de dona Olinda, há que se destacar sua posição socioeconômica diferenciada, que lhe possibilita, através da aposentadoria, pagar os serviços de uma faxineira para auxiliar nos serviços domésticos.

A aposentadoria é representada por algumas mulheres como uma dádiva de Deus, como sendo uma recompensa por toda uma vida de trabalho e fé, como denota a fala de dona Rení: “Meu Deus, tem que agradecer muito, muito a Deus que nós chegemos até agora nesse ponto e pra nossa vida, nós temos pra nós passar a vida”<sup>234</sup>.

A antropóloga social Arlene Renk, em texto que discute a condição em que está inserida a mulher camponesa e as narrativas sobre as diferenças entre as gerações de mulheres no Oeste catarinense, afirma: “A sociedade mudou. As mulheres mudaram”.<sup>235</sup> A conquista da aposentadoria empoderou as mulheres que passaram a dispor da administração do seu tempo e o seu dinheiro, conforme a sua vontade. A autora destaca que “houve empoderamento em vários sentidos. As histórias de vida nos

<sup>233</sup> Olinda Camila Witeck, 82 anos. Entrevista realizada em 26/08/2011.

<sup>234</sup> Rení Riffel, 76 anos. Entrevista realizada pela autora em 17/08/2011.

<sup>235</sup> RENK, Arlene. Narrativas de mulheres: a diferença geracional. In: **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004, p.106.

mostram”.<sup>236</sup> Ela acredita que o empoderamento alcançado pelas trabalhadoras rurais ao se aposentarem confere a elas uma conquista da cidadania, seja nos aspectos civis, políticos, sociais e subjetivos.

Porém, em alguns casos, o dinheiro da aposentadoria é usado para o pagamento de planos de saúde e compra de medicamentos necessários para a manutenção da saúde física da aposentada, como é o caso da dona Irmélia. Quando perguntada sobre onde gasta o dinheiro que recebe como aposentada, comenta ser esta uma ajuda muito bem vinda para cobrir as despesas com convênio médico e despesas da casa. Ela prefere pagar um convênio particular para não depender do atendimento do SUS (Sistema Único de Saúde), mesmo que para isso tenha que abrir mão de participar de festas e outras atividades como viagens:

Ajuda, se eu não tivesse essa pensão, essa aposentadoria, não teria o convênio. Não teria, porque com o que eu ia pagar o convênio? Então essa, se eu não tivesse o convênio ia depender do SUS, né, daí eu taria perdida, porque... A prefeitura, ela ajuda muito, a gente não pode se queixar, eles ajudaram muito a gente já, quando ele [marido] teve problema de saúde também. Mas se você depender de uma consulta da prefeitura, você tem que esperar, às vezes uma semana, às vezes um mês, às vezes dois, três, né, e assim no meu convênio, o dia que eu preciso, eu vou lá, eu tenho a consulta, eu tenho os exames tudo na mão, por isso que eu tenho que manter o convênio, se não, não teria o convênio, se não tivesse a aposentadoria. E pagar a luz e água e telefone também, né. Mas dá exatamente isso, pagar o convênio, a luz, a água e o telefone, e daí o resto, sustentação da casa, por isso que não dá pra sair muito, daí vai na festa, vai gastar, vai viajar, vai gastar, então a gente tem que se manter.<sup>237</sup>

É significativo o valor do empoderamento destas mulheres através da conquista da aposentadoria, apesar de ser apenas um salário mínimo. Para grande parte delas, é uma forma de garantir uma velhice mais tranquila através do qual elas podem desfrutar de pequenos prazeres, consumir mais, se cuidar mais, valorizar seu corpo e cuidar de diferentes aspectos de sua vida. Porém, considerando a fala de dona Irmélia e de algumas outras entrevistadas, a conquista de maior liberdade com o aumento do tempo livre e o benefício da Previdência Social, é limitada.

Apesar da aposentadoria ser vista como uma conquista pela maioria das mulheres, sobretudo os problemas de saúde e a falta de assistência gratuita à saúde limitam suas liberdades, dificultam sua locomoção pelos espaços e o aproveitamento do

---

<sup>236</sup> RENK, Arlene. Op. Cit. p.107.

<sup>237</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/ 2011.

tempo livre. O auxílio recebido pela prefeitura é percebido como uma “ajuda” e não como um dever do poder público e um direito delas como cidadãs.

Assim, através dos relatos das histórias de vida das mulheres aposentadas, procurei neste capítulo perceber os significados atribuídos por elas a suas próprias vidas no espaço urbano.

## Capítulo III

### Tempo de viver...

#### Envelhecimento e sociabilidades na cidade

E assim a vida foi indo, foi indo, até quando a gente se vai, né.<sup>238</sup>

Através dessa frase, dona Dora, 77 anos, demonstra a idéia de linearidade da vida e a consciência de que ela é finita. Ela liga o passado ao futuro na reflexão já feita de que a morte não está longe e que ela também “irá”, como o marido que se foi, deixando para trás um rastro de experiências e vivências passadas durante a vida. Na frase também está expressa a idéia de que o envelhecimento faz parte dessa caminhada – “a vida foi indo, foi indo”.

Entretanto, apesar de ser um processo inevitável, o envelhecimento é vivido e percebido de diferentes maneiras pelas mulheres entrevistadas. Neste capítulo, iremos nos ater às narrativas orais para discutir questões do seu tempo atual de vida, no qual se encontram aposentadas, como vêem esse momento, quais suas práticas e espaços de lazer e sociabilidades, os cuidados de si, como lidam com o passado, quais suas expectativas. Através da análise do *Jornal da Melhor Idade*, procuramos perceber ainda como os idosos/as da cidade e também os agricultores são vistos e representados.

### 3.1. Práticas e espaços de sociabilidade na cidade

“(...) porque as festas, tudo, pertencem à vida”<sup>239</sup>

A expectativa de vida das pessoas está aumentando consideravelmente em todo o mundo, levando ao envelhecimento da população. As transformações mais relevantes observadas nos indicadores demográficos demonstram que o acelerado processo de envelhecimento da população é resultante do efeito combinado da redução

---

<sup>238</sup> Dora Kolm, 76 anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

<sup>239</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/2011.

dos níveis da fecundidade e da mortalidade e do aumento da expectativa de vida, a partir da década de 1970. Segundo dados do censo do IBGE,

nos últimos anos, o Brasil vem apresentando um novo padrão demográfico que se caracteriza pela redução da taxa de crescimento populacional e por transformações profundas na composição de sua estrutura etária, com um significativo aumento do contingente de idosos<sup>240</sup>.

A demógrafa Elza Berquió<sup>241</sup> ao analisar a transição demográfica brasileira no século XX, constata que ocorreu uma significativa alteração na estrutura etária da população. (Ver Gráfico 2)<sup>242</sup> A autora avalia que a população de idosos teve um aumento de 25 vezes neste período.

A estimativa é que até por volta do ano de 2040 a população de idosos supere a de jovens no Brasil, fato que já vem ocorrendo em outros países. A previsão é de que nos próximos anos ocorra um aumento expressivo do número de pessoas em fase de envelhecimento, exigindo por parte das autoridades um aumento de investimentos na formação de recursos que visem atender às exigências desta parcela da população. Segundo dados da OMS, até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas.

O Censo 2010 mostra também que atualmente a população é mais urbanizada que há 10 anos. Em 2000, 81% dos brasileiros viviam em áreas urbanas, em 2010 eram 84%.

É significativa a diferença proporcional entre o número de mulheres e de homens a partir dos 60 anos. As mulheres vivem mais do que os homens e se aposentam mais cedo do que eles. Os dados do IBGE de 2010 mostram que no Brasil a população feminina é maior do que a masculina. (Ver Gráfico 1)<sup>243</sup> A população brasileira é composta na sua totalidade por 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens. Existem

---

<sup>240</sup> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> consulta realizada em 26/02/2013.

<sup>241</sup> BERQUÍO, Elza. Evolução demográfica. In: **Brasil: um século de transformações**. Organização: Ignacy Sachs, Jorge Wilhelm e Paulo Sérgio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19 e 20.

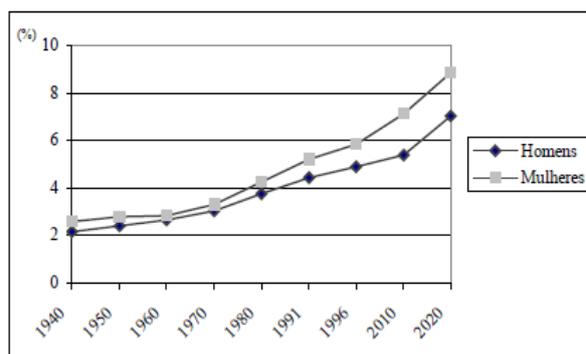
<sup>242</sup> Extraído de: BERQUÍO, Elza; BAENINGER, Rosana. Os Idosos no Brasil: Considerações Demográficas. Disponível em: [www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos.../textos\\_nepo\\_37.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos.../textos_nepo_37.pdf), p. 13.

<sup>243</sup> Idem. p.18.

95,9 de homens para cada 100 mulheres, ou seja, existem 3,9 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil. Em 2000, para cada 100 mulheres, havia 96,9 de homens.

Gráfico 1

Proporção de Pessoas de 65 anos e mais segundo Sexo  
Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2010 a 2020

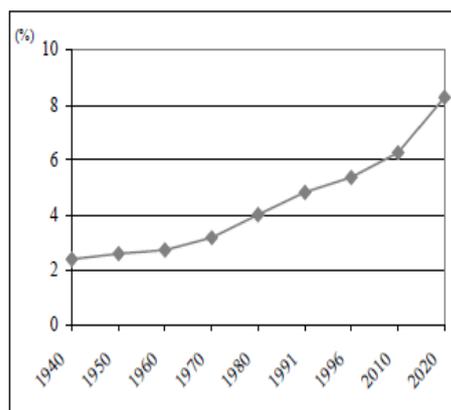


Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

Fundação IBGE/DPE//Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

Gráfico 2

Proporção de Pessoas de 65 anos e mais no Total da População  
Brasil, 1940 a 1996 e Projeções 2010 a 2020



Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

Fundação IBGE/DPE//Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

Esta diferença também pode ser observada em relação ao número de pessoas idosas no município de Marechal Cândido Rondon, onde, em 2010 viviam cerca de

5.988 idosos, entre os quais 3.274 mulheres e 2.714 homens.<sup>244</sup> Conforme demonstrado na Tabela 02:

Tabela 02 – População Censitária de Marechal Cândido Rondon segundo faixa etária e sexo - 2010

POPULAÇÃO CENSITÁRIA SEGUNDO FAIXA ETÁRIA E SEXO - 2010			
FAIXA ETÁRIA (anos)	MASCULINA	FEMININA	TOTAL
Menores de 1 ano	283	257	540
De 1	289	249	538
De 2	246	269	515
De 3	264	274	538
De 4	313	271	584
De 1 a 4	1.112	1.063	2.175
De 5	303	298	601
De 6	307	300	607
De 7	270	266	536
De 8	298	332	630
De 9	355	343	698
De 5 a 9	1.533	1.539	3.072
De 10	371	361	732
De 11	354	360	714
De 12	333	386	719
De 13	377	387	764
De 14	420	377	797
De 10 a 14	1.855	1.871	3.726
De 15	407	425	832
De 16	379	390	769
De 17	434	409	843
De 18	424	444	868
De 19	425	388	813
De 15 a 19	2.069	2.056	4.125
De 20 a 24	2.112	2.044	4.156
De 25 a 29	1.913	1.965	3.878
De 30 a 34	1.761	1.847	3.608
De 35 a 39	1.753	1.868	3.621
De 40 a 44	1.735	1.856	3.591
De 45 a 49	1.638	1.737	3.375
De 50 a 54	1.273	1.401	2.674
De 55 a 59	1.082	1.208	2.290
De 60 a 64	915	1.014	1.929
De 65 a 69	671	784	1.455
De 70 a 74	547	634	1.181
De 75 a 79	330	443	773
De 80 anos e mais	251	399	650
TOTAL	22.833	23.986	46.819

FONTE: IBGE - Censo Demográfico  
 NOTA: Dados do universo.

As mudanças provocadas por essa nova realidade tornaram-se um verdadeiro desafio social. As políticas públicas adotadas pelas autoridades tem contribuído grandemente para aumentar a qualidade de vida das pessoas em processo de

<sup>244</sup> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> consulta realizada em 26/02/2013.

envelhecimento, verificando-se um aumento gradativo nos serviços voltados a esta população.

A adoção de novos hábitos de vida e a introdução de novos medicamentos e procedimentos médicos levou a uma maior longevidade da população no Brasil e no mundo. A velhice passou a ser vista com outros olhos, e, tratada, não mais como uma fase de decadência, mas como um período de novos e sonhados projetos de vida.

Os idosos investem mais tempo em diferentes formas de lazer como a participação em grupos de idosos, de danças de salão, de viagens, espaços e atividades de socialização reconhecidos pela sociedade, ou seja, atividades que lhes são prazerosas e que permitem o convívio com outras pessoas da mesma geração que a sua. Conforme o entendimento de uma de nossas entrevistadas, dona Maria Adélia, “o mundo é nosso, eu acho que o mundo é feito pra conhecer e pra ver e, as festas também. Não pra ficar só em casa, (...) São coisas da vida. (...) porque as festas, tudo, pertencem à vida.”<sup>245</sup>

Dona Maria Adélia, 79 anos, mudou para o espaço urbano recentemente, há cerca de dois anos, para ficar próxima dos filhos por causa de problemas de saúde que a impedem de trabalhar e viver no espaço rural. Ela sofre de trombose e atualmente se locomove com o uso de uma bengala. Impossibilitada de sair de casa sem ajuda, ela defende a saída do ambiente privado, especialmente para as mulheres. Ela está falando para os outros, porque não pode mais sair para dançar e se divertir. Nesse aspecto, o que ela fala não é o que ela faz, mas o que gostaria de fazer. Ela lamenta não poder mais dançar “a noite inteira”, como nos bailes que freqüentava na juventude em companhia do marido. Segundo ela:

Eu gosto, eu gosto e nós fomo no baile, dançava a noite inteira, agora eu não posso dançá mais, meus filhos todos acham isso ruim, mas eu falei: “Um dia vocês vão ficar bem [velhos] também e vocês vão ficar sabendo como é, como vai, quando vem a velhice, né”. Nenhuma das minhas irmãs e nenhum dos meus irmãos, nunca não tem [não chegaram a ter] essa idade pra morrer que nem eu, [com] 80.<sup>246</sup>

Apesar de não poder mais dançar, ela se considera privilegiada, pois nenhum dos seus irmãos e irmãs, mais velhos do que ela, chegou a viver até a idade em que ela atualmente se encontra. Apenas uma irmã mais nova ainda vive. Ela considera importante viajar, conhecer “o mundo” e participar das festas para se divertir.

<sup>245</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/2011.

<sup>246</sup> Idem.

Possivelmente era um sonho que sempre acalentou e não se realizou, mas que agora, como não pode mais realizá-lo, procura valorizar.

Podemos perceber na narrativa de dona Maria Adélia as modificações também no modo como as idosas rearticulam seus projetos de vida durante a aposentadoria. Segundo sua narrativa:

Mas eu ia dizer que os idosos hoje em dia, eles tem uma vida melhor que antigamente, como eles se arrumam e como eles dançam, isso é uma física normal. Por que tu acha? Que por causa dessa dança. O médico falou: “Tu não sabe que bom que faz isso”. Todos os osso faz o seu movimento, né e, isso é muita saúde e muito legal pra os velhos e muito, e muito... e como... porque todos os osso estão em movimento quando eles dançam, né. Isso é muito legal.<sup>247</sup>

Na opinião de dona Maria Adélia, a dança proporciona uma vida melhor para os homens e mulheres idosos. Ela inclusive enfatiza a opinião do seu médico sobre a importância que os movimentos gerados pela dança fazem ao corpo, levando em conta não só os aspectos físicos, mas também os aspectos psicológicos proporcionados por estes momentos de alegria.

Sobre este aspecto, destacamos a palestra de Cláudia Fonseca que cita o livro *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*, da antropóloga Flávia de Mattos Motta, no qual analisou o estilo de vida de sua avó paterna, a Vó Branca, uma senhora de 81 anos, viúva, mas, de acordo com ela, jovem de espírito. Segundo a própria neta, ela passou a levar uma vida social mais ativa depois de muitos anos de viuvez. O interesse na pesquisa surgiu porque o comportamento da avó fugia dos padrões convencionais da “velha vovozinha de preto e xale às costas tricotando malhas para os netos numa cadeira de balanço”<sup>248</sup>. A antropóloga, ao analisar a vida da avó e de outras mulheres do seu grupo social, donas de casa, agora aposentadas e viúvas, apresentou uma nova dimensão feminina que tais mulheres mais velhas conferem a si mesmas. Elas têm o prazer de se arrumar para sair e se divertir, principalmente nos encontros com grupos de sua faixa etária, nas danças e nos passeios, atividades que mostram o lado “faceira” dessas mulheres. Segundo Flávia Motta:

<sup>247</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/2011.

<sup>248</sup> MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. EDUNISC, 1998. Apud: FONSECA, Cláudia. **As múltiplas mulheres brasileiras**. Palestra proferida durante o Seminário 500 anos de Dominação Masculina? Organizado pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, em 24 de março de 1999.

Minhas informantes têm uma imagem de si sexuada, enquanto femininas, enquanto mulheres. Não abriram mão, na velhice, dos atributos simbólicos da feminilidade que fizeram parte – toda a sua vida – da construção de sua identidade. Vaidade, conduta jovial, preocupação com a beleza, o uso de roupas mais coloridas, acessórios femininos, maquiagens e tinturas de cabelo fazem parte de sua bagagem como da de qualquer mulher de seu ethos, independente da idade.<sup>249</sup>

A maior parte das pessoas idosas aprecia a possibilidade de participar de momentos de lazer em grupos como os clubes de idosos. Estes oportunizam aos homens e mulheres mais velhos um novo sentido de valorização que estimula o cuidado com a aparência, e o consumo de bens.

Diversos trabalhos têm apontado para mudanças nas representações sobre o processo de envelhecimento e apontado para os seus benefícios. A pedagoga Vera Lúcia Deps, em sua tese de doutorado sobre a aposentadoria de professores universitários no Espírito Santo, entende as atividades sociais, culturais e esportivas desenvolvidas por eles, ou a forma como ocupam seu tempo, como uma forma de dar sentido e satisfação à existência, proporcionando-lhe bem-estar físico e psicológico. A pesquisadora acredita que participar de atividades fora do ambiente familiar, com amigos, possibilita ao idoso um suporte social de apoio, além da cura e prevenção de doenças como o stress e a depressão. Para ela:

Compartilhar de atividades grupais com pessoas da própria geração favorece o bem-estar do idoso porque facilita a emergência de significados comuns e a maior aproximação interpessoal e permite a ocorrência de catarse.<sup>250</sup>

A idéia de que a interação com pessoas da mesma geração, através de atividades sociais, culturais e esportivas, afeta positivamente os mais velhos foi incorporada pelos grupos de idosos que se difundiram no Brasil nos últimos anos. Muitas mulheres idosas que entrevistamos participam de diversas atividades sociais que as integram em grupos, como nos Clubes de Idosos, os quais promovem encontros semanais para seus associados.

<sup>249</sup> MOTTA, Flávia de Mattos. Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. EDUNISC, 1998. p.66. Apud: ALVES, Andréa Moraes. **Mulheres, corpo e performance**: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. Em: <http://www.antropologia.com.br/tribo/genero/artigos/a2-aalves.pdf> p. 06.

<sup>250</sup> DEPS, Vera Lúcia. Atividades e bem-estar psicológico na maturidade. In: **Qualidade de vida e Idade Madura**. Anita Liberalesso Néri (org.) 9ª ed. Campinas; SP – Papyrus, 2012 (Coleção vivacidade) p. 55.

Os Clubes de Idosos no município de Marechal Cândido Rondon foram criados com o propósito de proporcionar aos mais velhos um espaço para seus momentos de lazer e diversão, além de promover a socialização e integração destes com outras pessoas da mesma geração. Segundo a coordenadora dos Clubes de Idosos no município, Loiva Maria Stein, o primeiro clube constituído no município, denominado Clube de Idosos Amizade “foi fundado em 04 de julho de 1978, sob forma de sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, organizado para a prestação de serviços sócio-comunitários, culturais, esportivos e recreativos para os sócios”<sup>251</sup>. Este Clube de Idosos foi o primeiro a ser implantado no município de Marechal Cândido Rondon e o segundo no estado do Paraná,<sup>252</sup> por iniciativa da LBA (Legião Brasileira de Assistência)<sup>253</sup>. No início de suas atividades contava com alguns poucos sócios participantes. Com o passar dos anos, o número de associados cresceu consideravelmente levando ao surgimento dos demais clubes. A comemoração dos 33 anos de atividade do Clube Amizade foi realizada com a presença de autoridades, sócios e convidados, no dia dez de julho de 2011 e as fotografias relativas ao evento foram publicadas no *Jornal da Melhor Idade* de agosto de 2011.

Em Marechal Cândido Rondon existem hoje 16 (dezesesseis) Clubes de Idosos, sendo que 4 (quatro) estão localizados na sede municipal e 12 (doze) distribuídos nas sedes distritais ou comunitárias do município, o que também demonstra o grande número de idosos que vivem em áreas urbanas. Segundo a coordenadora, o objetivo dos Clubes de Idosos é:

Conjugar as pessoas idosas estimulando o espírito de solidariedade e comunidade entre os associados proporcionando cursos, palestras,

---

<sup>251</sup> Informações fornecidas por escrito à autora por Loiva Maria Stein, coordenadora dos Clubes de Mães e Clubes de Idosos do município de Marechal Cândido Rondon em 20 de março de 2013.

<sup>252</sup> Ver em: SILVA JUNIOR. Arestides Pereira da. **Avaliação de idosos de dois grupos de convivência de Marechal Cândido Rondon à luz do ideário da promoção da saúde: implicações sobre elaboração de um programa de educação física**. Dissertação de Mestrado. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2007. p.79.

<sup>253</sup> A LBA, instituição criada em 28 de agosto de 1942 e extinta em 1995, prestava atendimento às demandas sociais, que visavam o atendimento de grupos como os idosos, as gestantes, menores de idade, entre outros, através das políticas assistenciais das Primeiras Damas, a nível Federal, Estadual e Municipal, por meio da distribuição de recursos financeiros. Conforme: <http://www.capemisasocial.org.br/capemisasocial/Paginas/LBARReferencianaHistoriadaAssistenciaSocialnoBrasil.aspx>. Consultado em 15/04/2013.

reuniões dançantes e sociais, festividades e eventos esportivos e outros que se julgar de interesse comum dos associados.<sup>254</sup>

Como se apreende, na fala da coordenadora, diversos pressupostos presentes em publicações e na mídia a respeito da “melhor idade” estão presentes nos objetivos desses clubes.

Percebemos, durante conversas com algumas pessoas idosas e com as entrevistadas, que os sócios do clube têm uma participação muito grande nos encontros e nas atividades desenvolvidas pelo grupo. Muitos só faltam em caso de algum problema mais sério ou de estarem impossibilitados por causa de alguma doença ou mal-estar.

Durante os encontros algumas vezes são convidados profissionais de diferentes áreas para proferirem palestras sobre temas relativos a questões de saúde e qualidade de vida aos associados. Também são desenvolvidas diferentes atividades entre os associados, como a participação em um coral que apresenta seus cantos nos encontros semanais e também em ocasiões especiais, como em festas e/ou velórios de associados.

A dança é a atividade preferida nos encontros, nos quais dançam casais ou pares de mulheres. As músicas tocadas durante os encontros são alegres e divertidas, oferecendo aos participantes momentos de descontração e alegria. Nos clubes, a proporção de mulheres participantes é superior à dos homens. Existem nos clubes cerca de 2.592 idosos associados, entre os quais 1.058 homens e 1.534 mulheres<sup>255</sup>. O número de mulheres é 45% maior do que de homens. A participação feminina é maior que a masculina porque muitas mulheres são viúvas e algumas são casadas, mas vão sozinhas, porque os maridos não gostam e não as acompanham.

Esses dados vem ao encontro da pesquisa da historiadora Ana Maria Marques<sup>256</sup> que em sua tese de doutorado *Velhices problematizadas*, analisa a dinâmica dos grupos de “terceira idade”, nos quais “as mulheres idosas constituem a maioria arrasadora dos participantes”<sup>257</sup>. Neles, “buscam e encontram identificação, mesmo que

---

<sup>254</sup> Informações fornecidas por escrito à autora por Loiva Maria Stein, coordenadora dos Clubes de Mães e Clubes de Idosos do município de Marechal Cândido Rondon em 20 de março de 2013.

<sup>255</sup> Idem.

<sup>256</sup> MARQUES, Ana Maria. **Velhices problematizadas: redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina, no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990**. Tese de doutorado. UFSC: Florianópolis, 2007.

<sup>257</sup> Idem, p.30

seja para fazer coisas que antes não faziam”<sup>258</sup>. A autora demonstra como diferentes áreas do conhecimento ligadas à saúde física como a Medicina, Educação Física e Nutrição, têm se preocupado com a questão do envelhecimento e têm incentivado os idosos a dar funcionalidade ao corpo, principalmente através de atividades como a dança. Baseada em sua pesquisa, afirma:

Muitas mulheres, no grupo, longe de buscar um “último” sentido de vida, remoçam, ficam ou sentem-se mais bonitas, conhecem coisas, lugares e pessoas novas, conversam, falam dos homens e de suas experiências. A experiência de participar desses grupos tem mostrado que muitas mulheres revolucionaram um comportamento padrão, estereotipado, especialmente relacionado às idosas, tradicionalmente ligado à vida doméstica, ao cuidado para com os netos, ao marido ou à casa.<sup>259</sup>

Esses aspectos podem ser observados na narrativa de dona Olinda. Ela participa do Clube de Idosos, para onde muitas vezes vai para dançar mesmo sem o marido. As mudanças ocorridas na vida destas mulheres representam uma nova forma de relacionamento também com a família, especialmente para com o marido, no caso das casadas. Isso não significa a negação da esfera doméstica, mas a constituição de um novo espaço, o público, que está fundamentado na valorização das sociabilidades. As mudanças havidas nas relações de gênero, para algumas mulheres, possibilitam a elas sair para dançar sem o marido. Antes, quando novas e casadas isso era inconcebível. O espaço das mulheres era, em geral, mais restrito ao ambiente doméstico e familiar, em função de outras posições e atributos na organização social. As mulheres ficavam em casa com as crianças e o homem é que mais saía para o espaço público. As relações de gênero são refeitas para as mulheres idosas através destes clubes e atividades. Os maridos, algumas vezes, ficam em casa, e elas saem para se divertir. Para muitas mulheres, a aposentadoria seria, portanto, uma chance para quebrar uma rotina voltada à vida doméstica e familiar.

Dona Olinda lembra com carinho e uma certa nostalgia, de quando era jovem, e gostava de dançar com seu irmão. Ela algumas vezes até dança sozinha em casa, e fala do prazer que sente ao dançar no clube, apesar de sentir dor algumas vezes e das limitações decorrentes de uma cirurgia sofrida no joelho recentemente:

---

<sup>258</sup> MARQUES, Ana Maria. Op. Cit. p.31.

<sup>259</sup> Idem. p 27.

Entrevistadora: E o que a senhora mais gosta de lembrar assim, na sua vida?

Dona Olinda: Ah, agora tenho que pensar... Dançar.

Entrevistadora: A senhora sempre gostou?

Dona Olinda: De dançá? Sim. Desde nova eu gostava de dança. Eu e meu irmão que mora aqui, nós começava a dançá em casa, ele tocava uma gaitinha de boca e nós dois dançava.

Entrevistadora: Quando era criança?

Dona Olinda: Quando já tava moça e rapaz. E eu gosto de escutar rádio, tem música..., e quando eu tô sozinha eu danço sozinha.

Entrevistadora: Dança sozinha?

Dona Olinda: Aham, e todo o pessoal acha que eu [não] posso dançar com esse joelho. [ela fez cirurgia no joelho] Eu não noto nada. E tem muitos se queixa de dor. Eu não. Eu tinha dor antes. (...) Porque eles arrumaram esse osso, [mostrou a perna e o lugar em que foi feita a cirurgia] isso muitas vez dói.<sup>260</sup>

Os grupos propiciam novas sociabilidades e promovem novas maneiras de encarar o período da velhice, não como uma fase de vida inativa e improdutiva, com queixas de dor e falando sobre doenças, mas sim como uma fase de plenitude da existência com mais liberdade para fazer o que lhes dá prazer. A mídia, em geral, divulga que um corpo saudável e ativo faz parte da arte de bem envelhecer. Entretanto, o avanço da idade e alguns problemas de saúde trazem consigo algumas limitações que impedem as idosas de usufruir plenamente do prazer da dança, como no caso de dona Maria Adélia e de dona Olinda Camila.

A antropóloga Josimara Delgado em artigo em que analisa narrativas de história de vida de trabalhadores aposentados em Juiz de Fora, Minas Gerais, afirma que nesta fase da vida da mulher, a atividade doméstica de ajudar os filhos não se faz mais necessária, rompendo com uma dinâmica vivenciada durante boa parte de suas vidas. Isso propicia a procura por outras formas de se manter ativas e a integração com outras pessoas da mesma idade. Para ela, o envolvimento em atividades sociais, evoca o sentimento de liberdade proporcionado pela ausência de compromissos, obrigações e horários, dando oportunidade a estas mulheres de “explorar novos espaços da cidade, dar novas funções ao corpo e, sobretudo, “para não ficar dentro de casa””.<sup>261</sup>

A organização de grupos para jogar cartas e bolãozinho fez com que as mulheres entrevistadas desenvolvessem novas formas de sociabilidade com outras mulheres do seu universo social. Através do convívio com outras mulheres da mesma idade, elas dispõem do tempo livre para cuidarem de si mesmas e dos seus interesses,

<sup>260</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

<sup>261</sup> DELGADO, Josimara. Velhice, corpo e narrativa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul/dez. 2010, p.204.

depois de toda uma vida de trabalho na lavoura, na casa e de cuidado e criação dos filhos.

É o que faz dona Valéria. Ela é viúva e mora com a filha solteira que fica fora o dia inteiro devido ao trabalho. Para ela, “não adianta ficar só em casa e pensar no passado”, por isso ela sai bastante, conversa com as amigas e se distrai. Está presente em sua fala, portanto, a idéia de que sair para a esfera pública, através de atividades que envolvem sociabilidades, é uma forma de viver o presente e, assim, se descolar do passado. Ela participa da OASE<sup>262</sup>, do bolãozinho, do clube de idosos, joga baralho e sai para visitar as amigas e vizinhas. Assim ela fala do seu cotidiano e de sua vida:

Eu sim, e vou na OASE, eu vou no Bolãozinho, vou nos Idosos, jogo um baralhozinho. [risos] Não adianta sentar em casa e só ficar pensando no passado, porque isso passou, né. Aí, eu saio pra nem me lembrar das coisas. O que passou, passou, né. Eu sei de muitas que contam assim que não saem de casa e daí só ficam pensando no passado e daí só pensam que tão doente, mas isso é como eu já falei pra elas: “Não adianta sentá em casa, vocês tem que sair mais”, nem que vão passear, tomar um chimarrão, com outras amigas, né. Sempre tem um outro assunto, porque se tu tá em casa é sempre a mesma laia o dia inteiro, fazer o serviço e a mesma coisa isso, né.<sup>263</sup>

Dona Valéria vê o seu passado como um tempo de coisas ruins, sobre as quais não se deve pensar demais. Ela ficou muito tempo, quase três anos, cuidando do marido doente, antes que este viesse a falecer. Ele ficou inválido devido a um acidente, depois do qual não mais falava nem caminhava, necessitando de cuidados especiais e constantes. Ele ficou durante todo esse tempo na cama e necessitava ser carregado para tomar banho e trocar de roupa. Dona Valéria disse ter ficado com problemas nos “nervos” e machucado as costas, pois tinha que atender o marido “dia e noite” com as suas necessidades. Ela, que já passou por dificuldades, acredita que todos os problemas são passageiros, por piores que sejam.

As mulheres tendem a viver mais tempo do que os homens. Essa é uma das razões por que existem muitas mulheres que vivem sozinhas na velhice. Viúvas, aposentadas, com os filhos adultos, morando sozinhas, elas procuram a companhia de outras mulheres como forma também de amenizar a solidão. Percebemos que as mulheres

---

<sup>262</sup> A OASE, Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, é formado por um grupo de mulheres ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que se reúnem semanalmente e prestam serviços à comunidade

<sup>263</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

participam mais ativamente da vida social, seja em grupos de idosos ou em grupos menores como de jogos de baralho, reinventando dessa maneira seu modo de viver a vida.

Por acreditar que muitas amigas ficam muito tempo sozinhas, pensando no passado e acabam entrando em depressão ou ficando doentes, dona Valéria aconselha as amigas a “sair mais”, a ir passear e tomar um chimarrão e conversar com as amigas. Depois de fazer seu serviço de casa, ela sai nem que seja por pouco tempo, ou “uma hora, às vezes por dia”, mas ela sai para se distrair e não “pensar só no passado”. Segundo ela,

Sim, [as amigas] ficam sozinho, e daí ficam, entra em depressão e eu já sei o que que é depressão, eu também já tinha muitas vezes isso. E não adianta, isso eu me botei na cabeça, eu não vou mais fazer isso, ficar em casa e pensar só no passado. Não é que cada dia eu nunca tô em casa, claro, isso não, eu faço o meu serviço, mas nem que é uma hora, às vezes por dia, mas que eu saio, eu saio.<sup>264</sup>

Através de sua narrativa percebe-se que dona Valéria tem uma vida repleta de atividades, estando constantemente em contato com outras mulheres, algumas viúvas como ela, de sua idade, com as quais compartilha momentos de diversão e de conversa, que faz com que se esqueça da solidão e dos problemas e dificuldades vividos no passado. Os filhos estão casados e cuidando da própria vida e trabalho, têm pouco tempo para estar com ela. Assim, ela e outras mulheres na mesma situação, procuram companhia. Para ela, estar só não significa levar uma vida solitária. É preciso seguir em frente, viver o presente e dar um novo sentido à vida. Aproveitar as oportunidades que a vida oferece.

A demógrafa Elza Berquó, ao analisar o índice demográfico da população brasileira, assinala que o aumento na proporção de mulheres que vivem sozinhas, em relação aos homens, vai aumentando à medida que a idade aumenta. Esse índice demográfico é representado por Berquó como a “pirâmide da solidão”<sup>265</sup>. A desproporção entre os sexos, é um dos fatores que contribui para que muitas idosas viúvas passem a morar sozinhas, gerando a chamada “solidão das mulheres”. Em alguns casos, o sentimento de solidão pode levar à busca por novas maneiras de socialização, como no

<sup>264</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>265</sup> BERQUÓ, Elza. Pirâmide da solidão. In: **Anais do quinto encontro nacional de estudos da população**. Águas de São Pedro: ABEP, 1998.

caso de dona Valéria, que procura, com a ajuda das amigas, aplacar os momentos negativos de estar só.

Entretanto, nem todas as mulheres idosas encaram a fase que estão vivendo dessa forma, como dona Valéria, pois muitas sofrem com problemas de saúde, que as impedem de participar ativamente de atividades sociais ou encontros com grupos da “melhor idade”. É o caso de dona Dora, que pouco sai de casa. Ela é viúva e mora sozinha. Há seis anos passou por uma cirurgia na qual foi retirado um tumor na cabeça. Ela não participa de nenhum grupo ou atividade e, solitária, se distrai assistindo televisão, que segundo ela “é a melhor amiga que eu tenho dentro de casa”. Ou seja, a reclusão no espaço privado e a solidão são tão presentes em seu cotidiano, que ela personifica a televisão retratando-a como sua “melhor amiga”. Assim ela se expressa sobre sua vida, ao ser perguntada se mora sozinha:

Dona Dora: Moro sozinha.

Entrevistadora: E a senhora gosta de morar sozinha?

Dona Dora: Não, não tem jeito não, mulher, é uma coisa sei lá... Não tem vida [emoção]. A sorte hoje é a televisão, pra mim, né. É minha companhia, é a melhor amiga que eu tenho dentro de casa. Se eu me acho meio solitária, eu venho aqui [na sala, assistir tv], depende o que a gente pega, né. Você esquece, né.

Entrevistadora: A senhora participa de algum clube, alguma atividade?

Dona Dora: Não, nada, nada.

Entrevistadora: A senhora não gosta ou...

Dona Dora: Eu gostava, quando era nova, né, mas hoje em dia não, né. O que uma mulher de 76 anos, vai querer fazer num clube, mulher? [risos]

Entrevistadora: Nem lá nos Idosos?

Dona Dora: Nem lá nos Idosos, não vou. Fui uma vez e não gostei. Acho que pra namorar, a gente namora quando é novo, né, mas depois de velho não.<sup>266</sup>

Na fala de dona Dora está subentendida a idéia de que participar do Clube de Idosos sem o marido, é para mulheres desavergonhadas ou assanhadas, que vão apenas para namorar e, que aquilo não caberia a “uma mulher de 76 anos”. Para ela, a participação nestes ambientes seria uma forma de estimular a sedução e a expressão da sexualidade, ainda que muitas das mulheres participantes dos encontros dançam entre si, sem se preocuparem com a questão sexual, mas com a única pretensão de se divertirem. Está presente em sua fala, a concepção de que as mulheres idosas sozinhas, viúvas, devem ser bem-comportadas para obterem o respeito social. E, que há fases na vida em

<sup>266</sup> Dora Kolm, 76 anos. Entrevista cedida à autora em 08/08/2011.

que se pode ou não comportar de determinada maneira. Ela entende que o namoro é para a juventude, e que o seu tempo de sair para namorar e dançar já passou. Para ela, o tempo da velhice significa um tempo para se recolher e deixar as diversões para os mais jovens. Por isso, prefere ficar em casa, assistir seus programas preferidos na televisão. Assim, sua vida segue em frente, com suas lutas e desafios diários. Embora sofra com a solidão ela prefere permanecer em casa e se distrair com a companhia dos programas de televisão do que participar de atividades sociais em clubes de idosos e grupos de amigas como fazem algumas das entrevistadas.

A psicóloga especialista em Gerontologia Anita Liberalesso Neri, em texto no qual dialoga com outros para refletir sobre o envelhecimento e suas questões, assinala que “o envelhecimento é uma experiência heterogênea”<sup>267</sup>:

(...) envelhecer satisfatoriamente depende do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo o qual lhe possibilitará lidar, em diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento<sup>268</sup>.

Para a pesquisadora, a qualidade de vida na velhice depende de todo um processo de mudanças e adaptações que o indivíduo sofre ao longo da vida, que afetam sua história de vida pessoal, através do contexto sociocultural em que este está inserido. Portanto, para ela, ter uma boa velhice depende, “da interação do indivíduo e o seu contexto, ambos em constante transformação”<sup>269</sup>.

Da mesma forma que a autora, percebemos que existe uma heterogeneidade na forma de encarar o envelhecimento entre as mulheres por mim entrevistadas. As narrativas destas mulheres mostram que o processo de envelhecimento produz uma série de experiências, distintas umas das outras. Algumas mostram o período de aposentadoria como uma fase de renovação e novas experiências no espaço público, outras uma fase de recolhimento e solidão. Ou seja, as falas de dona Dora e de dona Valéria nos permitem relativizar como a História Oral faz perceber, as diferentes experiências e formas de encarar a vida e o passado.

---

<sup>267</sup> NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida e Idade Madura**. Anita Liberalesso Néri (org.) 9ª ed. Campinas ; SP – Papyrus, 2012 (Coleção vivacidade) p. 08.

<sup>268</sup> Idem. p. 12.

<sup>269</sup> Idem. p. 13.

### 3.2. A velhice como a “Melhor Idade”

Dona Olinda Camila ao dizer, “eu acho que ninguém envelhece”<sup>270</sup> nos permite problematizar essa representação tão explorada na imprensa, reportando-se à velhice como a “melhor idade”. A frase dita por ela retrata como esta senhora de 82 anos se sente apesar do avanço da idade. Ela permite apreender que nem todas as mulheres aposentadas se auto-representam como velhas e idosas e, neste caso, até não concorda que envelheceria.

Dona Olinda encara este período de sua vida com muito otimismo e tem um dia a dia bastante ativo, participando de inúmeras atividades que lhe são agradáveis. Quando perguntada como ocupa seus dias, ela respondeu que de manhã cuida dos afazeres da casa, apesar de contar com a ajuda de uma diarista que vem uma vez por semana realizar o trabalho mais pesado, e na parte da tarde ela sai para passear. Ela faz hidroginástica, joga bolãozinho e bingo, dança no clube de idosos ou simplesmente sai para visitar as vizinhas e tomar chimarrão enquanto conversam.

A experiência de envelhecimento é própria de cada um, e se relaciona às diferentes realidades vivenciadas por cada indivíduo, levando em conta as condições físicas, sociais e materiais em que se encontra inserido. Existem assim diferentes realidades de velhice conforme as diferentes realidades de vida de cada ser humano. Também existem diferentes formas de perceber a velhice, tanto entre os idosos como entre as gerações entre si. Os mais jovens, que são de outra geração, muitas vezes enxergam os velhos como distantes de sua realidade.

A frase “eu acho que ninguém envelhece” de dona Olinda, nos remete, por exemplo, a problematização da própria identificação “velho” feita por outrem (e, nesse caso, a própria entrevistadora). A respeito disso, a historiadora Ana Maria Marques, em sua tese, cita o influente filósofo francês Jean Paul Sartre, que aos 75 anos, em entrevista à Revista Manchete, pouco tempo antes de seu falecimento, disse:

Todo mundo me trata como um velho. Eu fico sorrindo. Por quê? Porque um velho nunca se sente velho. Através dos outros, compreendo o que a velhice significa para quem a vê do exterior. Mas não sinto minha velhice. Portanto, minha velhice não é algo que, em si mesmo, possa me ensinar alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a

---

<sup>270</sup> Olinda Camila Wittech, 82 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2011.

atitude dos outros em relação a mim (...) A velhice é a minha realidade que os outros sentem. Elas me vêem e dizem: esse bom velhinho... E são amáveis, porque vou morrer dentro em breve. E são também respeitosos, etc. Os outros é que são minha velhice.<sup>271</sup>

Para Sartre, a “velhice” é um termo cujos significados são dados pelos outros que querem se diferenciar dos “velhos”. O autor trata, assim, da problemática da identificação e da diferença na sociedade.

Essa identificação muda com o tempo e a sociedade. O “velho” do passado passou a ser designado como “idoso”, termo que soa de forma mais agradável e que carrega novas representações sociais. Estas representações tornaram inadequado ou até mesmo politicamente incorreto chamar alguém de “velho”. Seria melhor ser tratado como uma pessoa da “terceira idade” ou da “melhor idade”.

Para a historiadora Tati Lourenço da Costa, a qual analisou lembranças de pessoas idosas despertadas a partir de fotografias pessoais, a velhice valorizada pela sociedade atual é aquela que mostra um idoso saudável e dinâmico, apregoado através de um discurso que visa atingir este grupo geracional como um possível alvo para a venda de produtos destinados ao seu consumo. Através da análise de imagens e narrativas de mulheres idosas, ela entende:

Mesmo que no percurso do politicamente correto as mídias estejam sutilmente incluindo imagens da velhice, ou que a atenção do potencial mercado de consumo representado nesta geração, traga-os à publicidade em espaços específicos, ainda o clima ideológico de uma sociedade massivamente juvenilizada, soterra imagens do envelhecimento ou destina-as a guetos específicos.<sup>272</sup>

A autora problematiza a concepção (mercadológica) da velhice como “melhor idade”, mostrando como esse discurso coloca no limbo imagens que fujam a isso.

Os diferentes discursos e as experiências referentes à terceira idade são também analisados pela antropóloga Guita Debert, autora de vários livros e artigos que tratam de temas como velhice, família, gênero e curso de vida. Assim afirma:

<sup>271</sup> SARTRE, Jean Paul. Entrevista concedida a Hélio Bicudo. **Revista Manchete**, n. 1459. Rio de Janeiro, 05 de abril e 1980. Apud: MARQUES, Ana Maria. **Velhices problematizadas: redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina, no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990**. Tese de doutorado em História. UFSC: Florianópolis, 2007, p. 104.

<sup>272</sup> COSTA, Tati Lourenço da. **Palimpsestos fotográficos. Imagens, lembranças e identificações em narrativas de pessoas idosas**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. p. 178.

Tratar da terceira idade é se referir a um conjunto de discursos (amplamente divulgados pela mídia) e de novos espaços de sociabilidade (como os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade) empenhados em desestabilizar expectativas e imagens culturais tradicionais associadas a homens e mulheres de mais idade. Enfatizando que a idade não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida, essas manifestações tratam de divulgar uma série de receitas como técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes, universidades e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade.<sup>273</sup>

Levando em conta os diferentes discursos proferidos em relação à Terceira Idade, diversos programas e projetos estão sendo implantados no Brasil com o propósito de inserir a população de idosos em diferentes espaços sociais, proporcionando a eles uma melhor qualidade de vida, além de seu reconhecimento como cidadãos. Temos como exemplo a existência de caixas preferenciais para idosos nos bancos e supermercados, além da gratuidade das passagens para aqueles que viajam de ônibus<sup>274</sup>.

Em muitas cidades, como em Marechal Cândido Rondon, há, ainda, nas praças públicas, a construção de Academias para a Terceira Idade (ATI) visando o desenvolvimento de atividades físicas para esta parcela da população. Mas, mesmo com estes benefícios que visam atender seu conforto e bem-estar, suas condições sociais nem sempre são plenamente atendidas, pois muitas dessas medidas adotadas pelo poder público também tem sido assistencialistas<sup>275</sup>.

A demanda por serviços de profissionais especializados ao atendimento de idosos tem gerado um aumento no interesse de profissionais de diferentes áreas envolvidos a temas e questões ligados ao envelhecimento.

Sobre as formas com que a sociedade contemporânea tem caracterizado a velhice e as novas imagens do envelhecimento, a antropóloga Guita Grin Debert considera que “a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento deve-se,

---

<sup>273</sup> DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. **Estudos Feministas**, n.01/97. Ano 5, p.120.

<sup>274</sup> Conforme determinado pelo Estatuto do Idoso, através da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Idoso - Cidadão Brasileiro Conheça seus Direitos**. Secretaria Nacional da Terceira Idade. Cidade Gráfica Editora Ltda.

<sup>275</sup> Além do amparo e do atendimento às suas necessidades materiais, acreditamos que a consideração para com as opiniões e emoções dos idosos também deveriam ser valorizadas.

sem dúvida, ao fato de os idosos corresponderem a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico”.<sup>276</sup> A autora segue afirmando que:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A idéia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.<sup>277</sup>

Com a proliferação de programas voltados para os mais velhos, entre eles, os grupos de idosos, a antropóloga entende que com a “definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer, o ‘idoso’ é um ator que não está mais ausente no conjunto de discursos produzidos”.<sup>278</sup>

Ao destacar as imagens de pessoas idosas ativas e saudáveis que buscam ocupar seu tempo livre em atividades de lazer, a mídia pretende atingir este nicho de mercado. Mas, por outro lado, a mídia reconhece e valoriza esse mercado porque ele existe, ou seja, o processo de envelhecimento da sociedade brasileira cria essa demanda por serviço.

Como exemplo disso, em Marechal Cândido Rondon, temos o próprio *Jornal da Melhor Idade*, voltado para o público idoso, editado mensalmente em parceria com *O Jornal*. Segundo seus editores, o objetivo do jornal é “melhorar o atendimento aos clubes de idosos” do município e de municípios vizinhos. A parceria foi firmada a partir da edição de 29 de abril de 2010. No início da parceria, o periódico contava com uma tiragem mensal de 3.000 exemplares. No ano seguinte passou a 5.000 exemplares<sup>279</sup>.

No jornal são destacadas as atividades dos clubes de idosos do município e dos municípios vizinhos, bem como as participações em outras atividades comemorativas, como os encontros e almoços de confraternização entre os diferentes clubes, as comemorações familiares como bodas e aniversários dos associados, as apresentações de grupos de dança e de canto e coral.

---

<sup>276</sup> DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. EdUSP, 1999, p. 12.

<sup>277</sup> Idem. p. 14.

<sup>278</sup> Idem. p. 11.

<sup>279</sup> Para este trabalho foram analisados os exemplares publicados a partir de 29/04/2010, data em que foi oficializada a parceria entre ambos.

No próprio título do jornal aparece a concepção da velhice como a “melhor idade”. Em cada edição do periódico, nas reportagens sobre os encontros semanais, fotografias são publicadas, nas quais as pessoas são retratadas sempre saudáveis, alegres e sorridentes, em clima de união e comemoração. O jornal contribui, para veicular uma imagem de velhice que se coaduna com as novas concepções acerca da “terceira idade” ou “melhor idade”.

Além das atividades desenvolvidas nos clubes, nas fotografias são destacadas as imagens de casais dançando, tomando cerveja e em clima de comemoração. Os homens aparecem jogando baralho, tomando cerveja ou com espetos de carne nos dias de churrasco, sendo descritos como “assadores” ou “churrasqueiros”. As mulheres aparecem dançando, algumas, tomando cerveja, refrigerantes ou chimarrão; jogando cartas, bingo ou bolãozinho. Destaque é dado às “colaboradoras da cozinha” que são elogiadas pelos lanches, saladas e quitutes que preparam e servem aos associados.

Este jornal apresenta ainda, em cada edição, coluna que procura esclarecer os idosos sobre seus direitos, assuntos atinentes à saúde e à nutrição, e também, uma mensagem cristã. Vê-se assim, que o jornal assume também uma função pedagógica. Além disso, traz muitas propagandas de farmácias, laboratórios de análises clínicas, médicos, dentistas, fisioterapeutas, óticas, funerárias, supermercados, empresas de transporte e turismo, crédito e empréstimos para aposentados, entre outros. Isso demonstra as estreitas relações entre imprensa e consumo, cujos produtos e serviços sempre aparecem relacionados ao público a que se dirige. A publicidade demonstra a cidade como um lugar de serviços voltados para os idosos, sejam os voltados à saúde, ao turismo e lazer, sejam até mesmo os voltados à assistência funerária. O jornal se volta a esta população de pessoas mais velhas, partindo da pressuposição de que esta tende a ter uma maior disponibilidade para o consumo de tais bens e serviços oferecidos nos anúncios. Esse jornal, portanto deve ser compreendido a partir da constituição de um mercado para a melhor idade no município.

Além dos clubes de idosos, o jornal destaca as atividades da APIDEMAR, (Associação de Pioneiros e Desbravadores de Marechal Cândido Rondon), fundada em 19/05/2003. Esta associação realiza regularmente cinco encontros anuais de confraternização, e, como não tem sede própria, estes se realizam em clubes de idosos cedidos à instituição. A presidente da associação na época, Ilga Schneider, salienta: “É uma forma de se preservar a memória do município, além de ser muito gratificante, pois

é local de encontro de velhos amigos e companheiros de luta no desbravamento”<sup>280</sup>. Segundo o jornal, esta instituição “está aberta para receber novos associados, que podem ser pioneiros ou descendentes de pioneiros que chegaram a Marechal Cândido Rondon até o ano de 1964”<sup>281</sup>. Nesse sentido, portanto, o jornal contribui para reforçar determinadas visões sobre a história do município ao valorizar “o pioneiro”, valorizando os idosos a partir do seu papel como “desbravadores”.

Esse discurso pode ser percebido também nas fotografias de comemorações de bodas, junto das quais é publicado um pequeno texto histórico sobre a vida do casal, especialmente se for de “pioneiros”. É dado destaque para a data da chegada e estabelecimento das famílias pioneiras e as posteriores contribuições aos clubes e sociedades das quais participam.

O exemplar de maio de 2011 traz uma reportagem sobre a comemoração das Bodas de Zinco, 71 anos de casados, de Edmundo e Ida Lenz, que moram no interior de Nova Santa Rosa<sup>282</sup>. Ambos têm 90 anos de idade, são oriundos de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, chegaram ao Paraná em 1966 e desde então residem na mesma casa, construída por eles. As fotografias mostram o casal e as construções feitas por eles, preservadas pela família. O jornal mostra que, apesar da idade, eles levam uma vida ativa e independente, cultivando alguns produtos para o consumo.

No mesmo jornal é felicitada pelo seu aniversário, a “pioneira” Hertha Ana Kerber, pelos 85 anos de vida<sup>283</sup>. Filha de alemães, que migraram para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, ela nasceu em Santa Rosa, Rio Grande do Sul e migrou para o Paraná em 1965, depois de casada, junto com o marido e os filhos. É sócia do Clube Amizade desde a sua fundação.

Os usos de imagens e textos sobre idosos representados como “pioneiros”, portanto, está em consonância com uma memória oficial veiculada no município, que valoriza esses sujeitos.

Curiosamente, o *Jornal da Melhor Idade*, durante certo tempo, destinou um espaço em cada edição para publicar fotos dos assinantes, acompanhadas dos nomes das pessoas e dos clubes aos quais pertencem. Esta seria uma maneira de valorizá-los enquanto assinantes e compradores deste produto, que é o próprio jornal.

---

<sup>280</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 14, março de 2011, p. 01.

<sup>281</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 14, março de 2011, p. 01.

<sup>282</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 16, maio de 2011, p. 23.

<sup>283</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 16, maio de 2011, p. 20.

O jornal publica, ainda, em cada edição, parte do Estatuto do Idoso<sup>284</sup>. Conforme o responsável pela coluna, o professor Jones Luiz Otto, o intuito é “informar o idoso sobre as garantias dele”<sup>285</sup>, assegurando dessa forma que estes tenham conhecimento sobre seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Na coluna do jornal que se refere aos cuidados com a saúde, destacamos um entre os diversos artigos escritos mensalmente pela médica cardiologista especializada em geriatria, a doutora Jossimê. Num dos artigos<sup>286</sup> ela escreve sobre os cuidados em relação ao diabetes<sup>287</sup>, doença que afeta a saúde de muitos dos idosos. A linguagem usada é muito simples e clara de forma que possa ser entendida pelos leitores. Ela também enfatiza a importância do cuidado com a saúde bucal, de uma boa higiene da boca e dos dentes, lembrando que “a dentadura não deve ser trocada só quando quebra”<sup>288</sup>. Chama atenção que a médica também destaca a importância de uma boa saúde para que todos pudessem se divertir na *Oktoberfest*, festa com danças, comida e trajes “típicos” da cultura alemã realizada no município que estava ocorrendo naquele mês. A médica associa, assim, saúde e lazer, e incentiva a participação dos idosos na festa promovida pela Prefeitura Municipal.

A coluna da doutora Jossimê se aproxima de representações sociais e de concepções sobre saúde e velhice presentes na escrita de profissionais de outras áreas de saúde, esporte e lazer preocupados com a chamada “terceira idade”. Apesar das inúmeras receitas, descritas por eles, para uma vida mais longa e feliz, para esta médica: “A fórmula da juventude não existe. O que existe é a forma de viver bem”<sup>289</sup>.

A psicóloga e pedagoga Anita Liberalesso Néri, ao analisar o conteúdo de textos do jornal *O Estado de São Paulo* acerca da velhice, entende que os meios de comunicação desempenham um importante papel sobre o comportamento de indivíduos, grupos e instituições sociais. Para ela:

Os meios simbólicos – entre eles a literatura, a televisão e os jornais diários – são reconhecidos como poderoso instrumento na formação de atitudes e crenças em relação a objetos sociais, como a velhice e os

<sup>284</sup> O estatuto do Idoso, criado a partir da lei n.10.741, de 1º/10/2003, contém 118 artigos, destinados a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

<sup>285</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 14, março de 2011, p. 02.

<sup>286</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 22, novembro de 2011, p. 23

<sup>287</sup> O diabetes é uma doença metabólica caracterizada pelo aumento do nível de açúcar ou glicose no sangue e, segundo a doutora Jossimê, causa inúmeros problemas no organismo, como visão turva e catarata, ainda, afeta os rins, o coração e piora a circulação sanguínea.

<sup>288</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, Ano 02, nº 22, novembro de 2011, p. 23.

<sup>289</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 03, nº 30, agosto de 2012, p. 02.

idosos. Estudar os seus conteúdos permite conhecer as motivações que permeiam as trocas sociais em dado contexto sócio-histórico.<sup>290</sup>

Anita Néri, ao analisar os artigos, ainda percebeu que:

Os textos falam também em idosos bem-sucedidos, que são apontados como exemplos de que vale a pena o investimento pessoal na manutenção da funcionalidade física e mental, dentro dos limites permitidos pela condição humana. São enaltecidos como virtuosos e dignos os que se mantêm ativos, produtivos, envolvidos e socialmente participativos.<sup>291</sup>

Exemplos de idosos bem-sucedidos e ativos também são constantes no *Jornal da Melhor Idade*. A qualidade de vida é tema recorrente, como no artigo da nutricionista Aiessa Smaniotto, que relaciona alguns nutrientes considerados fundamentais “para aumentar a resistência e melhorar a qualidade de vida dos idosos”<sup>292</sup>. Na mesma página, para enfatizar o que diz a nutricionista, aparece, em fotografia, a coordenadora do clube da Vila Gaúcha, na sede municipal, Vera Wasem Renner de 63 anos e sua mãe, dona Amélia, de 93 anos. A última revela que “um dos segredos da longevidade” dela é a alimentação adequada, com muitas frutas, verduras e comida caseira, sem exageros. Ao enfatizar que os cuidados com a saúde e alimentação são fundamentais para viver bem e por mais tempo, o jornal procura mostrar uma preocupação com a vida daqueles que pertencem à “melhor idade”.

A assistente social da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, Ozni Giovanetti Royer, incentiva, homens e mulheres, em sua coluna mensal no *Jornal da Melhor Idade*, a participarem do concurso de “Miss e Mister da Terceira Idade” promovido pela prefeitura. Destaca os aspectos positivos destes encontros que estimulam os mais velhos a se arrumarem e se trajarem de acordo com a moda. Ela afirma que a idade avançada não seria empecilho para as pessoas cuidarem do corpo e se vestirem com roupas modernas, mais alegres e coloridas do que as de cores sóbrias, usadas pelos velhos do passado. Para ela:

<sup>290</sup> NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal *O Estado de São Paulo* publicado entre 1995 e 2002. In: **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Olga Rodrigues de Moraes Von Simon, Anita Liberalesso Néri, Meire Cachioni (organizadoras) – Campinas, SP: Editora Alínea, 2006, 2ª edição, p. 15.

<sup>291</sup> Idem. p. 29.

<sup>292</sup> *Jornal da Melhor Idade*. Marechal Cândido Rondon, ano 03, nº 30, agosto de 2011, p. 03.

Além dos cuidados que os idosos dispõem à saúde, à estética e à moda, ainda dão um verdadeiro exemplo de bem viver, quando provam para toda a sociedade que a mudança adotada nos padrões de comportamento nesses últimos anos, tem elevado a auto-estima e trazido grandes benefícios à qualidade de vida que todos almejam.<sup>293</sup>

A assistente social considera um estímulo à vida saudável a participação de idosos em atividades sociais, bem como em campeonatos ou concursos que promovam a desenvoltura e o convívio social destes.

Assim como constatamos nas páginas do *Jornal da Melhor Idade*, também a historiadora Tânia Regina de Luca, compreende que ao se referir ao estudo de periódicos, “à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos”.<sup>294</sup> A autora aponta para o fato de que:

Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.<sup>295</sup>

Através das reportagens, são mostrados exemplos de pessoas ativas que nos grupos de idosos encontraram um sentido de bem viver a velhice. O jornal da Melhor Idade se destina ao público idoso, e, ao dar visibilidade aos temas ligados aos idosos e a integração destes com a comunidade, está conferindo, através de sua força discursiva, positividade a esta fase da existência. A maior parte dos idosos que participa dos clubes de idosos é assinante deste jornal, inclusive as mulheres entrevistadas, pois assim eles se mantêm informados das atividades desenvolvidas durante os encontros.

### 3.3. Tempo de lazer e do cuidado de si

Nós temos muita amizade. Ih... se não fosse a amizade... Ter amizade é a melhor coisa do mundo, né.<sup>296</sup>

<sup>293</sup> Jornal da Melhor Idade. Marechal Cândido Rondon, ano 03, nº 29, julho de 2012, p. 03.

<sup>294</sup> LUCA, Tânia Regina de. História, dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). São Paulo: Contexto, 2005, p. 140.

<sup>295</sup> Idem, p. 140.

<sup>296</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

Dona Carmelita, no trecho acima, destaca a importância de ter um grande círculo de amigos. Ela, que já passou por muitos momentos de solidão e até de depressão, valoriza um grupo de amigos para ter uma vida mais cheia de alegria e bem-estar. A entrevistada segue dizendo, na entrevista, que ela e o marido participam do clube de idosos e também de um grupo de danças folclóricas, e, junto com outros casais, se apresentam em outras localidades. Para ela “a vida tá bem divertida agora”, na velhice, muito mais do que quando era mais jovem e não tinha tempo para se divertir. Segundo ela:

Agora mudou um pouco, né. A gente se organiza, se... Nós dançamos, nós temos o grupo de dança, a gente tem ensaio de dança, faz apresentações. Vamo pros outros municípios, sabe, né, pra apresentá. A vida tá bem divertida agora... [risos]<sup>297</sup>

Podemos perceber que mudanças positivas aconteceram nesta fase da vida de dona Carmelita. Isso também é contado pela maior parte das mulheres por mim entrevistadas. Observar estas mudanças, a partir de seus próprios olhares e perspectivas, nas atuais circunstâncias de suas vidas, é um dos objetivos deste item. Procuramos entender se, de que forma e em que medida tais mudanças se relacionam a um processo de empoderamento que se deu através da conquista da aposentadoria.

A psicóloga social Ecléa Bosi pondera que na sociedade capitalista, muitos dos velhos, esgotados de sua força de trabalho, se desesperam com a falta de sentido da vida presente. Segundo a autora, pelo fato de não poder mais trabalhar, eles se sentiriam desvalorizados. Este não parece ser o caso das mulheres por mim entrevistadas, que nesta fase de suas vidas se sentem bem, apesar de algumas limitações decorrentes da idade. Elas entendem que tem oportunidades que nunca antes tiveram, e se mantêm muito mais ativas do que os homens da mesma geração, que não saem para se divertir tanto quanto elas.

Para ter uma sobrevivência digna, Ecléa Bosi acredita que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”<sup>298</sup>. Ou seja, levar uma vida ativa, como dona Carmelita, partilhando interesses e prazeres com outras pessoas da mesma geração.

---

<sup>297</sup> Carmelita Van der Sand, 68 anos. Entrevista cedida à autora em 09/06/ 2009.

<sup>298</sup> BOSI, Ecléa. Op. Cit. p. 80.

A filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir, fez uma profunda análise crítica sobre o papel das mulheres na sociedade. Para ela, a mulher não surge por meio de um destino biológico, mas, ela é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel no seio da sociedade. É da autora uma das principais frases do movimento feminista em que diz: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A escritora afirma não acreditar que existam qualidades, valores e modos de vida especificamente femininos. Esta seria uma forma de admitir a existência de uma natureza feminina ou de conformar-se com um mito inventado pelos homens para prender as mulheres em uma condição de dependência. A autora entende que durante muito tempo, as mulheres ficaram confinadas ao papel de esposa e mãe. Para ela, ser mulher não significa para a mulher apenas se afirmar como mulher, mas, ter o direito de tornar-se um ser humano na sua integridade. Assim ela se expressa sobre o processo de envelhecimento feminino:

A idade final representa uma libertação, particularmente para as mulheres: tendo passado a vida toda submissas ao marido e dedicadas aos filhos, elas têm finalmente a oportunidade de cuidar de si mesmas.<sup>299</sup>

A conquista de maior autonomia e liberdade, decorrentes da aposentadoria e da diminuição das obrigações domésticas, levou as mulheres idosas entrevistadas a buscar oportunidades no espaço público que não tiveram na juventude, muitas vezes por falta de condições financeiras.

A necessidade de economizar estava presente na vida da maior parte das mulheres entrevistadas. Este aspecto pode ser percebido quando dona Rení comenta sobre quando era jovem: “eu fiquei sempre em casa”. A falta de dinheiro para comprar roupas e calçados para todos os membros da família fez com que apenas o marido participasse de algumas festas da igreja e da comunidade. Na sua juventude sua vida era restrita ao espaço familiar. A ela, na sua posição de mãe e cuidadora, cabia ficar em casa com as crianças, enquanto o marido na sua atribuição de “chefe da família” aparecia mais na esfera pública. Mesmo que essas aparições fossem restritas, por causa da falta de dinheiro, era o marido o que saía. Assim ela se expressa quando perguntada se participava de bailes ou festas quando mais jovem:

---

<sup>299</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1970, p. 241.

Depois de casada, no baile, não, sempre em casa. Sabe, antigamente nós seguremos tanto. A gente não tinha dinheiro e ele [marido] não queria fazer dívida. E daí, a gente tinha roupa simples, pras crianças. Eu fiquei sempre em casa. Ele, às vezes em quando foi numa festa da igreja, assim... mas eu nunca fui. Nós segurávamos tudo o dinheiro, meu Deus!!<sup>300</sup>

Agora, aposentada e com os filhos criados, novas possibilidades de participação em atividades fora de casa se apresentam na vida de dona Reni que ocupa seu tempo em atividades que em outros tempos não eram possíveis. A diferença no modo de viver experimentada por dona Reni pode também ser constatada por outras mulheres entrevistadas. O empoderamento obtido por essas mulheres nessa fase de suas vidas, como a aposentadoria e mais tempo livre, são conquistas alcançadas a partir das lutas feministas e, mesmo que elas não sejam feministas, usufruem dessa conquista.

Para a pesquisadora Alda Britto da Motta a etapa atual de vida de grande parte das mulheres idosas seria um momento “mais tranquilo, livre e feliz de suas vidas”<sup>301</sup>. Essa sensação de liberdade em grande parte é advinda pela maior longevidade das mulheres em relação aos homens e da renda proveniente pela aposentadoria. Segundo ela:

Alcançando com a velhice, um tempo de consolidação de experiências, de libertação de várias obrigações domésticas e, sobretudo, dos controles reprodutivos, vivendo um tempo social propício à mudança, alimentado pelas idéias libertárias do feminismo, estão podendo vivenciar experiências e modos de vida novos.<sup>302</sup>

Agora, com mais tempo livre e contando com seu próprio dinheiro, elas podem sair de casa despreocupadamente para se divertirem e fazerem o que gostam em companhia de outras mulheres de sua geração.

Para a antropóloga Myriam Barros, o período de envelhecimento e da aposentadoria é percebido de forma diferente entre os homens e entre as mulheres. A disposição das mulheres em participar de atividades no espaço público parece maior do que dos homens. O envelhecimento e a aposentadoria podem trazer para grande parte dos homens um sentimento de vazio e de inutilidade, pois eles foram preparados ao

<sup>300</sup> Rení Riffel, 76 anos, entrevista concedida em 17/08/2011.

<sup>301</sup> BRITTO DA MOTTA, Alda. **Gênero e envelhecimento**. Artigo de 26/09/2011, disponível em: [http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1](http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1) p. 01.

<sup>302</sup> Idem. Ibidem.

longo de suas vidas para serem produtivos através de seu trabalho. Para as mulheres acostumadas ao ambiente doméstico, este período pode representar uma libertação, um tempo de realizar sonhos e atividades que antes não seriam possíveis. A autora entende que ao sair e se distrair com grupos de amigos “outras formas de se perceber no mundo são criadas, refazendo-se concepções sobre si mesmas e sobre as relações sociais”<sup>303</sup>. Em relação à vida das mulheres aposentadas, a autora prossegue afirmando:

Ir e vir pode não se resumir só a idas a bancos para receber a pensão ou a aposentadoria, aos hospitais e aos médicos para cuidar das doenças, ou ainda, à casa dos filhos e netos para dar uma ajuda nos trabalhos domésticos. O ir e vir pode ser a busca por diferentes formas de lazer, nos bailes, nas “aulas” nas universidades da terceira idade, nos passeios e nas viagens organizados pelos grupos de atividades para idosos.<sup>304</sup>

Portanto, participar de atividades sociais e em diferentes grupos, como coral e danças no clube de idosos ou simplesmente passar as tardes jogando cartas com as amigas faz com que as mulheres se refaçam enquanto sujeito, ocupem o seu tempo e não fiquem apenas dentro de casa. A formação de grupos com idade e interesses comuns torna mais fácil o processo de socialização destas mulheres idosas.

O feminismo operou mudanças e rompeu com o enquadramento normativo que definia um suposto comportamento considerado socialmente adequado para homens e mulheres.

As mudanças na forma de viver e de encarar a vida com alegria são percebidas entre as mulheres entrevistadas que nesta fase de suas vidas esbanjam energia. Elas gostam de sair para dançar e se divertir, ainda que com algumas limitações próprias de sua idade, coisas que antes não faziam. A vida dos maridos também teve algumas alterações. Eles passaram a dividir com elas os afazeres domésticos e a respeitar a liberdade que elas conquistaram. Agora, convivem com mulheres mais independentes que através da aposentadoria tem seu próprio dinheirinho, para gastar consigo mesmas.

---

<sup>303</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 52, 2006, p.117.

<sup>304</sup> Idem. *Ibidem*.

### 3.4. Velhice: tempo de lembrar? Entre a memória e o esquecimento

Dona Irmélia procura, através de um diário, não deixar cair no esquecimento certas experiências. A entrevistada diz que registra em um diário todas as atividades e acontecimentos que considera importantes de serem preservados.

Ao narrar às gerações futuras as lembranças sobre a sua vida, afirma: “(...) mas eu tô fazendo a minha parte”.<sup>305</sup> Diferentemente das outras mulheres entrevistadas para este trabalho, é a única que teve oportunidade de concluir o antigo “segundo grau”, atual Ensino Médio. Assim ela descreve seu ponto de vista acerca da importância da escrita de si:

E aconteceu um fato muito importante, eu gosto muito de fazer o meu diário, daí eu tava sentada no consultório, fazendo, escrevendo assim, daí um “tio” olhou pra mim e falou: “A senhora tá escrevendo o seu diário?”, “Sim” eu falei, daí ele disse: “A senhora acha que daqui 20 anos alguém vai ler isso?”. Daí eu pensei um pouco e fiquei assim: “Ué, o que que ele quer dizer?”, daí eu falei: “Não, se alguém vai ler, ou não vai ler, isso eu não sei, não vou viver isso pra saber se daqui 20 anos alguém vai ler, mas eu tô fazendo a minha parte. Se algum bisneto quiser saber da vida da avó, ou da bisa, se ninguém tiver tempo pra sentar e conversar com ele [risos], pega o meu diário e olha, daí ele vai saber a vida da bisa [risos], não é verdade? Então você vai fazendo um diário, tem dias que... Lá tem... Que não tem nada, né. Então você imagina, depois quando vai ler, você imagina. Ou tava viajando e não deu tempo pra escrever, ou não tava disposta, ou tava muito bem disposta, demais e não quis escrever nada, quis fazer outras coisas [risos], ou tava doente, daí aquela parte branca, você imagina o que você quiser, então... O meu marido não gosta disso, mas eu gosto.”<sup>306</sup>

Apesar disso, para ela, é importante expressar seus sentimentos e suas emoções, sem se incomodar com a opinião alheia. A sensibilidade da entrevistada em registrar suas memórias em um diário é percebida como algo inútil e desnecessário por parte destes dois homens. Grande parte dos homens de sua geração, criados para serem fortes, corajosos e racionais, consideram isso “coisa de mulher”. A entrevistada ao citar ambos os homens, afirma, com segurança, a importância daquela prática de escrita de si.

<sup>305</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>306</sup> Idem.

O psicanalista italiano Contardo Calligaris entende que o sujeito que escreve sobre sua vida, o escrito autobiográfico, está se produzindo como pessoa através daquilo que escreve. O autor lembra que sempre se escreveram histórias e que a própria “vida é uma história”. Esta passou a ser objeto da análise histórica com base em diferentes fontes históricas, entre as quais, os diários, as biografias, as histórias de vida, os documentos, as correspondências, que guardam as evidências daquilo que foi vivido e sentido individualmente. Os romances também seriam inspirados nas histórias reais. O autor entende, assim,

(...) que a autobiografia (escrita ou simplesmente vivida) e mesmo o diário não param de buscar no repertório do *erfarhungen* narrativas que o romance vem acumulando e generosamente oferecendo como patrimônio de todos. Vivemos nossas vidas como romance e, reciprocamente, encontramos na literatura modelos para nossas vidas.<sup>307</sup>

Ao querer que sua narrativa de si seja lida depois (e talvez até publicado), dona Irmélia parece também querer fazer sua experiência a do leitor. A associação dos seus escritos com o roteiro de uma novela é o molde que ela parece ter para seu sentido de si. Ela segue sua narrativa, dizendo que fica imaginando qual seria a reação de algum dos netos ou possíveis bisnetos ao ler seus escritos no futuro. Seu sonho é ver tudo publicado em um livro. Assim ela se expressa:

Entrevistada: É, eu sempre quis escrever um livro, daí eu começava... Eu acho que eu tenho uns 4, 5 cadernos que eu começava a escrever, daí eu guardava, daí eu comprava um caderno novo, daí eu pensava: “Vou fazer tudo de novo”, mas daí de novo começava, mas não terminava.

Entrevistadora: Mas tem que terminar...

Entrevistada: Ah, mas daí eu penso, um dia alguém vai juntar tudo e vai fazer isso, quando a gente não tiver mais aqui, se alguém não tiver o que fazer. [risos]<sup>308</sup>

Esse “arquivamento do eu”, em forma de diário, escrito por dona Irmélia, no qual foram selecionados alguns elementos da vida considerados importantes, tem a função de fazer refletir sobre a própria vida, entender um pouco melhor a si mesmo. Segundo o historiador francês Philippe Artières:

<sup>307</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.10, n.19, 1997, p. 91.

<sup>308</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si e de resistência.<sup>309</sup>

Dona Irmélia espera deixar o diário como um legado a seus descendentes, e, dessa forma, não deixar morrer com ela a história de sua vida. É uma maneira de resistir ao tempo. Enfim, é ver sua identidade reconhecida e preservada ao chegar a um futuro leitor. Nesse sentido, Philippe Artières afirma que:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte.<sup>310</sup>

Dona Irmélia, em sua narrativa, segue dizendo que tudo o que tem escrito durante estes anos são registros de fatos e acontecimentos baseados na vida real que pretende transmitir para as gerações posteriores de sua família. E, me deixou muito feliz ao dizer: “É, quem sabe um dia você não vai ser a primeira a ler o diário, que o homem achou que ninguém ia ler”<sup>311</sup>. Essa afirmação remete, não somente a um sentimento de confiança e identificação com a entrevistadora, também mulher e conhecida, como também, explicitamente, à diferença que estabeleceu em relação ao homem citado anteriormente.

A entrevistada, em sua narrativa, afirma registrar apenas os fatos, considerando ser impossível descrever também seus sentimentos e as emoções do vivido:

Então, porque eu sempre penso assim, se eu tivesse escrito todos os dias, né, só o mínimo assim, né, e mandasse ajeitar essas escritas, o livro tava pronto e o roteiro de novela também. Eu sempre avisava os meus filhos, que eu quero fazer uma herança pra eles, que eles possam depois vender o roteiro da vida da avó [risos] pra fazer uma novela, daí quem sabe, eles não tem a herança. Porque as novelas não eram...

Entrevistadora: Baseados na vida real.

Entrevistada: Na vida das pessoas, por isso que dá pra deixar registrado.

<sup>309</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p. 11.

<sup>310</sup> Idem. p. 32.

<sup>311</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

Entrevistadora: E sempre alguém se interessa

Entrevistada: Se observa as novelas profundamente, sempre da vida de alguém... e ele [autor]tira isso de algum lugar, porque...

Entrevistadora: Ninguém imagina tudo, né

Entrevistada: Ninguém pode, pelo menos eu não consigo imaginar tanta coisa, eu escrevo o que eu vi, nem tudo, tudo, tudo não vai. Os sentimentos, as emoções. Interessante isso.<sup>312</sup>

As anotações feitas por dona Irmélia sobre acontecimentos de sua vida podem ser entendidas como uma arte da narrativa. Walter Benjamin, filósofo e escritor, analisou a arte da narrativa em *O Narrador*, acreditando que o que é narrado por ele é incorporado à experiência do ouvinte: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”<sup>313</sup>.

O autor segue afirmando que “as experiências estão deixando de ser comunicáveis”<sup>314</sup> devido ao isolamento em que vivem as pessoas na sociedade moderna e a predominância das informações jornalísticas que circulam rapidamente e enfatizam as transformações que ocorrem na sociedade capitalista. Porém, para ele, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”<sup>315</sup>.

A filósofa Jeanne-Marie Gagnebin, ao interpretar a vida e a obra de Walter Benjamin, destaca que para este autor, a narração seria “a arte de contar, sem a preocupação de ter de explicar tudo; a arte de reservar aos acontecimentos sua força secreta, de não encerrá-los numa única versão”<sup>316</sup>. Ou seja, ao retransmitir sua experiência, Benjamin considera que “o relato do narrador permanece irreduzível a interpretações posteriores, capaz por isso mesmo de provocar surpresa e reflexão mesmo depois de muitos séculos”<sup>317</sup>.

É o que pretende também dona Irmélia com sua narrativa. Ela conta que sempre gostou de escrever e começou a tomar gosto pela escrita, depois de ter sido

<sup>312</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>313</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume I. Editora Brasiliense S.A. São Paulo – SP.1985. p.201.

<sup>314</sup> Idem. p.200.

<sup>315</sup> Idem, p.198.

<sup>316</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Walter Benjamin**. Os cacos da história. 2ª edição, 1993. Editora Brasiliense. São Paulo – SP. p.59.

<sup>317</sup> Idem, p.59-61.

elogiada por uma cunhada, do Rio Grande do Sul, com quem se correspondia habitualmente. Assim ela conta como era sua forma de contato com os familiares que moram no Rio Grande do Sul:

Mas eu sempre gostei de escrever, sabe, de xeretar principalmente, porque eu tenho uma cunhada, em Ijuí, ela é diferente da gente, assim, ela parece uma moça tímida... Uma coisa assim, ela é diferente, mas muito querida. Então ela sempre me elogiava, que ela gostava. Que antigamente, você não telefonava, você escrevia uma cartinha, recebia um bilhetinho, quando uma visita vinha trazia um recado, né, era a comunicação. Então eu sempre escrevia pra minha família, escrevia pro meu pai, minha mãe e pra toda a minha família, escrevia assim pra eles e todo mundo ia lá ler, sabe.<sup>318</sup>

Podemos observar que para dona Irmélia a carta não era apenas uma forma de comunicação com a família, mas também uma forma de incentivar a cunhada, segundo ela, uma moça tímida, a participar de maneira mais ativa do convívio familiar.

Nesse sentido, destacamos as considerações da historiadora Teresa Malatian, para quem os escritos autobiográficos seriam atividades de introspecção nas quais “o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”<sup>319</sup>. E as cartas, seriam uma maneira de “refletir e falar sobre si”<sup>320</sup>. Ao ser trocadas, estas além das informações contidas, expressavam os sentimentos e as emoções da pessoa que a enviava a seu destinatário. Sobre isso ela afirma:

Não raro, as informações eram acrescidas de fotos, recortes de jornais, flores secas, mechas de cabelos e outros objetos de *memorabilia*, fragmentos do vivido materializados e ofertados em relicário ao correspondente.<sup>321</sup>

Teresa Malatian considera que com o avanço da tecnologia as cartas perderam espaço para novas formas de comunicação e informação. O que também pode ser constatado quando dona Irmélia, ao ser perguntada sobre seu relacionamento com os filhos e netos, destaca a importância atual do telefone celular para manter um contato constante com os familiares que estão longe. Ela compara o tempo passado em que as pessoas se comunicavam através de cartas, diferentemente do tempo presente em que as

<sup>318</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

<sup>319</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O Historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (org.). 1 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 195.

<sup>320</sup> Idem. p. 196.

<sup>321</sup> Idem. p. 200.

peessoas se comunicam através do telefone. Ela tem duas filhas que moram nas proximidades de sua casa, e convive com elas e os netos diariamente. Mas o único filho homem mora no Rio Grande do Sul e ela pouco o vê, além de um neto que mora no Mato Grosso, com o qual se comunica também através de “cartinhas”, que gosta de escrever. Assim ela narra:

Entrevistadora: Mas vocês se falam sempre?

Entrevistada: Sempre, sempre assim. Agora com esse negócio de celular tá tudo mais fácil, antigamente nós se comunicava menos, né, mas agora com esses celular... Antigamente eu fazia cartinha, eu gosto muito de escrever cartinha. [...] As vezes eu ainda faço, eu tenho um neto que mora no Mato Grosso, pra ele eu escrevo, porque ele tem 10 aninhos, e daí a gente fala no telefone, mas ele vai embora ali do telefone e esquece, e já não lembra mais o que a vó falou, né, então se ele tem a cartinha, ele pode no outro dia, senta lá e olhar quando ele lembra da vó de novo, ele pode dizer: “Ah, a vó não escreveu mais, então eu vou olhar a carta velha”. Então eu acho assim, bem...

Entrevistadora: E ele escreve pra senhora também?

Entrevistada: Ele escreve, mas como lá as escolas não são mais assim, pra frente, né, então ele não tem aquela coisa pra frente, um... Pela idade que ele tem, ele podia ta mais adiantado, mas ele escreve, ele liga. Ele sempre quer vir aqui, mas é tudo muito difícil, né, tanto pra ele, quanto pra nós, se nós tivesse condições, pagava passagem pra ele e pra mais uma pessoa, porque ele não pode viajar sozinho e a mãe dele trabalha, então é mais complicado, né. Mas ele liga, a gente liga pra ele, mas eu escrevo as cartinhas, daí pra ver o que que dá isso. A noção da cara dele. [risos] Por isso que eu digo, se eu falo no telefone, ele esquece logo, né, assim se ele vai ler a cartinha, não, ele vai lembrar: “Opa, olha ali o que a vó escreveu”.<sup>322</sup>

Dona Irmélia, como avó, ao escrever as “cartinhas” para o neto e esperar que ele as guarde como uma lembrança dela pode ser considerada uma mediadora entre as gerações passadas e futuras de sua família. A carta é, para ela, também uma forma de exercer o seu papel de professora com o neto. Ela se preocupa com a educação dele. O uso da antiga forma de comunicação à distância (a carta) para manter um vínculo com uma nova geração (o neto), apesar do celular; a preocupação de que o neto não esqueça o que disse e a valorização da cultura escrita, em detrimento da oral, é algo muito importante para ela e que podemos associar à sua profissão de professora.

Para a antropóloga Myriam Moraes Lins de Barros as mulheres da família, especialmente as avós, assim como dona Irmélia, ao guardar as lembranças familiares como fotografias, diários e objetos que são passados de uma geração a outra exerceriam

<sup>322</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

o papel de guardiãs da memória familiar além de estabelecerem a ligação entre o passado vivido e as lembranças das gerações futuras. A autora entende que os avós são “apresentados como elo vivo entre gerações, os mediadores transmitem a história de um passado vivido e experimentado”<sup>323</sup>. A autora considera que a transmissão dos chamados bens simbólicos, como móveis e objetos familiares, diários e fotografias “não são apenas partes de um passado, mas símbolos da família, dos laços e descendência, que podem ser transcritos como bens que contêm uma história”<sup>324</sup>. Assim, ao preservar e transmitir as memórias do que viveu e sentiu através das anotações de seu diário dona Irmélia representa “a união entre seus antepassados e seus descendentes”<sup>325</sup>.

Para muitos idosos, assim como para dona Irmélia, a velhice é um tempo de nostalgia, em que afloram as lembranças de tudo o que foi vivido em épocas passadas. Apesar das inúmeras conquistas e da participação dos idosos em diferentes atividades no âmbito social, ainda prevalecem nas mulheres entrevistadas as lembranças de encontros e de comemorações familiares. Seria a velhice um tempo de curtir a família? Ou, seriam as lembranças de um passado cheio de dificuldades e muito trabalho um incentivo para aproveitar cada oportunidade que a vida lhes oferece?

### 3.5. Velhice e família

A família sempre foi a principal referência na vida destas mulheres. Embora elas considerem importante e valorizem o aspecto afetivo presente no grupo familiar, a sua existência já deixou de significar uma vida restrita ao lar. Percebemos através das suas narrativas orais que o que mais querem, e precisam, durante o processo de envelhecimento é viver em um ambiente em que recebam amor, carinho, atenção e respeito, não só dos membros da família, mas de toda a sociedade.

Simone de Beauvoir, em seu livro sobre o processo de envelhecimento, criticou a atitude da sociedade para com os velhos. Ela declara que:

Homem algum deveria chegar ao fim da vida solitário de mãos vazias.  
Se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por todas

---

<sup>323</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 2, n.3, 1989. p.33.

<sup>324</sup> Idem. p.35.

<sup>325</sup> Idem. p.33.

para ser, logo em seguida, esquecido, se fosse, pelo contrário, prática e viva, e se o indivíduo com seu auxílio pudesse agir sobre seu ambiente, de uma maneira que se iria realizando e renovando no decorrer dos anos, ele poderia ser em todas as idades, um cidadão ativo e útil.<sup>326</sup>

A sensação de pertencer, fazer parte de um grupo, tanto em atividades públicas quanto privadas como as reuniões familiares, é extremamente salutar. Através de suas narrativas, a maior parte das entrevistadas revelou ter uma boa integração com seus familiares e contatos freqüentes com os mais próximos. Estar em companhia dos filhos e netos adquire um valor especial na velhice. É o que se percebe quando dona Maria Adélia lembra da alegria que sentiu quando viajou em ônibus contratado com a família para o Rio Grande do Sul, para participar de uma festa da família. Apesar de ter que ficar sentada com os pés levantados, por conta de uma trombose, ela se sentiu feliz e confortável por que durante a viagem havia música e dança no espaço limitado do ônibus para alegrar a todos. Quando perguntada se gosta de viajar, ela respondeu:

Eu? Gosto, eu gosto. E olha, agora quando nós fomos pra Rio Grande, nós viajemos com ônibus de 2 andares, que nem se nos sentava na cama, eu tinha na frente 4 colchão, na minha frente no banco, 4 colchão e mais ainda uma cesta e um travesseiro e, daí eu tinha o pé em cima deitado e, quando eu cheguei em casa eu nem sentia mais nada com minha trombose, nada. Que ótimo, que legal, né. É tanto tempo, né, tantas horas o pé erguido, né. E todo o mundo, ninguém, ninguém ficou triste ou ninguém não ficou mal, nos tinha de noite um disco na frente no ônibus, ele tocava, minha gente do céu, até as mulher se levantava e dançava dentro do ônibus. Olha, foi tão feliz, tão feliz, tão feliz, aí a volta, muito feliz.<sup>327</sup>

É perceptível na sua narrativa, a alegria que ela sentiu ao viajar com a família e ao ver todos se divertindo, pois compartilhar atividades ajuda a manter os laços afetivos com os demais membros da família. Esse sentimento de pertencimento a todo um grupo familiar, fez com que os incômodos da viagem fossem esquecidos e as boas lembranças destes momentos ficassem registrados na sua memória. Ela se alegra com a expectativa de uma nova viagem para Santa Catarina com toda a família para o casamento de um dos netos:

<sup>326</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1970, p. 302.

<sup>327</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/2011.

Entrevistada: E agora nós vamos fazer, o mês que vem, uma viagem de novo pra Santa Catarina, e, a Maria [filha] tem o casamento do seu filho Diego, né e vai o mesmo ônibus que levou agora nós e vai tudo nós de novo.

Entrevistadora: Vai toda a família?

Entrevistada: Aham vai os amigos, os amigos e as amigas, é, vai ser muito legal. (...) Com essa idade muita gente, muita gente falava: “Paulo [filho], sei lá, porque teus pais com essa idade gostava de viajar”. O Paulo disse que essa não foi a última vez. Eu também acho.

Entrevistadora: É tão bom, né?

Entrevistada: É. Deus me livre! Olha, o que que a gente querem mais, né? O que que tu gosta mais de fazer, do que ver a tua cidade né, onde tu nasceu, onde tu cresceu, foi no dentista e tudo, né. Olha isso é tão legal, ninguém não sabe como, é muito, muito, muito legal.<sup>328</sup>

Dona Maria Adélia se emociona ao mencionar a viagem ao lugar em que viveu sua infância em companhia de seus familiares. Para ela foi uma experiência indescritível. Assim como também foi a festa que os filhos prepararam para comemorar suas Bodas de Ouro. Ela guarda com carinho o álbum com as fotografias em que aparecem alguns de seus familiares já falecidos. Ao ser perguntada sobre as boas lembranças de sua vida, ela assim se referiu a este momento:

Ah, isso eu tenho que ir buscar o meu álbum que eu casei com [há] 50 anos, aí tu pode ver alguma coisa. Deus me livre... E a filha queria fazer pro ano que vem de novo, eu falei que eu não quero, mas eles querem fazer.<sup>329</sup>

Lembranças de encontros familiares são importantes na vida destas mulheres. Os álbuns de fotografias, guardados com carinho, e os porta-retratos, espalhados pelos móveis, revelam este aspecto.

Sobre os processos de construção e transmissão de uma memória social, a historiadora Helenice Rodrigues da Silva, baseada no sociólogo francês Maurice Halbwachs, afirma que, sendo uma construção social, “a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Vale dizer, a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva”<sup>330</sup>.

Na memória de dona Rení também ficaram registradas as lembranças das comemorações de datas festivas como aniversários, dia das mães e dia dos pais. Na

<sup>328</sup> Maria Adélia Lerner Griebeler, 79 anos. Entrevista cedida à autora em 13/09/2011.

<sup>329</sup> Idem.

<sup>330</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n.44, 2002, p.427.

estante de sua sala estão presentes as fotografias que retratam estas comemorações. O convívio com filhos e netos, que fazem parte do seu cotidiano familiar, assim como o fato de que segundo ela, todos “são muito bom pra nós”, é importante nesta fase de sua vida. Conforme sua narrativa:

Entrevistada: E agora nós já temos 54 anos [de casados] e os filhos tudo...

Entrevistadora: Os filhos moram aqui perto?

Entrevistada: Não, 2 moram em Toledo, 1 mora em Nova Mutum, Mato Grosso e o filho mora em Iguaporã e 2 filhas moram aqui.

Entrevistadora: Vocês se vêem então seguido? Se visitam?

Entrevistada: Sim, sim, nossa, nossa!!! Ih... E se tu vê, olha... O filho, ele não podia vim, domingo, Dia dos Pais, ele tinha festa lá em Iguaporã, ele tinha que ajudar na festa. E dali ele me ligou no rádio [telefone], pra mim ontem. Deu “meus parabéns” pra mim. E daí a filha que mora ali, o marido dela, ele é bombeiro e ele tinha que trabalhar domingo, mas e daí domingo de noite, ela tem 3 menina, tem gêmeas, e daí ela, as meninas e os namorado vieram aqui. E a filha que mora aqui, a Noeli, também tavam aqui de noite. E de dia nós tava na casa da filha, da Noeli. Porque ele também tem os 2 filhos casados eles também queriam vim em casa, lá no pai e nós daí. E segunda, daí as 2 filhas de Toledo vieram pra cá, porque domingo elas também tinha Dia dos Pais em casa. Daí eles chegaram aqui. Mas, olha... Os filhos são 100% pra nós. Deus me livre!! Eles não sabe o que que eles é pra você. Ele [marido] falou nos temos que manda fazer mais guarda roupa. Tanta coisa eles compram pra nós. Meu... Ele sempre já fala: “Pra quê, pra quê? Nós já temo demais.” Mas, temo de aceitar, né. São muito bom pra nós.<sup>331</sup>

O tempo de velhice é para mulheres como dona Reni, dona Irmélia e também para dona Maria Adélia, junto com seus respectivos maridos, um tempo de curtir a família. E através das suas narrativas que elas destacam a importância de poder usufruir deste tempo precioso junto com a família. Tempo, que, todos os seres humanos deveriam também poder contar no final de sua existência.

Percebemos nas narrativas das mulheres entrevistadas que elas relacionam fatos de suas vidas com datas e acontecimentos familiares. Permanecem vivas em suas memórias, as lembranças boas, de festas e comemorações, estando legadas ao esquecimento as lembranças de acontecimentos traumáticos e negativos. A esse respeito, o filósofo Paul Ricoer lembra que,

(...) o esquecimento reveste-se de uma significação positiva na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação

<sup>331</sup> Reni Riffel, 76 anos, entrevista concedida em 17/08/2011.

vinculada à idéia do passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança.<sup>332</sup>

O filósofo segue sua reflexão a respeito do esquecimento de lembranças, afirmando:

(...) o esquecimento de impressões e de acontecimentos vivenciados (isto é, de coisas que sabemos ou que sabíamos) e o esquecimento de projetos, que equivale à omissão, à negligência seletiva, revelam um lado ardiloso do inconsciente colocado em postura defensiva.<sup>333</sup>

Portanto, para o autor, “(...) antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”<sup>334</sup>.

Neste sentido, de não ser possível lembrar de tudo, e de que a memória seleciona aquilo que deve ser lembrado e aquilo que deve ser deixado ao esquecimento, perguntamos se o esquecimento não seria um recurso, usado pela memória destas mulheres, para selecionar apenas os aspectos positivos do passado vivido por elas.

### 3.6. “Tanta vontade eu tenho de viver”

Eu não me acho velha, eu sempre falo pras meninas: eu não acho que tenho essa idade, tanta vontade eu tenho de viver.<sup>335</sup>

É expressiva a frase acima, de dona Rení, que demonstra sua vontade de viver. Ela está com 76 anos, aproveitando as oportunidades que a vida lhe oferece, e, quando perguntada sobre o que significa para ela estar nesta idade, respondeu:

A idade... Eu não me espero de morrer, eu me acho sempre... Eu não me acho velha, eu sempre falo pras meninas: eu não acho que tenho essa idade, tanta vontade eu tenho de viver. Eu... Claro, se é a hora, Deus chama. Mas eu nunca penso em morrer.

Entrevistadora: E pra senhora, o que significa envelhecer?

Entrevistada: Ah... Normal, é normal. Claro a gente cada dia... esses dia quando me deram os parabéns [no aniversário], eu falei: “pena que eu

<sup>332</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. p.451.

<sup>333</sup> Idem. p.454.

<sup>334</sup> Idem. p. 455.

<sup>335</sup> Rení Riffel, 76 anos, entrevista concedida em 17/08/2011.

fico cada dia mais velha”. Mas é normal. Porque no começo, isso faz uns 4 anos mais ou menos, quando os filho tudo tava em casa [reunidos], daí eu falei: “O que vocês acha se nós vamos comprar, como se fala ainda? Lá no cemitério, um lugar pra nós?” “ Ah não!”, o genro falou, “A vó não, a vó não, depois ela só olha, vai lá e chora. E tô contente agora que nós temo tudo pago”. Agora eles, depois mais, eles liberaram, podem então comprar um. Mas só um lugar, o buraco nós temos... Mas eu... Aquele genro achou que eu assim, fica muito preocupada e só vai no cemitério. Tá certo que nós temo que ir nesse lugar.<sup>336</sup>

Para dona Reni “é normal” envelhecer e morrer. Ela não separa a vida em fases, mas como algo contínuo, diferente das classificações que a sociedade faz em que a vida seria dividida em fases distintas como a infância, a juventude, a maturidade e a velhice. Embora ela tenha dito que nunca pensa em morrer, ela associa o seu envelhecimento com a morte próxima. E deixa as preocupações relativas à morte de lado, crente de que a sua hora chegará conforme a vontade de Deus. Ela se preocupou em convencer os filhos a comprar “um lugar” no cemitério, ainda que seus familiares, inicialmente, tivessem sido resistentes à idéia. Esta preocupação em comprar um túmulo é comum entre os agricultores da região, pequenos proprietários, que carregam consigo a preocupação em não dar trabalho e nem de gerar gastos financeiros aos filhos. A certeza de que um dia a morte chegará, faz com que ela, agora, diga estar contente por já ter o lugar no cemitério onde ela e o marido esperam ser sepultados depois da morte.

A preocupação com o envelhecimento e a finitude da vida nos faz lembrar das considerações do sociólogo alemão Norbert Elias, o qual contava com 86 anos de idade, quando produziu um texto em que explora a temática a respeito do processo de envelhecimento e da morte. A respeito de sua própria experiência de envelhecimento, o autor afirma: “agora que estou velho sei, por assim dizer, pelo outro lado, quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia-idade entender a situação e a experiência dos velhos”<sup>337</sup>. Para o autor:

Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as

<sup>336</sup> Rení Riffel, 76 anos, entrevista concedida em 17/08/2011.

<sup>337</sup> ELIAS, Norbert. **Envelhecer e morrer**: alguns problemas sociológicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 81.

peças de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à idéia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível.<sup>338</sup>

A obra do sociólogo é vista como uma importante contribuição para os saberes sobre o envelhecimento, tanto na área da saúde quanto na das ciências sociais. Afinal, era um intelectual idoso que falava, marcado, ele próprio, pelos sinais da velhice.

Dona Dora de 76 anos, também falou de sua experiência neste processo de envelhecimento, quando perguntada sobre o que significa para ela estar nesta idade, distinguindo sua opinião sobre o próprio envelhecimento a partir do critério saúde:

É bom, a gente viveu bastante tempo, significa bem. Se não fosse muito a doença, seria ótimo, né.

Entrevistadora: O que significa para a senhora envelhecer?

Dona Dora: Não é muito bom não. Enquanto que você tem saúde, a velhice é boa, mas depois que tu não te comanda mais sozinho, não é muito bom.<sup>339</sup>

Por um lado, a entrevistada considera tudo o que vivenciou como algo positivo, porém, por outro lado, vê como negativa a fase da velhice com doenças, que impedem a sua autonomia e torna necessária a dependência em relação a outras pessoas. No seu caso, ela, que tinha uma vida autônoma, dirigia seu próprio carro, depois de sofrer uma cirurgia para retirada de um tumor na cabeça, foi proibida de dirigir. Agora ela depende da disponibilidade de algum membro da família para levá-la aos locais em que precisa ou quer ir. Ao ser perguntada se visita muito os filhos, ela diz:

Ai, tá difícil, mulher, como é que eu vou visitar se não posso dirigir, né. A Isolde [filha] tem também suas obrigação, né. O Amadeu [neto] precisa também trabalhar, né. De dirigir eu tô a 13 anos sem dirigir, então em qualquer lugar que eu vou, preciso chamar um [alguém]. De a pé também não dá para ir, né. Mas vai se levando a vida, né. Mas é difícil. Essa semana passada o Amadeu disse assim pra mim, ele ligou: "Oh vó, tu te arruma, porque meio dia eu venho." Eu disse: "Mas porque tu quer vim de meio dia aqui?" Ele disse: "Ah, vamos para Mercedes [na colônia]. Fica arrumada e nós vamos." Ele veio e nós fomos<sup>340</sup>.

<sup>338</sup> ELIAS, Norbert .Op. Cit. p. 80.

<sup>339</sup> Dora Kolm, 76 anos. Entrevista concedida à autora em 08/08/2011.

<sup>340</sup> Idem.

Dona Dora, revela, em alguns aspectos da vida, que ela tem poucas ilusões em relação à sua velhice. Ao mesmo tempo em que se alegra quando é chamada para sair a passeio, ela se entristece porque sabe que depende de alguém que se disponha a levá-la para passear. A perda da independência e da autonomia para tomar algumas decisões, mostram a ela aquilo que a escritora Simone de Beauvoir constatou, que a velhice traz uma libertação em relação às ilusões, ou seja, a vida deve ser vivida conforme se apresenta a cada dia.

No livro, *A velhice*, a filósofa francesa Simone de Beauvoir escreveu que muitas vezes o idoso é subestimado em sua capacidade de resolver seus problemas e tratado como um objeto incômodo e inútil. A pensadora entende que os mais jovens se sentem divididos nos sentimentos e também nas relações que têm com os idosos, porque mesmo respeitando os mais velhos na sua condição de pai, mãe, avô ou avó, algumas vezes eles são tratados como uma espécie de ser inferior, tirando deles suas responsabilidades ou tratando-os como culpados por sobrecarregar de compromissos os filhos ou netos. Sobre isso a filósofa se expressa:

A velhice pode representar uma libertação também no plano intelectual: ela nos livra das ilusões. Traz uma lucidez acompanhada de um desencanto muitas vezes amargo. Na infância e na juventude, a existência é vivida como uma ascensão; nos casos favoráveis – seja pelo progresso na profissão, seja por intermédio das alegrias colhidas na educação dos filhos, ou pela elevação do padrão de vida, ou ainda pelo enriquecimento dos conhecimentos – persiste na maturidade esta idéia de ascensão. Descobre-se de repente, que já não se está indo para lugar nenhum, a não ser para o túmulo.<sup>341</sup>

Portanto, a autora considera que a velhice, algumas vezes, vem acompanhada de um desencanto com a realidade da existência. Já não existem ilusões, resta apenas encarar a dura realidade da finitude da vida. Nesse sentido, de uma certeza que leva a todos os seres humanos para o lugar derradeiro, que é o túmulo, considero importante destacar a análise feita pela filósofa:

O contexto social influencia o relacionamento do velho com a morte. Em algumas sociedades, uma população inteira pode se entregar ao aniquilamento, cheia de indiferença, por miséria fisiológica ou por terem as circunstâncias destruído o seu gosto pela vida: a morte neste caso, não constitui problema para ninguém. Noutras, ela é cercada por um ritual que a valoriza a ponto de fazê-la parecer desejável – embora a

---

<sup>341</sup> BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit. p. 244.

alguns indivíduos agradasse escapar-lhe. Não se apresenta com a mesma fisionomia nas sociedades industriais modernas. Existe, entretanto, na morte, um elemento trans-histórico ao destruir-nos o organismo, ela elimina nosso ser no mundo.<sup>342</sup>

As mulheres entrevistadas fazem repensar estas construções sociais e históricas sobre a velhice. Elas mostram que não se deixam enquadrar nos marcos etários estabelecidos pela legislação previdenciária que classifica como idoso e estabelece como idade padrão para o recebimento do benefício de aposentadoria a idade de 60 anos para as mulheres e 65 anos para os homens. Elas continuam ativas. A história oral nos permite romper com os marcos estabelecidos e adentrar numa nova dimensão de entendimento sobre a questão do envelhecimento.

Ao investigar sobre o significado do envelhecimento para estas mulheres, pensei que este período seria uma nova etapa na vida delas, mas, elas me mostraram algo diferente. Ao ouvir os diferentes pontos de vista relatados por elas, percebi que elas não se sentem velhas, e não agem como os velhos tradicionalmente considerados em um período de perdas, incapazes de gerir a própria vida, sem vida social ativa. Ao contrário, agora aposentadas e morando na cidade, estas mulheres vivem novas experiências sociais, exploram novas formas de lazer e diversão, sozinhas ou em companhia de seus maridos. Através do seu jeito alegre de viver, elas têm atitudes que procuram destacar os ganhos e não as perdas adquiridos com o avanço da idade.

O que também pode ser constatado no sentido que dona Irmélia, 72 anos, dá ao envelhecimento. Assim ela se expressa:

Envelhecer pra mim é normal, é uma coisa, uma fase da vida que chega pra todo mundo e eu não tô achando diferença, assim. O fato de a gente não ter a saúde, eu já nem tinha tanta idade, eu nem tinha fôlego nenhum. [risos] Pra mim isso é uma coisa que quando você nasce, você cria juízo, você sabe que vai ser assim. Então ninguém pode dizer: “Ai, será que eu tô velho, será que eu tô ficando velho”. A gente brinca às vezes: “Ai, será que tô ficando velha”. [risos] Mas eu acho isso um fato normal, automático da vida que, né. É como a gente que tem que comer para sobreviver. [risos]<sup>343</sup>

Para dona Irmélia o envelhecimento é um processo natural, observado desde a infância pelo convívio com os demais membros da família que envelheceram anteriormente. Não existiria uma ruptura que sinaliza o fim de uma fase da vida e o

<sup>342</sup> BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit. p. 186.

<sup>343</sup> Irmélia Drews Schmitt, 72 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/10/2011.

início de outra. Ele simplesmente acontece na vida de todos os seres humanos. É inevitável.

Levando em conta que o envelhecimento é um “processo inevitável”, a escritora e feminista francesa Simone de Beauvoir, em suas reflexões, assim se expressa sobre a velhice:

A velhice não é a conclusão necessária da existência humana. Nem sequer representa, como o corpo, aquilo que Sartre qualificou como sendo “a necessidade de nossa contingência”. Muitos animais morrem – como certas libélulas – depois de se reproduzirem e sem passar por um estágio degenerativo. Todavia, o fato do organismo humano sofrer uma involução depois de transcorrido um certo número de anos, constitui uma verdade empírica e universal. O processo é inevitável. Ao cabo de certo tempo, acarreta uma redução das atividades do indivíduo e, com muita frequência, uma diminuição de suas faculdades mentais e uma alteração em sua atitude com relação ao mundo.<sup>344</sup>

As noções de velhice de Simone de Beauvoir são diferentes das mulheres por mim entrevistadas. A escritora ao envelhecer passou por grandes perdas que a levaram ao recolhimento, enquanto que as mulheres entrevistadas, ao contrário, passaram a viver com mais autonomia e se empoderaram. As mulheres entrevistadas falam de lugares e posições diferentes da escritora, portanto, vivenciam de forma diferente a velhice.

Dona Valéria, 71 anos, viúva, respondeu com bom humor quando perguntada sobre o significado do envelhecimento. Ela, que quando mais jovem esteve doente, nesta fase de sua vida comemora com alegria o fato de estar bem fisicamente. Quando perguntada sobre o que significa estar nessa idade, ela assim responde:

Eu nem acho que tô tão velha já assim. [risos] Eu me acho até nova. Nunca pensei que eu ia chegar nessa idade, quando eu era mais nova, né, por causa de doença. Eu tava sempre doente assim, quando eu era mais nova, e agora, ih... Esses tempos passam voando, né, a gente nem pensa que eu já tenho essa idade. [risos]<sup>345</sup>

Na seqüência, ela segue falando sobre como percebe o seu próprio processo de envelhecimento e também o de outras pessoas, entre as quais, sua irmã e amigas:

<sup>344</sup> BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit. p. 298.

<sup>345</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

Entrevistadora: A senhora acha, então, o que é pra senhora envelhecer? O que significa envelhecer pra senhora?

Entrevistada: Olha, se isso continua como eu tô agora, eu acho que não tem muita diferença, nada. [risos]

Entrevistadora: É bom?

Entrevistada: É bom, é. Mas a gente tem, eu tenho muitas amigas, que tão agora com essas doenças nova, que tem agora, né, pode ser que essas doenças, esses... Alzheimer, né. Tudo é triste ter uma coisa assim, né. Mas eu acho também, não é por causa da idade, porque tem gente mais nova que já tão com isso, né. Isso é triste, mas se isso continuar assim, como muitos... Minha irmã tem oitenta ano, ela também não acha que ela já tem oitenta. [risos]<sup>346</sup>

Dona Valéria valoriza os aspectos de sua independência atual, em que pode sair quando quer e tomar conta de sua própria vida. O que mais a assusta em relação ao futuro é perder essa independência e isso viria necessariamente com a doença, conforme observou que aconteceu na vida de algumas amigas. A saúde e a autonomia para realizar suas atividades cotidianas, são alguns dos aspectos mais importantes na vida de homens e mulheres idosos. Estes aspectos estão em concordância com as observações feitas pela antropóloga Myriam Moraes Lins de Barros nas entrevistas que realizou com mulheres aposentadas. Segundo ela:

A velhice que as mulheres temem é a velhice da perda de consciência de si mesmas como ser pensante e independente e como pessoa capaz de deliberações e de responsabilidade pelas atitudes tomadas. Nesse sentido, a arteriosclerose passa a ser temida, porque traz o fim da missão e, mais que isso, o fim da própria vida.<sup>347</sup>

Levar uma vida independente e saudável para poder desfrutar das inúmeras alternativas que o viver na cidade lhes possibilita são os desejos da imensa maioria das mulheres e dos homens em fase de envelhecimento e também das minhas entrevistadas.

Percebemos, através de suas narrativas, que o envelhecimento se manifesta de maneira diferente para cada pessoa. Nem todos os órgãos do corpo humano envelhecem do mesmo modo e ao mesmo tempo. O corpo é marcado por um declínio gradual de várias funções biológicas, que afetam a pessoa do ponto de vista funcional com o passar dos anos. Através de seus depoimentos, entendemos que para elas, o envelhecimento é

<sup>346</sup> Valéria Wagner Armanje, 71 anos. Entrevista realizada pela autora em 04/11/2011.

<sup>347</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Organizado por Myriam Moraes Lins de Barros, 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 165.

um processo natural que marca a passagem do tempo sobre o corpo humano. Bem humoradas, elas entendem que a nossa vida neste mundo é passageira, apesar dos problemas de saúde que se acentuam naturalmente com o aumento da idade.

Assim, considero que através das narrativas das mulheres entrevistadas podemos visualizar as diferentes maneiras que elas têm de ver o próprio envelhecimento e de como elas se percebem neste processo. Muito embora algumas destas mulheres marquem um antes e um depois da aposentadoria (pois assim “ganham tempo” livre), o envelhecimento é um processo em curso. Quem estabelece marcos, fases da vida, “terceira idade”, ano limite para a aposentadoria é a sociedade, a legislação e a mídia. Elas constroem sua identidade baseadas nas próprias experiências de vida. Ao refletir sobre suas experiências e vivências passadas, elas nos provocam a não fazer apenas uma leitura acadêmica sobre suas narrativas orais. Elas ensinam sobre a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho foi baseada em narrativas orais de mulheres idosas, atualmente com cerca de setenta anos ou mais, que ao exporem suas trajetórias de vida, trouxeram ao presente lembranças de vivências e experiências passadas. Em busca de uma compreensão a respeito de suas experiências, inicialmente como jovens mulheres migrantes, mães de família e agora senhoras aposentadas, ouvimos aquilo que elas se propuseram a contar.

Suas narrativas abrangem diferentes aspectos de suas vidas, desde o trabalho na roça, a falta de recursos, especialmente financeiros, a criação dos filhos, a migração para o espaço urbano e a posterior aposentadoria. Elas vêm acompanhadas de emoções geradas pelas lembranças das experiências cotidianas que elas tiveram no decorrer de sua trajetória.

Suas narrativas apontam para diferentes direções e nos permitem pensar em diversas questões relacionadas ao processo de mudanças socioeconômicas na região Oeste do Paraná a partir dos anos 1960 até os dias de hoje. Estas mudanças que aconteceram neste espaço geográfico e temporal contemplam temas como: migração interestadual, colonização, cotidiano familiar e vida na roça, mudanças nas formas de trabalho, migração campo-cidade, aposentadoria, envelhecimento, tempo e espaços de lazer, doenças, solidão e morte.

As entrevistadas trazem nas suas memórias sua própria visão sobre os acontecimentos vividos e experimentados por elas.

Ao trazer o recorte de gênero para pensar essas experiências, percebemos os significados e as práticas femininas presentes nas trajetórias de mulheres imigrantes que também ajudaram a construir a cidade e o campo e que ficaram invisibilizadas em muitas narrativas sobre a história da cidade. A história local é contada por memorialistas, com base no discurso do pioneirismo, como em outras cidades do Oeste do Paraná, sempre evidenciando o trabalho realizado pelos homens. As narrativas orais das entrevistadas revelam que as mulheres vieram e trabalharam junto, assim como os filhos. Consideramos, contudo, que o gênero atravessa a experiência de homens e

mulheres e expressa relações de poder e hierarquias<sup>348</sup>. Portanto, há que se tratar de posições e de atributos de gênero que são construções sociais de um dado momento histórico.

As mulheres entrevistadas ao narrarem suas experiências e vivências englobam toda a família, uma vez que seus maridos, filhos e netos fazem parte do seu universo cotidiano.

Assim, ao contar a trajetória das mulheres, procurei analisar aspectos da história da agricultura familiar, a inserção do agronegócio e a impossibilidade de permanecer no campo, a cidade como alternativa para os filhos. Elas são de uma geração de agricultores que migraram em busca de terra, mas, são também a geração que vê a agricultura familiar perder espaço para a produção em larga escala de soja e milho.

Portanto, com o intuito de realizar esse trabalho partindo das narrativas e experiências de mulheres idosas, procurei compreender, como elas, mulheres, se percebem em todo este processo. Considera-se a fonte oral como principal fonte da pesquisa, pois como nos adverte a historiadora Leda Maria Oliveira, os documentos escritos pouco nos informam sobre as pessoas que são “sujeitos sociais que constroem e (re) constroem, no cotidiano de suas vidas, sua história, sua subjetividade, sua cultura e seus valores”.<sup>349</sup>

Ao reconstruir histórias de vida, procurei reconstruir também as trajetórias de migração, a primeira do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina para Marechal Cândido Rondon em sua área rural, a colônia; e a segunda, no início da década de 1980, da colônia para a cidade. Essas mulheres migram em diferentes ciclos de vida, primeiro, quando se casam e seguem seus maridos em busca da terra, e depois, quando decidem novamente com seus maridos ir da colônia para a cidade. Ou seja, a experiência migratória perpassa sua trajetória de vida.

O historiador alemão Alexander Freund, ao abordar o tema migração conectando-o a uma discussão sobre memória, aponta a importância das histórias de vida, pois elas permitem analisar como a memória se constitui e é constituída socialmente. Para este autor:

---

<sup>348</sup> SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. In: **Projeto História**. São Paulo, n.16, 1998, p. 301.

<sup>349</sup> OLIVEIRA, Lêda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: **Muitas memórias, outras histórias**. Editora Olho d'Água. São Paulo, 2000, p. 266.

Histórias de vida, construídas através de entrevistas de história oral não são meramente relatos de experiências de indivíduos. Muito mais, são histórias de vivências constituídas no contexto de histórias familiares e nacionais. Vivências, experiências e memórias são sempre filtradas também por histórias maiores e plots, reconstruídas através da repetição de histórias, tanto que elas, por fim, acabam combinando com as próprias histórias de vida, de família e da nação.<sup>350</sup>

A realização de entrevistas de história de vida, neste trabalho, revelou-se um processo enriquecedor também em razão da troca de experiências entre entrevistadora e entrevistadas. As narrativas nos revelaram não só as experiências vividas, mas também os sentimentos, as expectativas e os sonhos que estiveram e continuam presentes na vida destas mulheres e de suas famílias. Expor estas experiências se mostrou um importante desafio para todos os envolvidos na pesquisa.

Acerca de memórias de velhos, a psicóloga social Ecléa Bosi descreve a importância de ouvir as experiências de quem viveu e trabalhou em outras épocas. No seu entender:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte.<sup>351</sup>

A análise das histórias de vida dessas mulheres procurou valorizar não só os aspectos sociais e históricos como também os aspectos emocionais e individuais presentes em cada narrativa oral. A análise das práticas cotidianas desenvolvidas por estas mulheres e seus maridos, filhos e familiares e das representações que elas fazem de suas experiências terão como função a construção de novos significados para conceitos como idade e velhice, e a forma como elas interagem com o mundo ao seu redor durante o processo de envelhecimento.

Dona Reni, com a simplicidade que lhe é própria, no final da entrevista expressou claramente ao dizer o quanto ela se sentiu honrada por ter sido procurada para

---

<sup>350</sup> FREUND, Alexander. Migração, memória e identidade: Narrativas de História Oral no contexto de histórias familiares e nacionais. In: **Anais do Encontro de História Oral**. s/data; s/página.

<sup>351</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 82.

narrar a sua história de vida. Principalmente pelo fato de ter sido valorizada, segundo ela, enquanto “pessoa velha”, que tem dificuldade de falar português por causa de sua descendência alemã, e da falta de “estudo”. Assim ela se expressa:

Dona Reni: Eu agradeço.

Entrevistadora: Eu que agradeço a senhora. Eu só queria saber se a senhora me autoriza a usar essa entrevista pro meu trabalho?

Dona Reni: Meu Deus, com todo o prazer, isso é uma honra pra mim. Nem que eu tô alemão, mas é uma honra, a gente vê que eles olham ainda pra pessoa velha, porque a gente nunca tinha estudo, eu fico muito agradecida. Se faltar um dia [alguma coisa], a porta sempre tá aberta.<sup>352</sup>

Percebe-se a identificação que dona Reni faz de si mesma, como a de uma “pessoa velha”, sem “estudo”. Ela se sentiu honrada pelo fato de ter sido entrevistada e assim lançado um “olhar” sobre os mais velhos e suas experiências de vida serem valorizadas também pelos mais jovens com um grau de estudo mais elevado.

Para concluir, não posso deixar de concordar plenamente com Ecléa Bosi quando ela ao se referir às entrevistas realizadas com pessoas idosas tão sabiamente afirma que:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.<sup>353</sup>

As histórias são muitas, assim como são muitas as possibilidades que se apresentam para investigações futuras. Espero que esta pesquisa não se encerre com este trabalho, mas que abra caminho para diferentes questões que não puderam ser contempladas e que outros trabalhos poderão contemplar ao trazer à tona novas indagações sobre o processo histórico estudado.

<sup>352</sup> Reni Riffel, 76 anos, entrevista concedida em 17/08/2011.

<sup>353</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.39.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: **Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível.** Organizadoras: Stella Bresciani e Márcia Naxara. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p.149-164.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p. 09-34.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas,** Florianópolis, 15(3), setembro-dezembro/2007, p. 745-772.

BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009).** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Marechal Cândido Rondon, 2009.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Organizado por). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro. vol. 2, n.3, 1989, p. 29-42.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1970.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume I. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BERQUÓ, Elza. Pirâmide da solidão. In: **Anais do quinto encontro nacional de estudos da população.** Águas de São Pedro: ABEP, 1998.

BERQUÓ, Elza. Evolução demográfica. In: **Brasil: um século de transformações.** Organização: Ignacy Sachs, Jorge Wilhelm e Paulo Sérgio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.14-37.

**Bíblia Sagrada:** nova versão internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. **Penélope. Fazer e desfazer história,** nº 4, nov. 1989, p. 157-187.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos C. de. (org) **Historiografia brasileira em perspectiva**. Contexto, São Paulo, 2000, p. 237-258.

BRUMER, Anita. Previdência social rural e gênero. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun, 2002, p. 50-81.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.10, n.19, 1997, p. 83-97.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos (Uberlândia 1938 – 1990)**. Tese de doutorado. PUC – SP, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer: 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COSTA, Tati Lourenço da. **Palimpsestos fotográficos. Imagens, lembranças e identificações em narrativas de pessoas idosas**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

DELGADO, Guilherme. O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. Texto para discussão nº688. **IPEA**. Rio de Janeiro, 1999.

DELGADO, Guilherme. Apud. BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis 12(1); janeiro-abril 2004, p. 205-227.

DELGADO, Josimara. Velhice, corpo e narrativa. **Horizontes Antropológicos**, ano 16, n.34, Porto Alegre, 2010, p. 189-212.

DEPS, Vera Lúcia. Atividades e bem-estar psicológico na maturidade. In: **Qualidade de vida e Idade Madura**. Anita Liberalesso Néri (org.) 9ª ed. Papirus, (Coleção vivacidade). Campinas, 2012, p. 51-73.

DUBY, Georges. Apud: PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. v.9, n.18, São Paulo, 1989, p. 09-18.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. A vida rural e a migração para São Paulo. 3ª edição. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1984.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

FERRARI, Walter Junior. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon – PR: a produção da cidade a partir do campo.** Dissertação de Mestrado. Dourados – MS, 2009.

FREUND, Alexander. Migração, memória e identidade: Narrativas de História Oral no contexto de histórias familiares e nacionais. In: **Anais do Encontro de História Oral.** s/data; s/página.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Walter Benjamin.** Os cacos da história. 2ª edição, 1993. Editora Brasiliense. São Paulo – SP.

GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre; CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 2.** Morar, cozinhar. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950 – 1990). In: **Tempos Históricos.** v. 05/06, M. C. Rondon: 2003/2004, p. 185-219.

GREEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. In: AREND, Sílvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Sílvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações.** Ed. Mulheres, Florianópolis, 2011, p.35-46.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações no Oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

**Idoso - Cidadão Brasileiro Conheça seus Direitos.** Secretaria Nacional da Terceira Idade. Cidade Gráfica Editora Ltda.

LANGARO, Jiani Fernando. **Para além dos pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná.** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas:** trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: 2005.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade.** Editora Moraes Ltda. São Paulo, SP. Primeira edição, 1991.

LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In: **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.), Elsevier, Rio de Janeiro, 1997, p. 165-184.

LUCA, Tânia Regina de. História, dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas.** Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (org.). **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 195-221.

MOTTA, Alda Britto da. **Gênero e envelhecimento**. Artigo de 26/09/2011. Em: [http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1](http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=65:g%C3%AAnero-e-envelhecimento&tmpl=component&print=1)

MOTTA, Flávia de Mattos. Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. EDUNISC, 1998. Apud: FONSECA, Cláudia. **As múltiplas mulheres brasileiras**. Palestra proferida durante o Seminário 500 anos de Dominação Masculina? Organizado pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, em 24 de março de 1999.

MOTTA, Flávia de Mattos. Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. EDUNISC, 1998. Apud: ALVES, Andréa Moraes. **Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas**. Em: <http://www.antropologia.com.br/tribo/genero/artigos/a2-aalves.pdf>

MÜLLER, Keith Derald. Colonização pioneira no Sul do Brasil: o caso de Toledo, Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 43, n.1, 1986, p. 83-139.

NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. **História Oral**, 3, 2000, p. 109-116.

OLIVEIRA, Lêda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: **Muitas memórias, outras histórias**. Editora Olho d'Água. São Paulo, 2000, p. 263-281.

PAGLIARINI, Raphael. **O “colono” na Cidade: Memórias e Viveres Rural-Urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, 2009.

PERIS, Alfredo Fonseca. (org.) **Estratégias de desenvolvimento regional: Região Oeste do Paraná**. Cascavel: Cascavel, 2003.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.9, n.18, ago/set 1989, pp 09-18.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: **Nova História das Mulheres**. Organizadoras: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol.1, nº 2, 1996, p. 59-72.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, 14, fev. 1997, p. 25-39.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar (Orgs.) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 21-41.

RENK, Arlene. Narrativas de mulheres: a diferença geracional. In: **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004, p. 91-116.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 8 (“Região”) Lisboa: Casa da Moeda, 1986.

SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, v. 8, n 1, 2005, p. 29-42.

SARTRE, Jean Paul. Entrevista concedida a Hélio Bicudo. **Revista Manchete**, n. 1459. Rio de Janeiro, 05 de abril e 1980. Apud: MARQUES, Ana Maria. Velhices problematizadas: redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina, no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990. **Tese de doutorado em História**. UFSC: Florianópolis, 2007.

SCHMITT, Judite Veranisa. **Os atingidos por Itaipu: História e Memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000**. Dissertação de Mestrado. PPGH UNIOESTE, 2008.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. In: **Projeto História**. São Paulo, n.16, 1998, p. 297-325.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n.2, Porto Alegre, 1995, p. 71- 99.

SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. 2 ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SCHREINER, Davi Félix. Memórias da luta pela terra: de sem-terra migrantes às ocupações coletivas. **Espaço Plural**. Ano X, nº 20, 1º semestre 2009, p.94-102.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº18, ano 7, 1992, p. 78-95.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.22, n.44, 2002, p. 425-438.

SILVA, Janine Gomes da. Lugares de memória, memórias de mulheres... **Espaço Plural**. Ano VIII, n 17, 2º semestre 2007, p.17-24.

SILVA JUNIOR. Arestides Pereira da. **Avaliação de idosos de dois grupos de convivência de Marechal Cândido Rondon à luz do ideário da promoção da saúde: implicações sobre elaboração de um programa de educação física**. Dissertação de Mestrado. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. **Revista História Oral** n.12, 2009, p. 177-206.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WEDING, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Comida e classificações: homens e mulheres em famílias camponesas. **Caderno Espaço Feminino** v.20, n. 02, Ago/Dez 2008, p.57-74.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico** 87. Brasília, 1990, p. 11-73.

## FONTES

### Orais

Carmelita Van der Sand tem 68 anos e mora na Rua Independência, 977, Ap.20. A entrevista foi realizada no dia 09 de junho de 2009. Ela nasceu em Augusto Pestana, Rio Grande do Sul no dia 03 de junho de 1943. Casou com Edvino Van der Sand em 22 de julho de 1961 com 18 anos. É mãe de 3 filhos homens e avó de 5 netos, sendo que a única filha faleceu pouco tempo após o nascimento. Mora no Paraná desde 1964 e trabalhou como agricultora na localidade de Pato Bragado. Mudou para a cidade em 1982, após perder parte de suas terras para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, e porque os filhos queriam estudar, pois na cidade já tinha 2º grau e faculdade. Atualmente vivem em prédio de sua propriedade, do aluguel dos apartamentos. Sua religião é católica. Os filhos trabalham no comércio, sendo que o mais velho mora em Curitiba, outro mora nos Estados Unidos e o mais novo mora em São Miguel do Iguazu.

Dora Kolm, tem 77 anos e mora na Rua Pará. A entrevista foi realizada no dia 08 de agosto de 2011. Ela nasceu no dia 23 de março de 1935 em Trombudo Central, Santa Catarina. Casou com Balduino Kolm em 22 de março de 1952 com 17 anos. É mãe de 8 filhos, avó de 19 netos e bisavó de 2 bisnetos. Mora no Paraná desde 1955 e trabalhou como agricultora na localidade de Mercedes. Mudou para a cidade em 1989, devido ao avanço da idade e a dificuldade de trabalhar “no pesado”. Continuaram com a propriedade e o marido ia para Mercedes diariamente para “ajudar”. Atualmente é aposentada, e ainda recebe pensão por ser viúva. Vive em casa própria. Sua religião é evangélica. Mantém a terra que é cuidada por um dos netos. O único filho homem segue na agricultura, duas de suas filhas são casadas com agricultores e moram no Paraguai, as outras filhas moram na cidade mas dependem da renda proveniente da terra, a mais nova mora em Rondônia e é professora.

Irmélia Drews Schmitt tem 72 anos e mora na Rua Blumenau, 60. A entrevista foi realizada no dia 08 de outubro de 2011. Ela nasceu no dia 08 de julho de 1939 em Augusto Pestana, Rio Grande do Sul. Casou com Gustavo Helvin Schmitt em 06 de outubro de 1960, com 21 anos. É mãe de 4 filhos, sendo 1 falecido, avó de 9 netos e bisavó de 4 bisnetos. Mora no Paraná desde 1972 e trabalhou como agricultora na

localidade de Pato Bragado junto com o marido e os filhos até serem desapropriados em razão da construção da usina hidrelétrica de Itaipu em 1981. Depois da indenização mudaram para a cidade para que os filhos pudessem estudar. Atualmente são aposentados e vivem em casa própria. Nenhum dos filhos trabalha na agricultura. Sua religião é evangélica.

Maria Adélia Lerner Griebeler tem 79 anos e mora na Rua Ceará, 735, Ap. 02. A entrevista foi realizada no dia 13 de setembro de 2011. Ela nasceu em 21 de junho de 1932 em Montenegro, Rio Grande do Sul. Casou com Anildo Griebeler em 21 de junho de 1952, com 20 anos. É mãe de 7 filhos, sendo 2 falecidos, avó de 12 netos e bisavó de 4 bisnetos. Mudou para o Paraná em 1961 junto com o marido e 5 filhos, estando grávida de 6 meses do sexto filho na época da mudança. Inicialmente moraram em Esquina Candeia, Palotina, junto com o irmão dela por cerca de cinco anos, até comprar a própria terra em Mercedes, onde passaram a morar e trabalharam na agricultura por 44 anos. Migraram para a cidade recentemente, há cerca de 1 ano, por não poder mais trabalhar na roça, por causa da saúde frágil. Eles venderam a terra e compraram duas casas na cidade que estão alugadas. Nenhum dos filhos trabalha na agricultura. O casal é aposentado e vive em apartamento alugado próximo do filho, pois necessitam de ajuda e cuidados. Sua religião é católica.

Olinda Camila Wittech tem 82 anos e mora na Rua Pernambuco, 1015. A entrevista foi realizada no dia 26 de agosto de 2011. Ela nasceu em Concórdia, Santa Catarina em 18 de junho de 1929. Casou com Ernesto Witech em 02 de agosto de 1947, com 18 anos. É mãe de 7 filhos, sendo 3 falecidos, avó de 15 netos e bisavó de 4 bisnetos. Mora no Paraná desde 1960, onde trabalhou como agricultora no interior do município. Mudou para a cidade há cerca de 30 anos, não lembra ao certo a data, para os filhos poderem estudar e trabalhar. O marido continuou trabalhando na colônia por mais alguns anos, até venderem a terra. Eles são aposentados e residem em casa própria. Apenas uma das filhas mora na colônia, os demais vivem e trabalham na cidade. Sua religião é católica.

Rení Riffel tem 76 anos e reside na Rua Sergipe, 60. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2011. Ela nasceu em Monte Negro, Rio Grande do Sul, em 15 de agosto de 1935. Casou com Hugo José Riffel em 11 de junho de 1957, com 22 anos. É mãe de 6 filhos e avó de 13 netos. Mora no estado do Paraná desde 1964, onde trabalhou como agricultora na localidade de Iguaporã. Mudou para a cidade em 1990 por problemas de

saúde do marido. O casal é aposentado e vive em casa própria, ainda possuem sua terra que é cuidada pelo filho. Nenhuma das filhas trabalha na terra, todas moram em espaços urbanos e trabalham no comércio. Sua religião é católica.

Valéria Wagner Armanje tem 71 anos e mora na Rua Mato Grosso, 545. A entrevista foi realizada no dia 04 de novembro de 2011. Ela nasceu em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul e mora no Paraná desde 1969, onde trabalhou como agricultora até 1978, quando se mudou para a cidade com a família. Casou com Arno Armanje em 05 de maio de 1958 com 18 anos. Ela é viúva, mãe de 5 filhos e avó de 8 netos. Atualmente vive em casa própria e tem como renda a pensão que recebe como viúva. Sua religião é evangélica. Os filhos moram e trabalham na cidade, sendo que um deles mora na Alemanha.

### **Escritas**

**JORNAL DA MELHOR IDADE.** Suplemento mensal editado em parceria com O JORNAL. Rua Espírito Santo, 1535. Marechal Cândido Rondon – PR. Edições de 2010, 2011 e 2012. Tiragem 5.000 exemplares.

**Estatuto do Idoso.** Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. In: **Idoso – Cidadão Brasileiro Conheça seus Direitos.** Secretaria Nacional de Terceira Idade. Cidade Gráfica Editora Ltda. Tiragem 100.000 exemplares.

**IBGE.** Contagem da População, 2007. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf> .

**PREVIDÊNCIA SOCIAL. Ministério da Previdência Social.** Disponível em: <http://www.mpas.gov.br/>

**IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.** Disponível em: [www.ipardes.gov.br/index.php%3Fpg\\_conteudo%3D1%26cod\\_co...](http://www.ipardes.gov.br/index.php%3Fpg_conteudo%3D1%26cod_co...) .

**ITAIPÚ BINACIONAL.** Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>.

STEIN, Loiva Maria. Coordenadora dos Clubes de Mães e Clubes de Idosos do município de Marechal Cândido Rondon. Informações fornecidas por escrito à autora em 20 de março de 2013.